

**Revista do
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DE FEIRA DE SANTANA**



Ano XVII - Número 17

REVISTA
Ano XVII – Nº 17 - 2020
Periodicidade Anual



**INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE FEIRA DE SANTANA**

Feira de Santana-BA - 2020

Periodicidade: Anual

Direitos Reservados:

IHGFS – Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana

Rua Araújo Pinho, 1331 - Olhos D'Água

CEP – 44003-456 -- Feira de Santana-BA

Telefone: (75) 3602.8655

Capas e layout : Eduardo Kruschewsky

Diagramação : Eduardo Kruschewsky

Revisão : Dázio Brasileiro Filho

*Os textos assinados são de inteira responsabilidade dos seus autores, não cabendo qualquer censura do IHGFS.
Permitida a reprodução, desde que autorizada.*

Comissão Editorial

Presidente : Neide Almeida da Cruz
Secretária : Neuza de Brito Carneiro
Dir. da Revista : Lélia Vitor Fernandes de Oliveira
Membros : Liacélia Pires Leal
Nilton Bellas Vieira
Rosana Mary Pérsico Vieira
Antônio Moreira Ferreira

FICHA CATALOGRÁFICA -BIBLIOTECA CENTRAL JULIETA CARTEADO

**Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de
Santana - Ano 1 , nº 1 - (Outubro 2004) - Feira de Santana:
Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana - 2004.**

v-1

Anual

**1. História. 2. Geografia, 3. Memória - Feira de Santana
(BA), Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.**

“O Necrológico de Francisco Adolfo de Varnhagen” mostra-nos claramente que a referida tensão atravessou a historiografia do final do Oitocentos e do início do Novecentos. Não sem razão, o conceito de evolução só se tornou dicionarizado a partir de 1878. Os vestígios desse tempo cíclico passam a ser substituídos por uma compressão acumulativa e linear da História das Civilizações”

Araújo, Ricardo Benzanquen (em Crítica e verdade em Capistrano de Abreu - Estudos históricos. Rio de Janeiro, 1988).



Fachada da Casa da Cultura, à Rua Dr. Araújo Pinho, 1331- Olhos D'Água, onde está instalada a sede do IHGFS.

DIRETORIA 2019/2022

Nilton Bellas Vieira – Presidente de Honra
Liacélia Pires Leal – Presidente
Dázio Brasileiro Filho – 1º Vice-Presidente
Antonio Moreira Ferreira – 2º Vice-Presidente
Nilza Silva Ribeiro – 3º Vice-Presidente
Neide Almeida da Cruz – Secretária Geral
Neuza de Brito Carneiro – Secretária Adjunta
Iany Brasileiro – Diretora do Arquivo
Marinalva Costa Albuquerque– Diretora Financeira
José Aderaldo de Miranda Souza - Diretor Financeiro Adjunto
Lélia Vitor Fernandes de Oliveira – Diretora de Publicações
Carlos Alberto de Almeida Mello – Diretor Adjunto de Publicações
Maria José Negrão dos Santos – Diretora de Biblioteca
Maria Lucila Ferreira de Pinho - Diretora de Biblioteca Adjunta
Rosana Mary Pérsico Vieira – Chefe de Cerimonial
Edmeia Pereira dos Santos Gomes – Chefe de Cerimonial Adjunta
Franklin Cerqueira Machado – Orador Oficial
Milton Pereira de Britto - Consultor Jurídico

SUPLENTES DE DIRETORIA

Kamila Vanessa Pérsico Vieira
Evanilda Andrade da Silva
José Ângelo Leite Pinto
Ana Rita Almeida Neves

CONSELHO FISCAL

Antônio Cassimiro Barreto Trindade
Josué da Silva Melo
Maria Luiza da Silva Coelho

SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL

Andréia Machado Castiglione de Araújo
Ana Maria Motta de Souza Nascimento

QUADRO SOCIAL

SÓCIOS BENEMÉRITOS

Adilson Guimarães
Alessandra de Souza Santos Ribeiro
Antonio Carlos Daltro Coelho
Edmundo Lopes Araújo
Florisberto Ferreira de Cerqueira
Gleide Maria Bastos Silva Figüêredo
João Batista de Cerqueira
José Onofre Gurjão Boavista da Cunha
José Ronaldo de Carvalho
João Marinho Gomes Junior
Tarcizio Suzart Pimenta Junior
Almirante Almir Garnier Santos.
Tenente Coronel Cláudio Eduardo Bouças
Tenente Coronel Janilson Campos Teixeira

SÓCIOS CORRESPONDENTES

Dário Teixeira Cotrim.
Fernando Conceição
Samuel Barros de Medeiros Albuquerque

SÓCIOS FUNDADORES

Antonio Moreira Ferreira.
Carlos Vianey Oliveira.
Eduardo José de Miranda Kruschewsky.
Evanilda Andrade da Silva.
Francisco Otávio Lima Ferreira.
Franklin Cerqueira Maxado.
Gil Mário de O. Menezes.
Iany Brasileiro.
Irma Rosa Amorim
Milton Pereira de Brito.
Nilton Bellas Vieira
Oscar Damião de Almeida.
Paulo César C. da Silva.
Raymundo Luiz de Oliveira Lopes

QUADRO ATUAL DE SÓCIOS

Antonio Moreira Ferreira.
Ana Rita Almeida Neves
Ana Maria Motta de Souza Nascimento
Andréia Machado Castiglione de Araújo
Antônio Cassimiro Barreto Trindade
Carlos Alberto de Almeida Mello
Célia Lima Ferreira
Cíntia Portugal de Almeida
Daniela Duarte Cedraz
Dázio Brasileiro Filho
Eduardo José de Miranda Kruschewsky
Edmeia Pereira dos Santos Gomes
Evanilda Andrade da Silva
Franklin Cerqueira Machado
Francisco Otávio Lima Ferreira
Gil Mário de O. Menezes
Iany Brasileiro
Iracly da Paz Nunes de Jesus
José Aderaldo de Miranda Souza
José Ângelo Leite Pinto
Josué da Silva Melo
Kamila Vanessa Pérsico Vieira
Lélia Vitor Fernandes de Oliveira
Liacélia Pires Leal
Lindinalva Matos Torres
Maria José Negrão dos Santos
Maria Luiza da Silva Coelho
Milton Pereira de Britto
Maria Lucila Ferreira de Pinho
Marinalva Costa Albuquerque
Neide Almeida da Cruz
Neuza de Brito Carneiro
Nilton Bellas Vieira
Nilza Silva Ribeiro
Norma Soares E. Silva

Raimundo Antonio Carneiro Pinto
Raymundo Luiz de Oliveira Lopes
Rita de Cássia Trabuco de Araújo
Rodrigo de Souza Alves
Rosana Mary Pérsico Vieira
Wilma Simões Vieira
Yara Maria Portugal Lima e Cruz

SÓCIOS - in memoriam

José Alexandrino Souza
Joselito Falcão de Amorim



O INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE FEIRA DE SANTANA é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, conforme a Lei Federal nº 9.790, de 23 de março de 1999, com prazo indeterminado, sem fins lucrativos, com autonomia administrativa, financeira e patrimonial e fundada em 21 de agosto de 2003. Registrado no Cartório de Títulos, Documentos e Registro Civil das Pessoas Jurídicas, sob o nº. 2.889 de 17/02/2004.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....15

ARTIGOS

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Antônio Moreira Ferreira.....21

DR. REMÉDIOS MONTEIRO - MISTO DE MÉDICO, CIENTISTA E HUMANITÁRIO

Dázio Brasileiro Filho.....23

A HISTÓRIA É CONSTITUÍDA DE FATOS, MITOS E LENDAS...

Eduardo Kruschewsky.....30

AS TOURADAS FEIRENSES DOS SÉCULOS XIX E XX

Fábio Santana Nunes.....36

FEIRA DE SANTANA, CLIMA E PANDEMIA EM 2020

Gilmário de Oliveira Menezes.....41

MARINO DE OFFIDA: UM MISSIONÁRIO DE CRISTO NA CIDADE PRINCESA

João Batista de Cerqueira.....43

ESCOLA CÍVICO-MILITAR

José Aderaldo de Miranda Souza.....70

DE REPENTE O MUNDO PAROU!	
José Angelo Leite Pinto.....	76
UM FILHO ILUSTRE DA PRINCESA	
Josué da Silva Melo.....	83
INDÚSTRIA - PRIMEIRO PASSO PARA O DESENVOLVIMENTO DE FEIRA DE SANTANA	
Lélia Vitor Fernandes de Oliveira.....	95
A HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO POLÍTICA DE FEIRA DE SANTANA: OS INTENDENTES	
Liacélia Pires Leal.....	105
FEIRA DE SANTANA NA HISTÓRIA - 1949	
Milton Pereira de Britto.....	112
A QUEDA DA MONARQUIA, O EXÍLIO E A MORTE DE D. PEDRO II	
Neide Almeida da Cruz.....	115
OS GRANDES VULTOS DA HISTÓRIA UNIVERSAL (PARTE 1)	
Nilton Bellas Vieira.....	128
PASSADO À CEM POR HORA	
Robson Silva Torres.....	133
A FEIRA QUE VIVI	
Roque Aras.....	138

O CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA	
Vitor Batista dos Santos.....	147

2020: UM ANO DESAFIADOR	
Liacélia Pires Leal.....	153

NECROLÓGIO

JOSÉ ALEXANDRINO DE SOUZA	
Lélia Vitor Fernandes de Oliveira.....	157

JOSÉ OLYMPIO MASCARENHAS	
André Mascarenhas.....	160

ANTÔNIO RAMOS DA SILVA (RAMOS FEIRENSE)	
Vitor Batista dos Santos.....	162

RECOMENDAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA	
REVISTA DO IHGFS.....	165

EDITORIAL

Está chegando o final do ano 2020, este, marcado por uma pandemia COVID – 19 que vem ceifando milhares de vidas humanas, preciosas, “pegas de surpresa” por um terrível vírus, que custou minutos, horas, dias, meses de estudos dos cientistas, ao redor do mundo, em busca de uma vacina que acautelasse as pessoas desse “mal da humanidade”. As esperanças, nos primeiros testes já acenavam o êxito da ciência, a vitória do bem contra o mal; os russos, chineses, britânicos, empenhados nessa batalha; unidos pelo amor ao próximo.

Um encerramento, para nós, sem festividades de praxe, em respeito aos passamentos dos nossos irmãos brasileiros, mulheres, homens e até crianças, que foram vítimas, desse mal maior do séc. XXI, imprevisto e imprevisível, daí ter-se iniciado o procedimento, adotado, inicialmente, pela ciência que foi o da investigação, para os métodos de estudos científicos; e vai como se deu, sob a égide da OMS.

Foi Hipócrates, considerado, “o pai da medicina”, o primeiro a felizmente, dissociar os sintomas das doenças, de causas religiosas, mágicas e supersticiosas, creditando diretamente, à essas causas, ao meio ambiente, e que seus sintomas eram reações naturais do corpo a tais males.

Viajando pela Grécia Antiga, praticando e ensinando a medicina, combatia a visão então predominante à época, de que as doenças eram uma punição dos deuses. Eram suas instruções, recomendava, que os médicos tivessem bons hábitos de higiene e asseio, e que transmitissem a seus pacientes, daí criarem-se postos de higiene e puericultura como prioritárias no interior do Brasil, uma tradição secular que transcendia da Europa, desde os tempos antigos

O brilhante Avicena, cientista-filósofo e médico da Idade Média, em sua obra, O Cânone da Medicina, uma rica enciclopédia de 14 volumes já trazia valiosos ensinamentos de como se adotar uma medicina em bases empíricas com exames, testes e a atitude firme, de não se aceitar nunca, a teoria de alguém sem comprovação. É na medicina que se provam as causas das doenças de saúde pública.

Já desde o período medieval os estudos de Avicena vertiam para a natureza contagiosa de algumas doenças; a do impacto do meio ambiente, e da alimentação na saúde; a da disseminação de doenças pela água e pelo solo; e a existência de doenças de sistema nervoso causadoras de distúrbios mentais. Avicena tinha idéias sobre quarentena, para evitar a disseminação de infecções e, já então, 600 anos antes de Antonie Van Leewenhoek ter descoberto as bactérias, usando um microscópio. Estudou doenças da pele, hoje conhecida como erisipela, tão combatida pela dermatologia, assim bem como o diabetes, pela primeira vez, em todo mundo.

A preocupação pelo asseio pessoal, lavagem diária das mãos e, sempre, nas horas das refeições, o cuidado com o meio ambiente, em que vive; sujeiras, lamaçal, com banhos diários, sempre foram objeto de percepção do médico, contra a bactéria e o vírus; portanto, a quarentena, também, não é a coisa nova, os antigos já a adotavam, até mesmo, pelos costumes, hábitos, etc...

Finalmente, em homenagem aos homens e mulheres, que combatem o mal do século XXI, nos hospitais deste país, médicos, enfermeiros, equipes de apoio, vale lembrar aqui neste Editorial, de forma especial, ao Pioneirismo, no USO DE VACINAS: EDWARD JENNER (1749-1823) médico britânico em suas pesquisas sobre inoculação (germes x doenças) deu início ao novo capítulo da medicina: o da imunologia, ele quem descobriu a vacina, contra a varíola, erradicando-a, segundo a OMS, através, de declaração oficial em 1980.

Réquiem para Robert Koch e Louis Pasteur, os dois juntos foram os químicos, descobridores tenazes, o primeiro, dos micróbios

causadores da tuberculose e da cólera e o segundo, uma vacina contra a raiva. A conhecida infecção hospitalar, detectada por ambos, no século XIX, deu-se ao reconhecerem que, muitas pessoas estavam morrendo, pela falta de limpeza (asepsia) sendo um dos fatores, que micróbios invadiam o corpo do paciente, após o ato cirúrgico, causando sérias infecções e doenças. Modernamente, esses ensinamentos de Pasteur passaram, a ser a base de procedimentos assépticos, em cirurgias, medidas que objetivavam impedir o acesso de germes perniciosos ao próprio centro cirúrgico. A preocupação de Pasteur com germes, era tamanha, que ele costumava limpar copos, pratos e talheres, com os guardanapos, antes das refeições. Cabe a ele, o crédito de ter proposto que os micro-organismos podem ser cultivados fora do corpo e, à Kock, a técnica da purificação de bacilos, por cultura de laboratório.

Pandemias já existiram e foram dizimadas, a exemplo daquela do antraz que assolou toda Europa. A doença era transmitida por cabras, ovelhas e gado, representando na época um grande perigo sobretudo, para pecuaristas e tratadores. Embora o bacilo do antraz (bactéria patogênica) houvesse sido descrito, pelo médico francês Casimir Davaine, em 1812, nenhum avanço para a prevenção e o tratamento da doença, tinha sido descoberto. Mas, a partir de 1875, foi Kock quem conseguiu isolar e preparar a cultura bacteriana do bacilo responsável pela doença. E, Pasteur o enfrentou com as armas da ciência, afastando os animais para bem longe das terras contaminadas e, passou, em 1877 a trabalhar no desenvolvimento de uma vacina contendo bactérias de antraz, aquecendo-a a 42° C enfraquecendo essas bactérias; ele a injetava depois em ovelhas, que contraíam a doença, mas logo se recuperavam dessa forma atenuada de antraz, desenvolvendo imunidades a futuros ataques. E, finalmente, a experiência final, que deu certo em proveito da humanidade: em 5 de maio de 1882, Pasteur inoculou vinte e cinco ovelhas e deixou outras vinte e cinco sem inoculação. Vinte e seis dias depois, injetou nas primeiras vinte e cinco ovelhas inoculadas, um preparado contendo

a fórmula virulenta do antraz. Dois dias depois, todas as ovelhas que não tinha recebido a injeção estavam mortas, mas as injetadas com o agente infeccioso continuavam vivas.

Coube, também, a esse químico francês Louis Pasteur (1822-95) a descoberta do eficaz processo de esterilização de alimentos, batizado em seu nome (pasteurização).

A ele, aos demais cientistas, que com dedicação aos estudos e, amor ao próximo, a exemplo de Alexander Fleming (1881-1955) com a descoberta do primeiro antibiótico do mundo, a penicilina “droga milagrosa” que salvou milhares de vida no planeta, a Linus Pauling, o químico americano que descobriu a “doença molecular”: a anemia falciforme; a primeira vacina contra a Poliomielite por Jonas Salk, que se torna conhecida como paralisia infantil que atacava o sistema nervoso, aleijava ou matava uma em cada 5 mil crianças, em epidemias anuais de verão nos Estados Unidos. A grande descoberta também pela pesquisa, no desenvolvimento de uma vacina contra a influenza. A Albert Sabin, a vacina descoberta por ele, a partir de 1958 foi apresentada ao mundo contra a mesma paralisia infantil, em luta igual, equânime, ao trabalho de Salk.

A todos esses grandes homens, que transmitiram ao mundo, através da ciência, nesse momento da Pandemia Covid-19, rendemos nossas homenagens; aos atuais, nossas orações, para que tudo no final dê certo e a humanidade volte a sorrir.

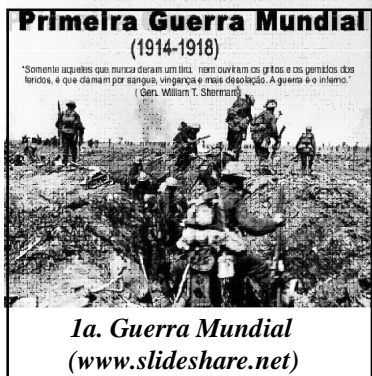
A Diretoria.

ARTIGOS

A TERCEIRA GUERRA MUNDIAL

Antonio Moreira Ferreira

Em 1918, terminava a 1ª

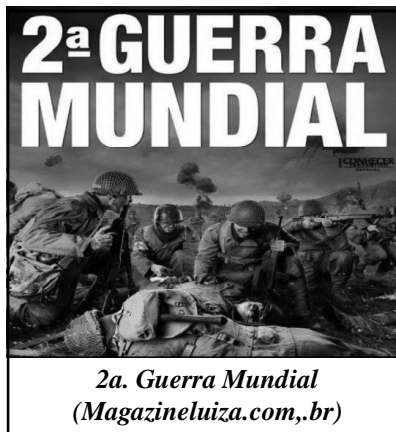


Guerra Mundial, iniciada em 1914. As maiores sequelas não foram a destruição material nem a queda da economia ou o número de mortos. A grande seqüela foi ódio e sede de vingança de alguns ignorantes, liderados por um soldado cuja loucura pelo poder levou o mundo à Segunda Guerra

Mundial.

A segunda guerra, iniciada em 1939 e terminada em setembro de 1945, já terminou com a cavalaria e os grandes navios encouraçados. Foi uma guerra com submarinos e bombas de alto poder de destruição, culminando com a bomba atômica em setembro de 1945.

Logo depois deu-se início a uma corrida armamentista e uma luta política para segurar



aliados, tudo pensando na terceira guerra. O mundo ficou se perguntando como será a 3ª guerra? Até mesmo o grande filósofo

da Relatividade, Albert Einstein, disse que a terceira não sabia, mas a quarta seria de paus e pedras.

Os grandes estudiosos de guerra erraram. Erraram estrategistas,



*3a. Guerra Mundial - contra o Covid 19
(www.defesenet.com)*

engenheiros e indústrias bélicas.

Surpresa geral. A terceira chegou. Chegou e ninguém viu. E está atacando o mundo sem encontrar resistência. Ela chegou com uma arma única: a morte.

A sua estratégia é quase imbatível: ataca nos dois extremos do sustentáculo da vida: a saúde e a

economia. Se pararmos em grandes isolamentos e parar a economia não tem dinheiro nem alimentação. Se não houver isolamento, morrem todos.

Vamos esperar que os cientistas bélicos se juntem aos cientistas farmacêuticos e possam acabar com esta guerra de um minúsculo e invisível vírus, que tem ceifado quase um milhão de vidas.

ANTONIO MOREIRA FERREIRA - Poeta, escritor, memorialista e jornalista, autor de diversos livros. Membro da Academia Feirense de Letras e Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.

DR. REMÉDIOS MONTEIRO
Misto de médico, cientista e humanitário.

Dázio Brasileiro Filho

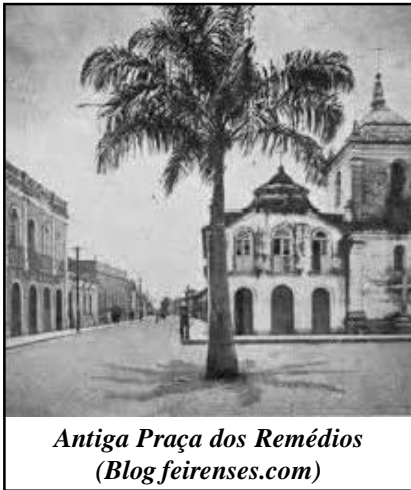
Quando criança, morando nesta cidade, sempre ouvia dizer:

- Vamos à Praça dos Remédios?
- Tem na Praça dos Remédios!
- É na Praça dos Remédios...

E assim cresci, pensando que a praça tinha alguma farmácia ou algo relativo à venda de remédios.

Somente depois de adulto constatei que este nome se

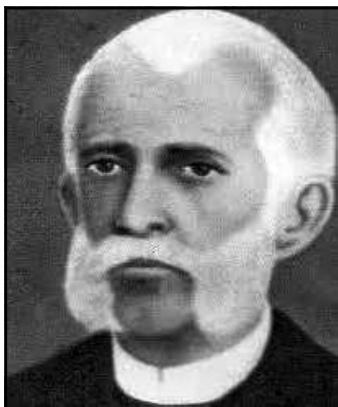
referia a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e, posteriormente, a um médico que morou aqui em Feira de Santana. Recentemente resolvi pesquisar quem foi Dr. Remédios Monteiro ou, mais precisamente, Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro.



Nascido a 16 de novembro de 1827, a bordo do navio Nossa Senhora do Socorro, procedente da Índia. Esse navio aportou em

Moçambique, onde, provavelmente, os seus pais desembarcaram e por lá permaneceram cerca de dois anos. (No registro da sua aprovação para a Academia Imperial de Medicina, o mesmo era moçambicano. Vários registros de viagem de navio o constam como sendo português.) Encontrei, no Diário Fluminense, volume

15, de 1830, a chegada, em 09 de fevereiro de 1830, de seu pai com a família, procedente de Moçambique, pelo galeão Conde



Dr. Remédios Monteiro
(*Blog Feirenses.com*)

Souzel. Esse navio saiu de Moçambique em 19/12/1829, trazia 1.166 escravos dos quais faleceram 123, durante a viagem de 52 dias. Seu pai, Joaquim Eleutério Monteiro, natural de Loutulim (Índia Portuguesa) e sua mãe, Maria Thereza Monteiro, de Bombaim (Índia Inglesa), pertenciam à casta brâmane, sem nenhuma descendência de sangue europeu. Viveu no Rio de Janeiro até sua formatura, em 20/11/1851,

na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro que contou com a presença de D. Pedro II. Depois de formado, mudou-se para a cidade de Resende, também no estado do Rio de Janeiro. Por sua grande capacidade foi admitido na Academia Imperial de Medicina, tendo sido médico do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, de onde pediu exoneração por não concordar com as péssimas instalações do local.

Estudo no exterior

Morou dois anos em Paris (de 1855 até 1857) onde foi aperfeiçoar seus estudos de medicina e aprender a falar e escrever o francês. Em Paris escreveu sobre a Casa de São Lázaro, um misto de prisão e hospital. Durante este período, visitou Strasbourg, Heidelberg, Munique e Bale, sempre em busca de novos conhecimentos. Ainda, durante sua permanência em Paris, preocupou-se em cuidar do seu lado cultural, frequentando a Exposição Universal de 1855.

Retorno ao Brasil

Ao voltar para o Rio de Janeiro casou-se com D. Maria Christina de La Sierra Pereira e foi residir, novamente, em Resende. Daí,

por causa de sua saúde, foi morar (02/12/1868) em Desterro (atual Florianópolis), onde, também, não se deu bem. Voltou a Resende, onde atuou, não só como médico, mas, participou de uma comissão especial de estudos a fim de canalizar a água para o consumo humano, obra que, alguns anos depois, conseguiu ver realizada. Voltou à cidade de Desterro, designado pelo governo, para ajudar num combate à cólera que grassava naquela cidade. Ainda em Santa Catarina, exerceu sua profissão na Marinha Brasileira e depois passou ao Exército, de onde era segundo cirurgião. Depois, em 1873, foi removido para a escola de tiro, em Realengo, no Rio de Janeiro. No ano de 1870, embarcou no iate Espírito Santo a fim de clinicar em Laguna, haja vista, ter surgido aí uma epidemia de febre amarela. Em razão de certa fragilidade em sua saúde teve que pedir baixa de sua carreira militar (26/04/1879), onde serviu por nove anos. Foi professor de História e Geografia no Liceu Provincial de Santa Catarina.

Demissão, a pedido, do Imperial Instituto dos Meninos Cegos

Hoje ninguém desconhece esse fato, mas, naquela época, quase ninguém sabia. Veja parte da justificativa que Dr. Remédios Monteiro escreveu para solicitar sua exoneração do cargo de médico do Imperial Instituto de Meninos Cegos do Rio de Janeiro:

...“as aulas são no andar térreo... esta parte do edifício é úmida pela qualidade do piso e por estar com o nível inferior ao quintal.... e finalmente pelo número das disposições de abertura por onde recebe pouca luz e pouco ar. Diz um provérbio popular – Onde não penetra a luz entra a moléstia.” “Existe dentro do quintal deste prédio uma larga vala que serve de esgoto às águas de diversas ruas e prédios. Pouco ou nenhum escoamento têm estas águas, decompõem-se pela ação do tempo, calor etc., e dão nascimento a putrefação a inumerável quantidade de mosquitos.”

Doador de livros

Fez uma doação significativa à Biblioteca Nacional, assim como à de Feira de Santana, tendo sido um grande incentivador da sua criação. Ao Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro doou, também, inúmeras obras, entre as quais: *Breves considerações sobre o estreitamento orgânico da uretra*, *Qual a composição do sangue humano*, *Tese compreendendo várias ciências*, *Algumas proposições sobre a talha litotricia* e mais algumas outras do seu apreciável acervo. Também a Biblioteca Provincial de Santa Catarina recebeu enorme quantidade de livros doados por ele. Ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil cedeu três volumes contendo quadros históricos de Goa. Nesta sessão, onde ele fez a doação, estava presente Sua Majestade D. Pedro II. Faria, ainda, muitas doações de alguns dos seus trabalhos para a Academia Brasiliense de Medicina.

Condecorações

Foi agraciado por Sua Majestade, em 1861, com a Comenda da Ordem de Cristo. Nesta época ele morava em Resende. Em



Portugal foi agraciado com esta mesma comenda, concedida pelo El-Rei Victor Manoel. Foi, ainda, Membro da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. Foi homenageado com o título de Sócio Honorário da Sociedade de Amor às Letras da cidade de Desterro.

Vinda para a Bahia

Sua vinda para a Bahia deveu-se a motivo de saúde. Pediu ao Exército, do qual era 2º

cirurgião, quatro meses de licença para vir se tratar na Bahia. Em 2 de julho de 1877, embarcou, no Rio de Janeiro, no paquete a vapor que, coincidentemente, tinha o mesmo nome do estado, Bahia. Trouxe consigo a esposa, Da. Maria Christina, sua filha Elvira e mais três criados e três escravos. Já se encontrava aqui na Bahia quando pediu baixa, após nove anos, 26/04/1879, da carreira de militar. A saúde o obrigara a isso.

Morada em Feira de Santana

Chegou aqui em Feira em novembro de 1879, e por aqui permanecendo até 04 de julho de 1901, quando veio a falecer. Durante sua morada em nossa terra, muito fez pela cidade, não só no campo da educação (incentivando a criação de uma biblioteca), no campo da saúde, quando providenciou esvaziar toda água do Tanque da Nação e remover o lodo que se encontrava no fundo do mesmo. (Essa extrema medida foi tomada como forma de se sanear um grande surto de dracunculo –filária- que surgiu na cidade); isso feito permitiu que se sanasse a questão o mais rapidamente possível, já que, segundo artigo de sua autoria na Gazeta Médica da Bahia, havia 15 anos sem acontecer nenhum caso dessa doença em nossa cidade; no campo social, esforçou-se em dar um grande apoio ao Padre Ovídio no tratamento das meninas órfãs do Asilo Nossa Senhora de Lourdes; e até na economia quando, por sua influência, trouxe o empresário português Joaquim de Mello Sampaio, proprietário da Chapelaria Norte Industrial para vir morar aqui. Esse industrial muito contribuiu para as obras sociais da cidade e foi o grande financiador para criação da biblioteca municipal. Também foi o referido empresário quem mandou vir de Paris a estátua que temos hoje do Padre Ovídio, na praça do mesmo nome. (Somente para ter uma noção do poder econômico desse empresário, ele empregava 500 funcionários na sua indústria e fabricava, por ano, 900.000 chapéus de variadas qualidades, tais como feltro, lã, pele de lebre, palha etc.). Vendia muito para o Rio de Janeiro. Essa indústria ficava em Salvador.



*Antiga Estátua do Padre Ovídio
(Blog Feirenses.com)*

liares, limpeza da cidade etc.

Na área política, Dr. Remédios chegou à presidência da Câmara Municipal, oportunidade em que conseguiu tomar várias e indispensáveis medidas para o saneamento da cidade, no que tange ao abate de animais, esgotos domiciliares, limpeza da cidade etc.

A Família

Casada com D. Maria Christina Pereira Monteiro com quem teve duas filhas: a primeira chamada Maria, faleceu aos 23 dias de nascida, de convulsão; a segunda, Elvira Remédios Monteiro, que manteve um namoro com o contista Virgílio Várzea, não chegando, contudo, a se casarem. Virgílio era admirador de Dr. Remédios e se correspondiam muito. Dr. Remédios herdou de seu pai dois grandes dons, o primeiro a solidariedade. Seu pai ajudava muito às pessoas menos favorecidas. Certa feita sustentou monetariamente, por dois anos, uma amiga. O segundo, a coletividade. O Sr. Eleutério distribuía gratuitamente aos associados do Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional sementes de arroz "Sofala", café e umas mudas de batatas próprias para fazer farinha. Essas sementes e mudas eram as melhores que se conheciam. Ele era sócio correspondente deste Conselho. Nesta época, mantinha seus negócios, também, em Moçambique. Hoje seria classificado como importador e exportador. Sr. Eleutério doou 10\$000 (dez mil réis) para construção do monumento equestre de D. Pedro I. Do círculo familiar mais próximo de Dr. Remédios fazia parte uma irmã. D. Maria Christina Pereira Monteiro faleceu em 29 de setembro de 1887, aqui em Feira de Santana, vítima de um tumor uterino.

Escritor

Além de centenas de artigos, mais de uma dezena de biografias e teses médicas, Dr. Remédios escreveu o livro: **Monarquia ou República**. Constatei durante as pesquisas, e de acordo com os comentários que li, Dr. Remédios era um monarquista.

Sobre Feira de Santana, ele escreveu inúmeros artigos mas, destaco este como um dos mais interessantes:

“A Feira de Santana como Sanatório da Tuberculose Pulmonar”.

Nesse seu trabalho ele diz:

“A atmosfera é pura e agradável e por vezes sentir-se-á embalsamada pelas emanações aromáticas do alecrim silvestre que viceja nos terrenos incultos da circunvizinhança. A Feira de Santana é uma estação encantadora; alegre como o sol que a doura.”

Cognominou Feira de Santana como ***“A Petrópolis da Bahia”***. Deve ser o primeiro cognome de Feira de Santana.

A cidade de Feira de Santana o homenageia tendo uma praça, no centro da cidade, com o seu nome.

Considerações finais

Há mais de dois anos venho realizando esta pesquisa. Muita coisa não foi possível colocar nesse trabalho por normas da editoração da Revista (quantidade permitida de páginas). Agradeço a imprescindível ajuda do amigo Luiz Carlos Oliveira de Almeida e de minha filha Amanda de Almeida Brasileiro Cavalcante.

DAZIO BRASILEIRO FILHO - Memorialista e Vice-Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana- IHGFS.

A HISTÓRIA É CONSTITUÍDA DE FATOS, MITOS E LENDAS...

Eduardo Kruschewsky

A observação nos ensina ser a História constituída de acontecimentos reais recheados de suposições, informações contraditórias e coisas do tipo “por ouvir contar”. Isto porque, a depender do autor, um fato, em suas minudências, sofre uma série de alterações. Muita coisa se perde e outras são adulteradas, sendo até romanceadas, por falta de informação e registro. Saliente-se que não existiam em determinados períodos históricos a fotografia, os recursos de tecnologias, ou mesmo alguém que deixasse registrado em escrita o fato, passando este a ser contado de acordo com diversos pontos de vista. Antes de polemizar, precisamos esclarecer algumas coisas, pois os anos de vida e o mergulho em pesquisas já nos fizeram ver que, como diziam os mais antigos, “quem conta um conto, aumenta um ponto...” Assim, trazendo o assunto para o meio em que vivemos, apontamos alguns pontos polêmicos na História de Feira de Santana:

DATA COMEMORATIVA – DIA DA VILA OU DIA DA CIDADE? -

Na sexta-feira, dia 18 de setembro de 2020, Feira de Santana completou 187 anos de emancipação. Aqui já encontramos um ponto de desencontro de opiniões do povo feirense:

Hoje em dia, considera-se o Decreto Imperial que torna Vila o arruado de Sanct’Anna da Feira. O local prosperava dentro da Fazenda de Santana dos Olhos D’Água e, em 1829, os moradores fizeram o pedido de elevação a Vila, desmembrando-se de Cachoeira. Este pedido foi encaminhado, em 13 de julho do mesmo ano, para o General José Egídio Gordilho de Barbuda, Presidente da Província da Bahia, para emissão de parecer. O

documento foi devolvido para o imperador D. Pedro I pelo General com opinião favorável e, somente em 13 de novembro de 1832, o imperador atendeu o pleito. Naquela época, as coisas aconteciam muito vagarosamente e mais um tempo decorreu: dez meses depois, em 18 de setembro de 1833, oficialmente o Decreto foi cumprido.

Mas, há outras datas que devem ser analisadas... Historiadores consideram que a data de comemoração é 16 de junho, dia em que foi assinado o Decreto Lei 1320, no ano de 1873, confirmando a votação na Assembleia Provincial da Bahia, ocorrida no dia 6 de março do mesmo ano, em terceira votação, elevando a Villa de Feira de Sanct'Anna a cidade com o nome de "Cidade Commercial de Feira de Sanct'Anna" juntamente com outra localidade, a "Cidade Florescente da Barra do Rio Grande", atual Barra-Bahia. Aí, fica a pergunta: Qual é data a ser seguida para comemoração?

a – O Decreto Imperial de 13 de novembro de 1832 tornando Vila?

b -O cumprimento deste Decreto em 18 de setembro de 1833?

c- A elevação a cidade pela Assembleia Provincial em 06 de março de 1873?

d- O Decreto Provincial confirmando isto em 16 de junho de 1873?

Sem querelas, perguntamos: Deve ser comemorado o Dia da Vila ou o Dia da Cidade? Geralmente, considera-se a data em que a Vila é elevada a Urbe, como o faz, por exemplo, Barra-Bahia, emancipada junto com Feira. A Princesa do Sertão já celebrou o aniversário em junho, porém no ano de 2000, atendendo pedido de alguns intelectuais, a Câmara Municipal mudou a comemoração, "romanticamente", para setembro. Em nossa opinião, a data correta seria 16 de junho, como anteriormente.

QUEM FOI O FUNDADOR DE FEIRA DE SANTANA? – Ao que se sabe, Feira nasceu bem antes do que alguns dizem. No século XVII, havia uma grande preocupação do governo de Portugal: A Colônia do Brasil, depois de passar pelo insucesso das Capitânias

Hereditárias e da distribuição de terras no Governo Geral do Brasil, por Tomé de Souza, em 1548, iniciou-se o século seguinte com muitas terras devolutas dentro de latifúndios como a Casa da Torre, pertencente a Garcia D'Ávila e a Casa de Pedra, da família de Caramuru. Estas terras precisavam ser colonizadas para gerar imposto para a Coroa. Assim, em 1615, a Região dos Tocós, onde nasceu Feira, foi repassada para gente como o Juiz da Câmara de Salvador, João Lobo de Mesquita, Miguel Ferreira Feio e outros. Feio aqui esteve e desistiu da doação, devolvendo seu quinhão à Coroa. Este lote, uma das possessões foi, então, entregue ao comerciante português João Peixoto Viegas, como prêmio por este ter se tornado "cristão novo" (judeu convertido ao cristianismo). Ao conhecer o local, o português resolveu se estabelecer aqui e foi nomeado pela Igreja como "Familiar" (uma espécie de representante da Santa Inquisição) para a região. Posteriormente, o novo morador, após instalado na região de São José das Itapororocas, tratou de adquirir mais terras e comprou as que foram doadas ao Juiz João Lobo. Em breve, a sede do latifúndio tornou-se um ponto de pernoite de tropeiros e vaqueiros e, em pouco tempo, formou-se um arruado.

O proprietário foi conquistando novas terras e formou o "Morgado de São José das Itapororocas". Com o falecimento do patriarca, a viúva voltou para Salvador deixando o patrimônio em poder dos filhos que o redistribuíram entre si, dando fim ao Morgado. A grande extensão de terras foi parcelada em diversas fazendas menores. No que se refere à chegada de Viegas na região de Tocós, há uma versão publicada na Wikipédia, que afirma ter João Peixoto aqui desembarcado em 1640. Parece-nos uma afirmativa sem embasamento.

O historiador Mons. Renato Andrade Galvão em seu trabalho "Os Povoadores da Região de Feira de Santana" cita uma Carta de concessão de quatro léguas em quadra na serra chamada Itapororocas no campo de Caxoeira" (sic) em favor de Miguel Ferreira

Feio, em 1615, e outra, 1619, concessão em favor de João Peixoto Viegas. Esta versão de que Viegas aqui chegou em 1640 pode ser desmentida pelo fato de que Viegas solicitou e conseguiu uma documentação renovada, em 1655, alegando extravio durante a Invasão Holandesa que ocorreu a partir de 1624, na Bahia. Convenhamos que os holandeses permaneceram na Bahia no período de maio de 1624 a maio de 1625...

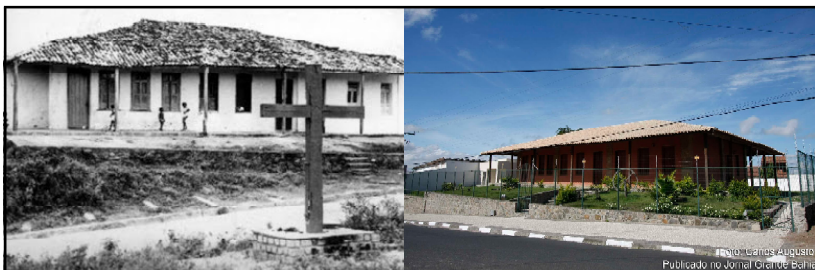


Antiga Capela de S. José das Itapororocas(blog feirenses.com)

Já no século XVIII, cerca de sessenta anos depois da divisão de terras entre os herdeiros, atraído por informações de terras férteis e baratas na Região dos Tocós, um comerciante de Cachoeira, chamado Domingos Barbosa de Araújo veio conhecer a região e instalou a "Fazenda Santana dos Olhos D'Água", onde passou a morar. Com a fartura de água, o imóvel, localizado no cruzamento de estradas de boiada, virou pouso de viajantes, sendo feitos grandes currais para abrigar o gado que ali pernoitava. Sem filhos, o casal foi permitindo que algumas pessoas ali ficassem morando e comércios foram sendo abertos, criando-se uma grande feira que, naquela época, primeiras décadas de 1700, chegou a ter a frequência de cerca de 4.000 pessoas! Muito católicos, Domingos

e Ana, no ano de 1732, doaram, na forma de usufruto, parte das terras (cem braças) para a Capela de Sant´Ana e São Domingos e, em 1735, o restante da fazenda, formando-se o “Encapelado de Sant´Ana dos Olhos D´Água”. O falecimento do casal causou uma grande polêmica já que a doação foi apenas apalavrada e quando os religiosos quiseram tomar posse do patrimônio, cumprido o usufruto, foram impedidos pelo Estado. A querela durou um século e somente, em 1848, por sentença judicial, é que tudo passou para a propriedade da União. Novas perguntas: Quem foi o fundador de Feira de Santana? Viegas, que fez surgir a Vila de São José, primeiro sinal de vida do Município de Feira de Santana? Ou Domingos Barbosa de Araújo que cerca de um século depois adquiriu uma fazenda oriunda do Morgado de São José, surgindo a sede do município? Ou podemos dizer que João Peixoto é o precursor do Município e Domingos Barbosa o da Cidade?

O CASARÃO DOS OLHOS D´ÁGUA FOI MORADA DE DOMINGOS E ANA?



O Casarão, antes e depois da reforma em 2006.

(fotos do blog feirenses.com)

Agora, com a instalação da Casa da Cultura no Casarão, acende-se, mais uma vez, uma antiga polêmica. Alguns afirmam, “de mãos juntas” que o imóvel era de propriedade do casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa (Brandão). Mas, existem aqueles, como eu, que discordam. Em 2006, através do Fazcultura, o casarão foi reformado pela Prefeitura Municipal, a pedido da Fundação da família Pedra e recentemente, quando de uma segunda reforma, novamente

pelo Município, foi assinado um Contrato de Comodato pelo prazo de 20 anos. Segundo historiadores, a sede da Fazenda Santana dos Olhos D'Água ficava nas proximidades do Polo Comercial conhecido como Feiraguai e a Capela de Sant'Ana e São Domingos, construída pelo casal, deu origem à atual Igreja Matriz da cidade. Além do mais, próximo da Capela, existia uma casa (Rua Araujo Pinho) que alguns, como o jornalista Hélder Alencar em seu Guia Turístico, de 1965, asseguram ter sido a moradia



do casal... Como uma área de terras, objeto de uma querela Estado-Clero e que, cerca de um século depois da morte de seus proprietários, passou para o domínio da União, no ano de 1848, poderia pertencer a esta família? Não seria estranho este imóvel ter ficado em mãos de particulares até o século XXI? Sobre o assunto, recomendamos a leitura do artigo "O Casarão dos Olhos D'Água", do arqueólogo Vitor Batista dos Santos. O casarão, abandonado,

estaria ainda em pé? Não há dúvidas de que o imóvel é uma testemunha de uma época, sem perder seu valor histórico... Convenhamos que a cidade cresceu tanto que algumas áreas rurais se tornaram urbanas, caso da fazenda que pertencia à família Pedra e propriedades outras, como a Mochila. Portanto, diríamos que o Casarão dos Olhos D'Água, sem ter pertencido a Domingos e Ana, é uma parte da Memória Feirense...

EDUARDO KRUSCHEWSKY – poeta, escritor e jornalista (DRT 2141). Ex-presidente da Academia Feirense de Letras e seu atual vice-presidente, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana e patrono da Fundação Egberto Costa.

AS TOURADAS FEIRENSES DOS SÉCULOS XIX E XX

Fábio Santana Nunes

Existiram diferentes modelos de organização das touradas no Brasil. Um primeiro modelo estatal desenvolvido durante o período colonial e parte do monárquico. Também, um segundo modelo empresarial, executado a partir de meados do século XIX ganhando diversas regiões do País, inclusive municípios interioranos. Nesse sentido, identificamos e analisamos os espetáculos tauromáquicos promovidos em Feira de Santana-BA, na transição das centúrias XIX para XX.

Alguns espaços símbolos dos divertimentos comercializáveis já se faziam presente na cidade, notadamente, um teatro e um hipódromo. O Teatro Sant'Anna realizava eventos pelo menos desde janeiro de 1885. (O VIGILANTE, n. 196, p.01, 16 ago. 1885). De igual forma, o Prado pertencente ao *Jockey Club* Feirense já era destacado na imprensa em setembro de 1890, sendo palco de grandes corridas de turfe organizadas pela Filarmônica 25 de Março, como ressaltado em livro organizado por Carlos Mello e Carlos Brito (2018), trazendo os textos publicados na coluna "Crônica Feirense" do jornal *Folha do Norte* que circulou nos anos de 1923 e 1924, tendo como editor, Arnold Ferreira da Silva, intendente da cidade nos anos de 1920, chegando a ser prefeito na década de 1950. A coluna trazia efemérides sobre a história de Feira de Santana.

Não foram encontradas referências às touradas em Feira de Santana entre os anos de 1877 e 1892. Fato que se modifica

em 1893 quando uma propaganda divulgada na imprensa com o título “Touradas” sinaliza a venda “um lindo guarda sol [...]” (*O MUNICÍPIO*, 1893, n. 132, p. 02), um pequeno indício.

A existência de apresentações tauromáquicas pôde ser mais bem evidenciada a partir dos meses de novembro e dezembro de 1896, quando o seguinte anúncio foi publicado na imprensa e persistiu por três finais de semana: “TOURADAS! COMPANHIA TAUROMACHICA”. Entre outras informações estava uma convocação: “AO HIPPODROMO”.

As touradas foram acolhidas por vezes nos hipódromos ligados originalmente, mas não exclusivamente, à realização de corridas de cavalo - o Turfe. Estatuto do Jockey Club Feirense entidade proprietária do Prado construído, possivelmente, entre meados de 1889 e 1890, na Avenida Sampaio, antiga Rua do ABC. O primeiro artigo do regulamento, trazia, além do objetivo de organizar corridas de cavalos, a meta de “explorar n’esta cidade [...] quaesquer outras diversões lícitas.” (*DIÁRIO DA BAHIA*, 07 nov. 1889, n. 249, p. 02).

A estreia foi em um domingo, 22 de novembro de 1896, possivelmente, uma das primeiras vezes que a execução deste tipo de divertimento fora anunciada na cidade. “O Espectaculo dará começo ás 4 horas da tarde.” Uma filarmônica local bem conceituada possuidora de muitos adeptos e simpatizantes, a “orchestra Victoria”, estava na programação que abrilhantaria o espetáculo “tocando maviosas peças de seu vasto repertorio”. (*O PROPULSOR*, n.06, p. 04, 20 novembro 1896). Os bois selecionados vinham de fazendas da região, os touros de raça brava e de lide não participavam. O elenco da quadrilha tauromáquica era provavelmente formado, exclusivamente, por toureiros profissionais espanhóis. O diretor da empresa, Dionysio Galindo, alcunhado de Lagartigilla, obteve sucesso nas principais

praças de touros da Espanha, Uruguai, Argentina e também no Brasil. (O COMMERCIO DE SÃO PAULO, 25 jan.1902)

Não existiu distinção etária ou gênero nos valores das



entradas do espetáculo. Nessa direção, assim como ocorreu em outras cidades pelo País, é possível conceber o registro de mulheres e crianças como espectadores das atividades taumáquicas na urbe fiirense.

No segundo semestre do ano de 1898, sinais de um possível retorno dos touros a desfilarem por estas paragens. Um pequeno comunicado anunciava: “Consta-nos que brevemente teremos n’esta cidade uma companhia de

CARTAZ DA TOURADA NA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA (Fonte: O PROPULSOR, n. 06, p. 04, 20 novembro 1896)

touradas.” (O Propulsor, 14 ago. 1898, p. 02). Contudo, não encontramos evidências posteriores da presença desse circo de touros ou de qualquer outro na cidade naquele ano.

Nos primeiros anos da nova centúria, em abril de 1905, mais uma vez um Circo de Touros surge na cidade. Teve seu

“pavilhão armado ao Campo General Câmara” e, na “Estréia”, “trabalhos de tauromachia” desenvolvidos pelo toureador de nacionalidade espanhola Manoel Ruiz Composto (MELLO; BRITO, 2018, p 31) ⁽¹⁾.

“ Jockey Club, estava provavelmente desativado. Agora, realizavam-se as touradas em local não institucionalizado, uma área no Campo General Câmara, anteriormente chamado por Campo das Gameleiras, e, ainda, por Campo do Gado - na realidade, seu nome mais conhecido. O palco destinado ao retorno do espetáculo silenciado no século precedente. Exatamente no mesmo espaço seguiam semanalmente as



**GRAVURA DE UMA TOURADA
FEIRENSE** (Fonte: MACHADO,
Franklin de C. *Feira de Santana-
Álbun. São Paulo: Cacimbinha,
1965, p. 97.*)

tradicionais Feiras de Gados, uma das maiores de todo o Nordeste do Brasil. Um lugar de encontro de sertanejos, vaqueiros, fazendeiros, magarefes, pessoas vindas de povoados vizinhos e de rincões distantes. Outros detalhes desse espetáculo não são conhecidos.”

Temos uma apresentação mimética publicada por Franklin Machado relatando este passado das touradas em paisagens feirenses, fruto possivelmente de uma memória coletiva.

⁽¹⁾ MELLO, Carlos Alberto Almeida; BRITO, Carlos Alberto Oliveira. *Memórias: - Arnold Ferreira da Silva. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, Núcleo de Preservação da Memória Feirense, 2018.*

Compondo este quadro, em conversa informal, o memorialista Antônio Moreira Ferreira “Lajedinho” traz de suas lembranças algumas funções tauromáquicas executadas ao lado da Igreja Matriz na Praça Padre Ovídio nos anos 30 e 40 da centúria XX.

Concluímos que apenas existiram arenas armadas provisoriamente em Feira de Santana, às vezes, em espaço já projetado, o hipódromo do *Jockey Club* Feirense, outras épocas, construídas em áreas abertas contíguas ao traçado urbano orgânico, o Campo do Gado, ou mesmo em regiões centrais, como a Matriz. Inexistem evidências de que a festa de touros compôs uma tradição popular feirense. Provavelmente uma novidade na cidade na última década oitocentista, de outro modo, assim como se procedeu em diversas regiões do Brasil, se expressou como um divertimento mercantilizado, exibido de forma esporádica por companhias tauromáquicas itinerantes.

FÁBIO SANTANA NUNES - Professor do Curso de Educação Física - UEFS; Doutorando em Estudos do Lazer – UFMG; Grupo de Pesquisa em História do Lazer – HISLA/CNPq; Colaborador do Feirareliquias.

FEIRA DE SANTANA, CLIMA E PANDEMIA EM 2020

Gil Mário de Oliveira Menezes



Máscara do século XIV para proteção da peste Bubônica (acervo do autor).

Feira de Santana é, sem dúvida, uma grande cidade. Suas largas e pujantes avenidas dividem a cidade, promovendo entendimento de trajetória: Avenida Getúlio Vargas e Presidente Dutra que são cortadas pela Avenida Senhor dos Passos e Avenida Maria Quitéria.

Ruy Barbosa apelidou Feira de “Princesa do Sertão”. Na realidade é o Portal do Sertão. Bem-sucedida no comércio, chega a ser a 33ª ou 34ª maior do país. Apaixonando seus moradores, sua temperatura ultrapassa com facilidade os 22°C e beira os 38°C com frequência. No entanto, a progressão do clima que tanto preocupa governos e cientistas no mundo todo com aumento de desconhecimento do controle. Agora em 2020, a

pandemia do novo Corona vírus - Covid 19, que não tem nenhum estudo recente de combate, com resposta científica comprovada.

Como é uma guerra global onde o inimigo comum é o vírus Covid 19, as nações não se digladiam entre si. Todos unidos em busca das drogas ou vacina que barrem este desastre. Entre as respostas no fundo do túnel a *hidroxicloroquina* ou *associada com azitromicina tem tido resposta favorável (sem confirmação científica)*.

A circulação de vírus entre continentes, hoje facilitado pelo transporte aéreo é conhecido por todos. Na antiguidade muito mais lenta, navegadores portugueses espalharam as gripes e varíola para os indígenas, em troca os índios devolveram para a Europa, a sífilis (bactéria Treponema pallidum). Artistas da época como Gauguin, Vincent van Gogh foram contaminados e Manet faleceu.

A pandemia do Covid 19 também acometeu a política de estados brasileiros, que não tinham visibilidade nacional e se aproveitaram para praticar os hábitos de ditadura, autorizando até a guarda municipal de prender civis em áreas públicas. Uma verdadeira manifestação de prepotência, esquecendo o objetivo global. Até o Papa Francisco pediu que os políticos esquecessem seus partidos e pensasse no povo.

Por tanto epidemias devastadoras sempre perseguiram a humanidade de tempos em tempos. Além das pandemias, McPherson supõe que algo como uma crise de alimentos ou colapso financeiro destruirá a civilização primeiro, e no fim, o pânico. Contudo, ajudado por Deus, o homem sempre dá a volta por cima.

GIL MÁRIO OLIVEIRA DE MENEZES - Artista Visual e Membro do IHGFS.

MARINO DE OFFIDA: UM MISSIONÁRIO DE CRISTO NA CIDADE PRINCESA

João Batista de Cerqueira

A saga missionária dos religiosos franciscanos em Feira de Santana tem por referencial a visita dos freis Germano de Colli del Tronto (1914-2002) e Henrique de Ascoli (1912-2001), membros da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, fato que aconteceu no início do ano de 1950. Há época, Frei Germano de Colli, que fora batizado com o nome de Antônio Citeroni, e era o Superior ou Custódio da Ordem dos Capuchinhos na Bahia, viajou para Feira de Santana para concluir as negociações de compra da área de terras de propriedade do senhor Fraterno Eliziário Oliveira (1919-2013) situada às margens da rodovia BR 324 que interliga Salvador à Cidade Princesa do Sertão (CERQUEIRA, CERQUEIRA, 2015, p. 100).

Em Feira de Santana, no mesmo ano em que aconteceu a aquisição do terreno, deu-se a instalação da Missão da Ordem dos Frades Capuchinhos. Para tal, foram designados para compor a fraternidade feirense os frades Henrique de Ascoli, Isaias de Civitanova e Graciano de Santo Elpídio, além do irmão Domenico. Recebido pelos religiosos da cidade, a exemplo do Padre Aderbal Saback Miranda (1915-1975) e do Cônego Mário Bahiense Pessoa da Silva (1894-1978), o grupo passou a residir nas dependências de uma casa no bairro do Ponto Central, situada em uma das esquinas da atual Avenida Getúlio Vargas com a Rua Governador Juraci Magalhães, do lado esquerdo e no sentido em direção ao centro da cidade. Já demolida atualmente, no terreno dessa antiga e ampla residência, foi construído um amplo prédio comercial (CERQUEIRA, CERQUEIRA, 2015, p. 100).

Instalada a Fraternidade dos Capuchinhos em Feira de

Santana uma das prioridades foi identificar um imóvel que pudesse ser utilizado, provisoriamente, para os cultos religiosos. À época, o bairro do Ponto Central, que já era habitado por dezenas de famílias, e onde também se situava a estação ferroviária que interligava Feira de Santana a Cachoeira, não dispunha de templos católicos. Nessa missão, com o apoio de Fraterno Elizário, aproveitando uma garagem na antiga Chácara Deus Dará, nas proximidades do terreno comprado pela Ordem Capuchinha, foi instalada uma capela para as celebrações religiosas. Atualmente, esse imóvel está situado na Rua Brigadeiro Eduardo Gomes, no atual bairro dos Capuchinhos.

Nas décadas seguintes à construção do Complexo Religioso e Educacional, que se fortaleceu ao incorporar a atual Rádio Sociedade News, a região se tornou um vetor de desenvolvimento para Feira de Santana. Além disso, o inovador e arrojado projeto arquitetônico da Igreja de Santo Antônio, mesmo antes da sua conclusão, passou a atrair o olhar e a admiração de todos. Em decorrência, Frei Diogo da Bahia, primeiro baiano ordenado frade capuchinho no Brasil, embora residindo em Taubaté, estado de São Paulo, escolheu a nova Igreja de Santo Antônio para celebrar as bodas de ouro de sua vida religiosa, numa celebração realizada no dia 31 de maio de 1957 (CERQUEIRA, CERQUEIRA, 2015, p. 100; MONTEIRO SOBRINHO, PINHO, MARCHESINE, 2014, p.94).

Além do mais, ao lado de mais de uma centena de leigos e religiosos, estes abnegados contribuíram com o empreendimento social e deixaram marcas expressivas em Feira de Santana e região. Frei Germano de Colli, responsável pela aquisição do terreno, em 1966, foi vigário paroquial em Feira de Santana; Frei Henrique de Ascoli acompanhou as obras de construção civil do Complexo Religioso e Educacional; Frei Hermenegildo de Castorano (1915-2008) fundou a Ordem Pia União, a revista A Voz de Santo Antônio, iniciou as transmissões

radiofônicas das missas e programas religiosos; Frei Aureliano de Grottammare ampliou as ações sociais através da fundação do Centro de Assistência Social Santo Antônio (CASSA); Frei Romano de Offida se tornou o primeiro pároco da Paróquia Santo Antônio; e Frei Marino de Offida (1936-2020), por mais de seis décadas foi regente do Coral Santo Antônio.

Frei Marino de Offida, posteriormente Padre Marino de Offida, era o nome de ordenação sacerdotal de Ludovico D'Angelo, que fez profissão solene em 17 de setembro de 1958, e foi ordenado presbítero em 8 de outubro de 1961. Era filho do casal



FREI MARINO E OS IRMÃOS - 1958
(Acervo do Coral S. Antônio)

Elena Valloroni e Carlo D'Angelo. Nasceu em Offida, província Ascoli Piceno, na Itália, em 9 de julho de 1936 e faleceu em Feira de Santana, Bahia, no dia 15 de março de 2020. Ao todo, o casal de formação católica Carlo e Elena gerou uma prole de seis

filhos, todos atualmente já falecidos: Carlos, o primogênito, nascido em 1925; Helena, que veio ao mundo em 1927; Paulo, em 1929; Adalgisa, em 1931; Ildo, em 1934; e Ludovico, o caçula, nascido em 1936. Dos seis irmãos (Figura 1), quatro consagraram suas vidas à Igreja: Frei Carlos, Frei Paulo, Irmã Helena e Frei Marino. Adalgisa faleceu ainda jovem e Ildo casou-se e gerou três filhos. ⁽¹⁾

(1) Entrevista concedida ao autor por Frei Marino de Offida. Feira de Santana, Bahia, 2016.

Na Fraternidade Capuchinha feirense, Frei Marino, que chegou à Feira de Santana no dia 15 de fevereiro de 1964, passou a exercer as funções de professor e diretor do Coral Santo Antônio, além de pároco no ano de 1977. Apaixonado por música, logo em 1965, no exercício da direção do coral, além de um piano, conseguiu transferir para a Igreja de Santo Antônio, um alto e belo órgão musical que, sem uso, encontrava-se no Convento dos Frades Capuchinhos da cidade de Esplanada, Bahia. Mais que isso, em 1979, mesmo transferido para a Fraternidade de Aracajú, em Sergipe, manteve-se na função de regente do Coral Santo Antônio, em Feira de Santana, enquanto exercia a função de pároco da Paróquia São Judas Tadeu (ARQUIVO DO CENTRO CULTURAL DOS CAPUCHINHOS, 1964, Documentos diversos).

2 - O canto coral na igreja dos frades capuchinhos - O canto coral é uma forma coletiva de expressão musical, cuja origem se perde nas brumas do tempo, entretanto tendo por berço os templos e demais espaços de adoração ao sagrado. No Ocidente Cristão, essa forma musical polifônica - que, simultaneamente, reúne diferentes cantores agrupados com base nas tessituras vocais, ou seja, grupo de notas musicais que o cantor consegue alcançar sem maiores esforços - tem sua origem nos mosteiros. Assim, formados por religiosos, também responsáveis pela preservação das culturas hebraica e greco-romana, principalmente a partir do século X, os corais passaram a ocupar um lugar de destaque nas igrejas, próximos de um órgão ou piano, e separados do conjunto dos demais orantes. Também é do citado período a separação do grupo de cantores em quatro subgrupos ou categorias: tenores, baixos, contraltos e sopranos. Em Feira de Santana, as fontes indicam que a iniciativa de organizar um grupo de canto coral na Igreja de Santo Antônio foi do Frei Serafim de Ribeira do Amparo (1931-2020), nascido em Ribeira do Amparo, cuja paróquia faz parte da Diocese de Alagoinhas, Bahia. Frei Serafim, que foi ordenado presbítero em 1954, fez

curso de especialização em Teologia Superior na Pontifícia Universidade de Roma, na Itália. Na Fraternidade Capuchinha feirense, onde permaneceu no período de 1960 e 1964, Frei Serafim foi professor do Ginásio Santo Antônio e organizou a Primeira Semana Bíblica (MONTEIRO SOBRINHO, PINHO, MARCHESINE, 2014, p. 143; PARÓQUIA SANTO ANTONIO, 2020; ARQUIVO DO CENTRO CULTURAL DOS CAPUCHINHOS, 2000, Documentos diversos).



Coral Santo Antônio com Frei Marino (Revista do Jubileu de Ouro da Festa de Sto. Antônio - 1965).

3. O Coral Santo Antônio sob a direção de Frei Marino - Ao chegar à fraternidade feirense o jovem Marino de Offida, encontrou um campo fértil para desenvolver suas atividades missionárias. Entre anos de 1964 e 1966, Frei Marino arregimentou alguns jovens e adultos, que faziam parte da Congregação Mariana para uma nova missão. A esse grupo, formado por pessoas de ambos os sexos, foram reunidos aos componentes do pioneiro Coral Feminino, dando assim origem ao novo Coral Santo Antônio. Dessa época é a foto acima, realizada ainda quando a porta central de acesso à Igreja de Santo Antônio era de tábuas de madeira agreste. Por sua vez, da Cruzada Eucarística, convidou crianças para formarem o Coral

Infantil Santo Antônio, inicialmente separados por sexo. Entre dezenas de crianças, fizeram parte do Coral Infantil:

Antônio Alves, Áurea Tosta, Auristela Tosta, Carlos Antônio da Silva Santana, Claudete Alves, Cláudio Rogério da Silva Santana, Edilza Brasil, Edson das Virgens Teles, Geraldo José Brandão, Heloisa Souza, João Batista de Cerqueira, José Augusto Carneiro Oliveira, José Raimundo Silva Santos, Laurentino Barbosa, Neide Barbosa, Raimundo José Brandão, Raimundo Nonato Luquine Gonçalves, Rubival de Souza Alves, Sonia Maria Alves, Virginia Barbosa ⁽²⁾

Incansável, Frei Marino se desdobrava para atender aos compromissos, inclusive aqueles que, apenas de véspera, viesse a tomar conhecimento. Um destes que bem ilustra o compromisso comunitário e evangelizador de Frei Marino, aconteceu no final do mês de dezembro de 1970, e tornou-se marcante para a vida do cantor do Coral Santo Antônio, Joselito de Oliveira Miranda (1948-1999), residente no bairro da Brasília. Ainda com emoção e saudade, Ana Lucia Bastos Miranda, viúva de Joselito, relembra o fato:

Joselito tinha muito orgulho de participar do Coral Santo Antônio. Inclusive, no dia 30 de dezembro de 1970, quando fomos nos casar, o casamento foi marcado apenas no Cartório civil, uma vez que Joselito tinha vergonha, pois fazia parte do Coral Santo Antônio, entretanto não era batizado. Isto caiu no ouvido de Frei Marino que no dia, para nossa surpresa, foi nos esperar na porta do Cartório de Registro Civil. Em seguida, após rápidos parabéns, nos convidou a entrar no carro e seguiu sem informar o

(2) Depoimento concedido ao autor por Ana Maria Alves Machado. Feira de Santana, Bahia, 2020.

destino. Entretanto, logo a surpresa se desfez: Frei Marino nos levou diretamente para a Igreja dos Capuchinhos. Ao chegarmos, emocionados, fomos recepcionados por inúmeros amigos além dos colegas e cantores do Coral Santo Antônio. Ato contínuo, emocionada com as músicas cantadas pelos amigos do Coral Santo Antônio, fui conduzida ao Altar onde aguardei que Joselito fosse batizado por Frei Marino, para então concelebrarmos o Sacramento Matrimonial. Era um clima de pura emoção! Pelas Graças de Deus e sensibilidade de Frei Marino de Offida, realmente, estávamos casados. (3)

Ademais, enquanto ensinava música, organizava e regia os corais infantil e adulto, Frei Marino de Offida começou a movimentar-se em dois diferentes sentidos. O primeiro foi no sentido de construir uma sede própria para os corais, uma vez que as salas utilizadas para os ensaios eram cedidas pelo Ginásio Santo Antônio. À época, o ginásio estava em processo de mudança para se tornar colégio, portanto teria mais alunos e precisaria de mais espaço para aulas e espaço recreativo. O segundo foi no sentido de institucionalizar o coral, inclusive com a perspectiva que a nova entidade viesse a ter autonomia e vida própria.

Nesse sentido, contando com o apoio de Frei Romano de Offida, que foi pároco nos anos de 1964 e 1965, bem como de Frei Germano de Colli, pároco nos anos de 1966 e 1967, além de ter o consentimento para elaborar um estatuto para o Coral Santo Antônio, cuja fundação foi datada de 30 de março de 1966, também foi escolhido o local para construção da sede para o Coral Santo Antônio. O local, situado no terreno comprado pela

(3) Entrevista concedida ao autor por Ana Lúcia Bastos Miranda. Feira de Santana, Bahia, 2020.

Ordem Capuchinha, ficava na extremidade oposta daquela ocupada pela Igreja de Santo Antônio. Escolhida a área, imediatamente, foi iniciada a construção financiada com recursos de amigos, coralistas, da Prefeitura Municipal e da própria Fraternidade Capuchinha. Frei Marino esteve à frente da edificação aparecendo sem barba, conduzindo um carro de mãos⁽⁴⁾ (FEIRA DE SANTANA, 1980).

Ainda sem acabamentos, em 1967, a sede própria do



*Construção da primeira sede do Coral Santo Antônio - 1965
(Acervo do Coral)*

Coral Santo Antônio, cuja frente de acesso externo era voltada para a atual Rua Frei Aureliano Grottammare, começou a funcionar. A edificação era formada por um salão, vestiários feminino e masculino, galpão, depósito e sanitários. A partir de então, ensaios, festas de confraternização, cursos de músicas e aulas de italiano passaram a ser ministrados no novo espaço. Atualmente, incorporada e utilizada como sala de aulas da Escola Infantil Recanto Santo Antônio, a primeira sede do Coral Santo

⁽⁴⁾ *Entrevista concedida ao autor por Frei Marino de Offida. Feira de Santana, Bahia, 2016.*

Antônio, fica situada próxima da esquina da Rua Frei Aurelino com a Rua Frei Henrique de Ascoli (JORNAL DA BAHIA, 1977, p. 12).

As duas iniciativas foram por demais exitosas. Em razão de ter sede e endereço próprio, bem como um Estatuto Social no qual estava registrado que os objetivos da instituição eram pesquisar e ensinar Música Regional, Canto Coral, História da Música e Etnografia Nacional, mediante projetos legislativos, o Coral Santo Antônio se tornou uma instituição de utilidade pública. Em nível estadual, foi agraciado pela Lei Ordinária Nº 2.642, de 08 de dezembro de 1968, aprovado pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e sancionado pelo Governador Luís Viana Filho (1908-1990): “Fica considerado de utilidade pública o Coral Santo Antônio, com sede no município de Feira de Santana” (BAHIA, 1968).



Coral Santo Antônio em caravana (Acervo do Coral)

Realmente, a institucionalização abriu novos espaços para a atuação do Coral Santo Antônio. O grupo ganhou fama e logo os convites para apresentações em outras cidades e estados

foram se multiplicando. Uma das que despertavam maiores expectativas, tanto para o Coral Infantil quanto para o Coral de Adultos, foi participação nas missas transmitidas ao vivo pela TV Itapoan. À época, a televisão era uma novidade, e para as apresentações, que eram ao vivo, o grupo se preparava com esmero. O Coral de Adultos se reunia na Igreja de Santo Antônio, saindo direto para a sede da televisão no bairro da Federação, em Salvador. Já os membros do Coral Infantil gozavam de outras regalias: viajavam na véspera da apresentação e se hospedavam no Convento Nossa Senhora da Piedade, de onde saíam para a apresentação.

Na educação não foi diferente. Desde que chegou à Fraternidade Capuchinha feirense, Frei Marino assumiu as cadeiras de Música e Língua Italiana no então Ginásio e depois Colégio Santo Antônio. À época, a instituição, que era dirigida por Frei Lucas de Queimadas (1926-2010), ganhou um grande impulso com a participação de Frei Felix de Pacatuba, que veio a substituir Frei Lucas na direção. Esses momentos são lembrados com gratidão pelo ex-aluno Dr. Edmilson da Silva Pimenta, professor do curso de Direito da Universidade Federal de Sergipe e juiz federal em Aracaju, estado de Sergipe:

Especialmente, Frei Marino, homem simples, humilde, crente em Deus e professor vocacionado. Foi com ele que aprendi a cultivar a Língua Italiana e, de logo, optei por ser a língua estrangeira do meu vestibular na UFBA. Frei Marino, que foi um mestre dedicado, além das aulas regulares, pacientemente, se dispôs a nos oferecer um curso especial de italiano, na sede do Coral Santo Antônio, uma instituição que ele regia com proficiência! O resultado foi extraordinário, pois quase obtive a nota máxima em italiano, no vestibular da UFBA, universidade na qual, com muito orgulho, me diplomei em Direito!

Obrigado, Frei Marino, o seu exemplo como sacerdote, mestre, homem de Deus e amigo jamais será esquecido ⁽⁵⁾

No campo musical, também não foi diferente. A abnegação de Frei Marino entusiasmava a todos que dele se aproximavam. As apresentações se multiplicavam, inclusive na tradicional Festa em Louvor a Senhora Santana, quando participou da celebração, registrada na foto a seguir, que tem na fila da frente os religiosos: Padre Mário Bahiense Pessoa da Silva, Monsenhor Francisco João M. Daltro (1935-2003), Frei Hermenegildo de Castorano e Padre Aderbal Saback Miranda (ROMA, 1976, p. 167).



*Coral S. Antônio na Catedral de Senhora Santana.
(Revista Missionária del Cappuccini – Anno LXIII.)*

Ademais, na medida em que os convites para a p r e s e n t a ç ã o aumentavam, também crescia o número de participantes, inclusive com membros do Coral Infantil que se tornaram adultos

(5) Depoimento concedido ao autor por Prof. Edmilson da Silva Pimenta. Aracajú, Sergipe, 2020.

e continuaram no canto.

Ao longo da década dos anos 1970, em média, o Coral Santo Antônio chegou a ter 40 cantores subdivididos nos quatro diferentes tipos ou categorias vocais: sopranos, contraltos, tenores e baixos. Com a ajuda de Maria Ana Souza Machado e Hilda Batista Rosa, entre outros, foram resgatados os seus nomes a seguir:

SOPRANOS: Romilda Barbosa, Ana Brito, Maria de Lurdes Alves, Ana Maria Alves Machado (zeze), Mari Euza Almeida Carmo, Miracy, Maria Ana de Souza, Marieta Melquiades Menezes, Miriam Moreira, Edleusa, Maria Carvalho, Noelia Barbosa, Zilma, Marilene, Diva, Leda Silva Soledade Silva, Rita Rosemary Martins Falcão, Noélia Lima Costa, Maria Gizelia da Silva Santos, Marinele Ribeiro, Maria de Fátima Damas Fraga Maia

CONTRALTOS: Maria Irene de Souza, Maria José Alves Nascimento, Hildete Neves de Farias, Maria do Amparo Coelho, Cleuza, Eunice, Edna dos Santos Nascimento, Josefa Carvalho, Margarida, Zelina Maria Ramos, Paulina Santana, Maria de Fátima Carvalho, Doralice, Zizinha, Mari Ney Carmo, Maria de Fátima Santos, Leonor da Silva Bastos, Mari Nayde Almeida Carmo, Claudiana Santana, Maria José da Silva Santos, Hilda Batista Rosa, Zoraide Nascimento, Josefa Queiroz,

TENORES: Eliel Maia, Joston Sobral de Oliveira, Misael Araújo, Benedito, Antônio Luís Marques, Nicolau Moreira, Edmilson, Manoel Silvino Alves Filho, João Almeida, Verival Santos, Edvaldo Alves, Frei Carlos André de Oliveira, Frei Expedito Martins, Israel dos Santos Nascimento, Roque Sena, Everaldo dos Santos, Luiz Santos, Geraldo Mendes

do Nascimento.

BAIXOS: Gilberto Ribeiro, Valdir, Daniel dos Santos Nascimento, Joselito de Oliveira Miranda, Jairo, Cecílio Gomes, Osvaldo Santos de Jesus, Cosme Castor, José Rodrigues, José Barbosa, José Raimundo Neves de Farias, Olegário Santos de Souza, Raimundo José Brandão, Osvaldo Martins, Narciso Neves Farias (6).

Por sua vez, nos meados da década de 1970, mesmo período em que Frei Marino compôs um novo arranjo para “Balaio”, música do folclore regional, também começou a tomar corpo um projeto que objetivava ampliar ainda mais a cultura musical em Feira de Santana e região: a criação do Centro de Pesquisa da Música Regional e Nacional (CEPEMURENA). O novo e ambicioso projeto, cuja logomarca foi projetada pelo arquiteto Amélio Amorim (1929- 1982), tinha por finalidades:

Organizar uma coleção de toda composição musical brasileira, quer erudita, quer popular, quer folclórica; estudar as características rítmicas, harmônicas, melódicas e instrumentais; divulgar a música regional e nacional através de publicações e contatos com estudiosos e entidades culturais; promover espetáculos musicais, festivais e concursos; promover a educação musical; aproveitar os elementos autóctones da música brasileira na Liturgia e Pastoral (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1975, p. 5).

4. - O quinquênio da transição - No que pesem o envolvimento com a vida feirense e a dedicação ao Coral Santo Antônio, antes do final de 1978, juntamente com Frei Aureliano de Grotammare, Frei Marino, que já estava em Feira de Santana há 14 anos, foi

(6) *Depoimento concedido ao autor por Ana Maria Alves Machado e Hilda Batista Rosa. Feira de Santana, Bahia, 2020.*

transferido para a cidade de Aracaju. Nesse período, ao mesmo tempo em que desenvolvia as atividades de pároco na Paróquia São Judas Tadeu, em Aracaju, nos anos de 1978 e 1979, encontrou tempo para também fazer um curso no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento e Promoção Humana, promovido pelos padres jesuítas, no Rio de Janeiro.

Entretanto, em 1980, após um período de angústia, reflexão e sofrimento, em razão de sucessivos desencontros, Frei Marino de Offida decidiu que era chegada a hora de formalizar o afastamento da Ordem Capuchinha. Ao longo das tratativas, de forma consensual, duas questões precisaram ser superadas. A primeira foi a entrega do prédio-sede do Coral Santo Antônio, uma vez que, em comodato, o equipamento foi edificado num terreno de propriedade da Ordem Capuchinha. Por sua vez, a segunda, tratava-se da alteração do Estatuto Social do Coral Santo Antônio, que à época, sem a participação de Frei Marino, tinha na direção três representantes da Ordem Capuchinha.

Superados os problemas, o edifício-sede foi entregue ao pároco da Igreja de Santo Antônio, ao tempo em que foi aprovado e assinado o novo Estatuto Social do Coral Santo Antônio. Nesse documento, além da mudança de endereço, a direção vinculada à Ordem Capuchinha, direção cessante, transferiu as suas funções para uma direção provisória, composta apenas por corralistas. A partir de então, em 19 de junho de 1980, o Coral Santo Antônio passou a ter por endereço a casa situada na Rua Coronel José Pinto, número 457, Feira de Santana. Além disso, a direção foi assumida por Rita Rosemary Martins Falcão, diretora; Daniel dos Santos Nascimento, secretário, e Noélia Lima Costa, tesoureira. Por sua vez, os ensaios do grupo passaram a ser realizados na Capela Nossa Senhora da Piedade, da Santa Casa de Misericórdia (FEIRA DE SANTANA, 1980a, p. 1).

Felizmente, para alívio dos corralistas, a tramitação de um processo de doação por parte do poder público municipal

tramitou em um prazo relativamente curto. O projeto, que solicitava autorização do Poder Legislativo para que o Poder Executivo fizesse a doação de um terreno ao Coral Santo Antônio, foi encaminhado pelo prefeito à Câmara Municipal de Vereadores. À época, o Legislativo feirense era presidido pelo vereador Renato Ribeiro de Sá Bittencourt Câmara (1942-2017), aliado e membro do mesmo partido do prefeito Colbert Martins da Silva (1928-1994), o Movimento Democrático Brasileiro (MDB). A tramitação foi rápida e a doação do terreno com a frente voltada para a Rua Macário Gomes de Cerqueira, no loteamento Muchilla, foi publicada na forma da Lei nº 874, de 21 de novembro de 1980 (FEIRA DE SANTANA, 2020).



Frei Marino ao lado de Dom Silvério e Padre Aldemar Melo-1983 (Acervo do Coral S. Antonio)

Essa vitória elevou em muito o ânimo dos corralistas. Proprietário de uma nova e grande área localizada no perímetro urbano da cidade, o grupo ganhou forças para enfrentar o desafio de construir uma nova sede. Da Itália, onde Marino de Offida permaneceu no ano de 1981, além da planta arquitetônica, amigos e familiares contribuíram com doações financeiras. Ao longo do

período, sempre acompanhado pelo amigo Padre Aldemar Melo (1934-1990), ao tempo em que atuava para conseguir recursos financeiros para execução das obras, informava das suas ações ao bispo da Diocese de Feira de Santana.

Dessa forma, Dom Silvério Albuquerque (1917-2013), que desde o início acompanhou a construção da nova sede do Coral Santo Antônio, teve ciência das fontes de financiamento das obras de edificação da nova sede da instituição.

Quatro anos depois, em 1985, tal qual acontecera ao longo da construção da primeira sede, a entidade voltou a ter o endereço de uma sede própria e o grupo a dispor de um amplo e confortável salão para realizar os ensaios e confraternizações. O novo e imponente equipamento foi projetado e construído com duas frentes de acesso: uma voltada para a Rua Dr. Macário Gomes de Cerqueira e a outra, voltada para a Rua Itacambira. Além disso, o edifício com dois pavimentos e cerca de 800 m² de área construída dispunha de um amplo salão para apresentações, celebrações, ensaios e confraternização, além de salas, vestuários, sanitários, garagens e aposentos. Desde então, Marino de Offida, já admitido na Diocese de Feira de Santana, passou a residir em um aposento na própria sede da entidade (FEIRA DE SANTANA, 1985).

O novo endereço oportunizou uma mudança na direção do Coral Santo Antônio, devidamente registrado no Estatuto Social. Para tal, ainda no primeiro trimestre, foi aprovada uma Emenda nº1, de 30 de março de 1985, pela qual foram eleitos os novos dirigentes. Padre Marino de Offida se tornou presidente da instituição, João Baptista Ferreira, um empresário de origem lusitana e liderança da classe empresarial feirense, assumiu a vice-presidência, e as coralistas Claudionora Souza Santana, a secretária, Hilda Batista Rosa, a direção social e Rita Rosemary Martins Falcão, a tesouraria. Ademais, ficou mais uma vez registrado que nenhum dirigente ou conselheiro

fiscal receberia qualquer pagamento (FEIRA DE SANTANA, 1985).

5. Um sacerdote diocesano - A acolhida de Marino de Offida na Diocese de Feira de Santana aconteceu de forma bastante natural e sem qualquer surpresa para a comunidade católica. O amor do sacerdote por Feira de Santana era por demais conhecido e a sua abnegação pelo Coral Santo Antônio era reconhecida por todos. Anteriormente, foi exatamente esse patrimônio imaterial o principal crédito de Marino de Offida para conseguir mobilizar e unir forças político- partidárias antagônicas em prol de um mesmo projeto, além de angariar respeito junto ao seio do clero feirense e reabrir as portas da Igreja. À época, a Diocese era dirigida por D. Silvério Albuquerque, tal qual Marino de Offida, um religioso de formação franciscana que, embora nascido em Olinda, estado de Pernambuco, começou a sua formação religiosa no Seminário Seráfico São Pedro Gonçalves, em João Pessoa, na Paraíba. (KRUSCHEWSKY, 2008 p. 60).

Por conseguinte, diretamente vinculado à Diocese de Feira de Santana e na condição de membro do clero secular, começou uma nova fase na vida religiosa de Marino de Offida. Nessa condição, ao longo de 25 anos, em períodos distintos, assumiu diferentes missões, entre as quais foi o primeiro



No Vaticano com Dom Silvério e o Papa João Paulo II - 1995 (arquivo do Coral Santo Antônio).

pároco da Paróquia da Santíssima Trindade do Bairro Feira X, representante da Diocese de Feira de Santana na Comissão Municipal de Apoio às vítimas das chuvas, pároco da Paróquia São José das Itapororocas, distrito de Maria Quitéria,

além de vigário da Paróquia Senhor dos Passos. Além disso, i n t e r c a l a n d o períodos em Feira de Santana e viagens à Itália, Padre Marino permaneceu à frente do Coral Santo Antônio. Dentre essas viagens, uma se revestiu de especial significado. Em 1995, participou da comitiva de Dom Silvério Albuquerque, que na sua última visita ao Papa João Paulo II, também se fazia acompanhar do Padre Pedro Moraes Brito Júnior e do novo bispo de Feira de Santana, Dom Itamar Vian. Nascido na cidade de Roca Sales, no Rio Grande do Sul, Dom Itamar Vian, tal qual Padre Marino, era um religioso formado na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (KRUSCHEWSKY, 2008. p. 222; ARQUIDIOCESE DE FEIRA DE SANTANA, 2020).

Além da oportunidade de rever amigos e familiares, as viagens que Padre Marino fez à Itália tiveram por objetivo também o tratamento da saúde. As lembranças da infância vivida em plena Segunda Guerra Mundial, a perda de familiares em trágicos acidentes, e ruptura com a Ordem Capuchinha, deixaram por resultante uma distonia neurovegetativa que o acompanhou por cerca de quatro décadas. Em razão disso, nos momentos de maior fragilidade buscava o seio familiar como forma de apoio. Entretanto, mesmo na Itália onde, segundo o Padre Luciano Curvelo de Almeida (7), “Padre Marino de Offida fundou e foi regente de 15 diferentes grupos de Canto Coral”, o sacerdote não se afastava da música e dos amigos do Coral Santo Antônio. Nem a chegada do novo milênio alterou os distúrbios neurovegetativos presentes na vida de Padre Marino desde o início da década dos anos 1980. Mesmo mantendo a sua rotina no clero secular e na regência do Coral Santo Antônio, em Feira de Santana, pelo menos a cada cinco anos Padre Marino retornava à Itália para diferentes tratamentos de saúde. Nesses períodos,

(7) Depoimento concedido ao autor pelo padre Luciano Curvelo de Almeida. Roma, Itália, em 2017.

a direção era assumida pelo vice-presidente João Baptista Ferreira e o grupo permanecia fazendo ensaios e apresentações sob a regência da coralista Maria de Fátima Damas Fraga Maia.

Um momento mais que especial, inclusive com a presença de Padre Marino, aconteceu em 2009. Naquele ano, a Santa Casa de Feira de Santana completou 150 anos de fundação. A mesa diretiva, que tinha a frente o Dr. Outran Sampaio Borges, com o objetivo de resgatar a história, resolveu promover uma semana de comemoração. Essa semana contou com palestra proferida pelo professor Geraldo Leite, médico e que fora vice-provedor da instituição, além do lançamento de um DVD e uma celebração de Ação de Graças. A palestra e o lançamento do DVD foram realizados no Auditório Dr. Eduardo Fróes da Motta, no Hospital D. Pedro de Alcântara.



Por sua vez, a Missa em Ação de Graças, realizada na Catedral Senhora Santana, foi presidida pelo Arcebispo Dom Itamar Vian e concelebrada pelos padres Luiz Rodrigues Oliveira, Pedro Moraes Brito Junior e pelo Frei José João Monteiro

Sobrinho. A celebração foi realizada no dia 25 de fevereiro de 2009, portanto no exato dia do sesquicentenário da Santa Casa de Misericórdia, e foi prestigiada por dezenas de lideranças religiosas, políticas, empresariais e comunitárias, além dos membros da irmandade da Santa Casa de Misericórdia e da população em geral. Ademais, ao longo da celebração, os presentes tiveram a oportunidade de assistir a mais uma bela

e harmoniosa apresentação do Coral Santo Antônio sob a regência do Padre Marino de Offida, inclusive com a participação de coralistas históricos.

6. A última travessia - Fragilizado na saúde, Padre Marino de Offida começou a perceber maiores dificuldade para concluir a parte física do projeto de construção civil da sede do Coral Santo Antônio, especialmente o Teatro de Arena e a Concha Acústica, dois dos equipamentos que faziam parte do projeto arquitetônico original. Em decorrência, contatado por representantes da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, sem resistências, concordou em ceder parte da área pertencente ao Coral Santo Antônio para que o poder público viesse a construir o Centro de Cultura Maestro Miro, inaugurado na segunda gestão do prefeito José Ronaldo de Carvalho. Mesmo assim, convidado pelo pároco da Catedral Metropolitana de Senhora Sant'Ana, Padre Pedro Moraes Junior, o Coral Santo Antônio realizou apresentações no Coreto da Praça Monsenhor Renato Galvão, situada em frente



Sede atual do Coral Santo Antônio-2020 (Acervo do Coral)

à catedral, a sé arquiépiscopal da Arquidiocese de Feira de Santana.

Ademais, é também nesse período de fragilidades que Padre Marino começou a pensar em uma alternativa para viabilizar a perenidade do Coral Santo Antônio. Para tal, iniciou os entendimentos com o então Arcebispo Metropolitano de Feira de Santana, Dom Itamar Vian, no sentido de que viesse a ser feita uma reforma no Estatuto Social do Coral Santo Antônio. O objetivo era que o todo patrimônio do Coral Santo Antônio passasse a ser propriedade da Arquidiocese de Feira de Santana. Além disso, foi aprovado que além dos membros natos, contribuintes e beneméritos, fossem incluídos no estatuto os membros da Arquidiocese, únicos que poderiam assumir a direção da instituição (FEIRA DE SANTANA, 2016).

Os entendimentos continuaram com a chegada do novo Arcebispo Metropolitano, Dom Zanoni Demettino Castro, que tomou posse na Arquidiocese de Feira de Santana, no dia 2 de dezembro de 2015. Da parte do Coral Santo Antônio, por unanimidade, os sócios aprovaram integralmente a proposta de reforma do Estatuto Social, mantendo os objetivos de pesquisar e estimular o Canto Coral, a História da Música, e a Etnografia Nacional. Além disso, simbolicamente, escolheram o dia 9 de julho de 2016 para aprovação do novo Estatuto Social, exatamente a data em que o Padre Marino de Offida completaria 80 anos de vida. O evento, organizado pelos amigos do Coral Santo Antônio, realizado na sede do Coral Santo Antônio, foi comemorado com uma Missa de Ação de Graças (FEIRA DE SANTANA, 2016).

Logo em seguida, no mês de agosto de 2016, Padre Marino viajou para a Itália e a direção do Coral Santo Antônio passou para o vice-presidente, João Baptista Ferreira. Da Itália, as notícias que chegavam eram sempre preocupantes. Segundo o Padre Luciano Curvelo de Almeida, que na Itália esteve com Padre Marino em diferentes momentos, ele esteve internado no Hospital Madonna del Soccorso em São Benedetto del Tronto e em

um Asilo, na cidade Ascoli Piceno. Desse período em solo pátrio, uma das últimas celebrações, datada de dezembro de 2017, aconteceu com a participação do Padre Luciano Curvelo, quando foi celebrada uma missa na igreja sede da Paróquia do Santíssimo Crucifixo de Ascoli Piceno. Presente na Missa de Ação de Graças, o grupo de Canto Coral da Igreja de Ascoli, fundado e regido pelo Padre Marino.



Mesmo em sua terra natal, Padre Marino não se esquecia de Feira de Santana e do Coral Santo Antônio. Por conseguinte, antes do final do primeiro semestre de 2018, decidiu por voltar para Feira de Santana.

Assim, aproveitando que o Padre Luciano Curvelo, em férias do curso de mestrado na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, viria para o Brasil, marcou também a sua viagem de retorno no mesmo voo do amigo. Na noite do dia 22 de junho de 2018, embora cansado pela travessia oceânica, ao desembarcar no aeroporto em Salvador, recebido pela coralista Fátima Damas e esposo, além do Padre Anderson Moura, Padre Marino de Offida, apoiando-se em uma bengala, demonstrava satisfação e alegria em retornar ao Brasil e ao convívio dos amigos feirenses.

Referente ao Padre Marino, infelizmente, o que muitos temiam veio a acontecer. Logo no início do mês de julho de 2018, mesmo acompanhado por amigos e em uso da bengala, ao descer por uma escada, o sacerdote foi vítima de uma queda e sofreu uma grave fratura de fêmur. Submetido a uma cirurgia para fixação óssea, resistiu bem, entretanto não mais recuperou a plenitude

da saúde. Presentes em todos os momentos, as lideranças da Igreja de Feira de Santana se desdobraram em atenção e cuidados assistenciais.

Posterior à bem-sucedida cirurgia e à consequente alta hospitalar, o Arcebispo Dom Zanoni Demettino Castro e monsenhor Luiz Rodrigues, pároco da Paróquia Senhor dos Passos, providenciaram acomodações na Casa do Papagaio, pertencente à Arquidiocese. Além disso, pediram para que as irmãs da Comunidade da Gruta do Rosário assumissem os cuidados necessários para restabelecer e preservar a saúde do Padre Marino de Offida. A Comunidade da Gruta do Rosário da Virgem Santíssima é uma organização religiosa de Feira de Santana, sem fins lucrativos e vinculada a Igreja Católica, fundada em 2004 por iniciativa de Maristela Ramos Pacheco Rodrigues, Anne Patrícia e Cristina Brito, mediante autorização e bênçãos do Arcebispo Emérito de Feira de Santana, Dom Itamar Vian. Registrada como organização religiosa em 2011, foi considerada de utilidade pública municipal pela Lei nº 3.414, de 13 de setembro de 2013. Dedicada ao serviço do próximo, parte do grupo, foi designado para a missão de cuidar do Padre Marino de Offida (FEIRA DE SANTANA, 2013, BRASIL).

Mesmo com toda assistência, os meses seguintes demandaram muitos internamentos hospitalares, cuidados e abnegação das irmãs da Gruta do Rosário e dos demais amigos da Igreja e do Coral Santo Antônio. Padre Marino, com fé e resiliência, nos momentos de lucidez, a tudo e a todos agradecia. Por fim, Deus chamou o missionário de volta para a morada eterna. A concorrida Missa de Corpo Presente, sob a presidência de Dom Zanoni Demettino Castro e concelebrada pelo Monsenhor Luiz Rodrigues e por Dom Giovanni Crippa, bispo de Estância, estado de Sergipe, um conterrâneo italiano e que fora pároco da Paróquia Santíssima Trindade do Bairro Feira X, foi celebrada na Capela Nossa Senhora da Piedade da Santa Casa de Misericórdia

de Feira de Santana. Nos ritos finais, o comparecimento dos coralistas, dos amigos e da Igreja foi marcante e, mais uma vez o cerimonial foi conduzido pelo Arcebispo Dom Zanoni Demettino Castro. Mais que isso, ao lado do túmulo, a presença dos eternos irmãos da Ordem dos Frades Menores Capuchinha, Frei Mário Sérgio de Souza, Pároco da Fraternidade Capuchinha de Feira de Santana, e Frei José João Monteiro Sobrinho, Presidente da Fundação Santo Antônio, solenemente, testemunhavam serem indissolúveis os fraternos laços franciscano que mantem unidos os verdadeiros Missionários de Cristo.

7. CONCLUSÃO - instalação da Missão da Ordem dos Frades Menores Capuchinha, que em 2020 está a comemorar os primeiros 70 anos de marcante presença, tornou-se um fato relevante para o desenvolvimento econômico e social de Feira de Santana. À época, início de 1950, ao construir na periferia da cidade um complexo religioso, educacional, de assistência e comunicação social, a Fraternidade Capuchinha promoveu um novo vetor de crescimento e de desenvolvimento urbano na Cidade Princesa do Sertão Baiano. Ademais, em razão da origem e do local de nascimento de alguns dos pioneiros missionários italianos, Feira de Santana, fraternalmente, em muito se aproxima da província de Ascoli Piceno, na Itália. Isso porque, foi nas cidades de Acqua Santa, Ascoli Piceno, Castorano, Colli Del Tronto, Magliano de Tenna, Offida e Ripatransone, todas situadas naquela província, onde nasceram os religiosos capuchinhos que em diferentes momentos, residindo e evangelizando, sonharam e se doaram em benefício do bem comum na nossa cidade.

Ao longo dos anos, para interagir com a sociedade feirense, diferentes iniciativas catequéticas e de interação social foram utilizadas pelos frades capuchinhos. Entre todas, entretanto, uma das mais longevas foi o Coral Santo Antônio, que regido pelo missionário Marino de Offida, por mais de seis décadas, promoveu a integração, a música, a educação e a

religiosidade entre centenas de adolescentes, jovens e adultos. Em Feira de Santana, tal qual em todo Ocidente cristão, essa forma coletiva de canto, tornou-se uma expressão da arte musical, de integração comunitária, de preservação cultural e de exaltação ao sagrado. Religioso, sonhador, músico e educador exemplar, Marino de Offida deixa um expressivo legado para a posteridade. Como se não bastassem as contribuições no campo da religião, da educação e das artes musicais, também deixou para a Arquidiocese de Feira de Santana, um amplo, valioso e belo patrimônio imobiliário. Situado na malha urbana e em uma área privilegiada, um terreno com cerca de 6 mil m², o equipamento é composto por uma casa e um amplo edifício composto de dois pavimentos. Construído com doações recebidas do poder público, igrejas, admiradores, ex-alunos, amigos e benfeitores, residentes tanto no Brasil quanto na Itália, por certo é o mais valioso bem imobiliário de tantos quantos foram legados por um sacerdote para a igreja feirense.

Em Feira de Santana, onde foram realizadas as exéquias, o missionário cristão Marino de Offida findou a sua caminhada terrena, amado, respeitado e amparado pelos amigos e pela Igreja. Rico em espiritualidade retornou a Casa do Pai fiel aos votos franciscanos de pobreza material: nada fez ou construiu para si, tudo foi pelo seu próximo e para o Pai.

REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE FEIRA DE SANTANA. Disponível em:

<http://www.arquidioces-fsa.org.br> Acesso: 1 de maio de 2020.

ARQUIVO HISTÓRICO DO CONVENTO NOSSA SENHORA DA PIEDADE. **Documentos diversos**: Salvador, Bahia, 1964.

ARQUIVO HISTÓRICO DO CONVENTO NOSSA SENHORA DA PIEDADE. **Documentos diversos**: Salvador, Bahia, 2000.

BAHIA. **Lei Ordinária nº 2.642, de 08 de dezembro de 1968.**

- Considera de utilidade pública o Coral Santo Antônio, com sede no município de Feira de Santana. Diário Oficial, Salvador, Bahia, 8 de dezembro de 1968.
- BRASIL. . Acesso em 5 de junho de 2020.
- CERQUEIRA, J. B; CERQUEIRA, E. A. **A presença dos religiosos de inspiração Franciscana na Cidade Princesa do Sertão.** - Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana, Feira de Santana, 2015. Edição Especial.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Salvador: [s. n.] Edição de 20 e 21 de julho 1975.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Informativo.** Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal de Vereadores de Feira de Santana (ASCOM). Feira de Santana, Bahia, 2020.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Estatutos do Coral Santo Antônio.** Feira de Santana, Bahia, 1980.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Estatutos do Coral Santo Antônio.** Feira de Santana, Bahia, 2016.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Emenda nº 1 ao Estatutos do Coral Santo Antônio.** Feira de Santana, Bahia, 1985.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Lei nº 874, de 21 de novembro de 1980.** Feira de Santana, Bahia, 1980.
- FEIRA DE SANTANA (BA). **Lei nº 3.414, de 13 de setembro de 2013.** Considera de utilidade pública a Comunidade da Gruta do Rosário da Virgem Santíssima, e da outras providências. Feira de Santana, 2013.
- GOBRY, I. **São Francisco de Assis e o espírito franciscano.** Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- GOFF, J. L. **São Francisco de Assis.** 6ª ed. Editora Record: Rio de Janeiro, 2001.
- TRIBUNA POPULAR. Feira de Santana: [s. n.], 17 de outubro de 1968.
- JORNAL DA BAHIA. Salvador: [s. n.], 27 de setembro de 1977.
- MONTEIRO SOBRINHO, J. J. M; PINHO, M. L. F; MARCHE-

SINE, J.C. **Frades Capuchinhos em Feira de Santana**. Feira de Santana, 2014. Edição Especial: Jubileu de Ouro.

KRUSCHEWSKY, C. A. **O campo arado por Jarbas**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2008.

PARÓQUIA SANTO ANTÔNIO. -
<http://www.paroquiadosantoantonio.com.br/> - Acesso em 10 de abril de 2020.

REVISTA MISSIONÁRIA DEL CAPPUCINI – **Anno LXIII**. Roma: Continenti, 1976.

REVISTA DO JUBILEU DE OURO DA FESTA DE SANTO ANTÔNIO. Feira de Santana: Gráfica Diarte, 2003.

JOÃO BATISTA DE CERQUEIRA – Mestre em Ciências Morfológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutorando do Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências, UEFS/UFBA E Professor Adjunto da disciplina Urologia da Universidade Estadual de Feira de Santana.

ESCOLA CÍVICO-MILITAR

José Aderaldo de Miranda Souza

Resumo: Este artigo visa trazer reflexões acerca do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares, uma iniciativa do Ministério da Educação, em parceria com o Ministério da Defesa, que apresenta um conceito de gestão nas áreas: educacional, didático-pedagógica e administrativa com a participação do corpo docente da escola e apoio dos militares. O objetivo é melhorar o processo de ensino-aprendizagem nas escolas públicas, neste modelo, militares da reserva, devidamente selecionados, assessoram a direção nos diversos processos da escola, com ênfase no acolhimento e na conduta do aluno, cuidando do projeto Valores que é direcionado pra formação cidadã, permitindo que professores trabalhem com alunos mais focados na aula.

Palavra-chave: educação, disciplina, valores.

Os números de nosso sistema educacional representam um grande desafio para qualquer educador, temos um pouco mais de 48 milhões de



alunos na Educação Básica, sendo 40 milhões matriculados na rede pública de ensino. Para atender seus alunos, o Brasil tem 186 mil escolas e cerca de 2,2 milhões de docentes espalhados pelo país.

escolacivicomilitar.mec.gov.br

Muitas escolas não têm a infraestrutura

adequada para o aprendizado, não possuem salas de leitura, bibliotecas ou acesso à internet, o que é considerado pelos especialistas um dos fatores que contribuem para o desestímulo dos alunos. Isso dificulta o desenvolvimento e incentivo a tecnologias educacionais que poderiam ser grandes aliadas dos professores e alunos.

Observamos em pesquisas nacionais e internacionais, que o sistema de ensino brasileiro é um dos mais ineficientes do planeta. Crianças e adolescentes sabem muito pouco do que deveriam saber: dominam precariamente a língua portuguesa e não possuem habilidades básicas em matemática. A falta de aprendizado é o nosso maior obstáculo educacional. Esta precariedade é facilmente verificada e subsiste independente das questões fiscais e de investimento público. É um ensino ruim quando os recursos financeiros são fartos ou escassos.

O Plano de Desenvolvimento Educacional (PDE) tem como principal meta uma educação básica de qualidade, o que levou o Governo Federal a implantar em 2020 o modelo MEC de Escola Cívico-Militar em cinquenta e quatro escolas públicas de ensino regular. O Programa Nacional de Escolas Cívico-Militar - Pecim visa atender escolas com um nível maior de complexidade de gestão, onde alunos em situação de vulnerabilidade social com desempenho abaixo da média estadual no Ideb. O Pecim, em especial o desempenho das escolas participantes, será objeto de avaliação de resultado, com o intuito de gerar evidências para o seu aperfeiçoamento, a partir de metodologia de acompanhamento definida e aplicada pelo Inep e/ou por empresa contratada para essa finalidade.

O foco do referido modelo está na utilização de uma gestão de excelência nas áreas educacional, didático-pedagógica e administrativa nas escolas públicas regulares, com o fim de melhorar a qualidade da educação básica. Ancorado em valores éticos e morais, vem sendo trabalhado, por mais de

um século, em um sistema de ensino reconhecidamente de qualidade, que tem alcançado resultados expressivos no cenário educacional nacional.



Alunos de uma Escola Cívico Militar

(www.tribunadonorte.com.br)

Com isso, busca-se o desenvolvimento de um ambiente escolar mais seguro para alunos, professores e funcionários, em que o foco está voltado para a melhoria do desempenho de toda a comunidade escolar, não só em relação aos aspectos didático-pedagógicos, mas também no que se refere ao crescimento pessoal, às relações interpessoais e ao desenvolvimento de valores de cidadania e civismo.

A integração das famílias à escola, a participação em atividades esportivas, artísticas e culturais, a orientação educacional, buscando elevar a autoestima dos jovens e adolescentes e mostrando a importância do estudo para um futuro melhor, o olhar para o aluno como um ser singular e integral e o desenvolvimento de valores e atitudes para a vida são alguns exemplos que deram certo nos Colégios Militares e

que, por isso, foram incorporados ao modelo cívico-militar.

Houve o cuidado do MEC com a seleção das escolas. Na Bahia apenas um município foi selecionado, a Escola Municipal Quinze de Novembro situada no distrito de Jaíba, em Feira de Santana BA. A unidade passou a se chamar Escola Cívico-Militar Quinze de Novembro, seu diretor é o professor Marcelo Augusto Daltro Martins e o Gestor militar o Capitão de Fragata José Aderaldo de Miranda Souza. O entusiasmo dos pais e alunos demonstrando o interesse da comunidade contribuiu com a escolha de Jaíba. Os alunos receberão material didático e esportivo, três mudas de uniformes: sala de aula, educação física e abrigo esportivo; professores e monitores também receberão uniformes. Para apoio ao programa, cada escola selecionada recebe um milhão de reais. A diretriz do MEC é implantar 216 Escolas Cívico-Militares em todo o país, até 2023, sendo 54 por ano.

Os professores ficaram satisfeitos com a implantação do modelo Cívico-Militar, já que passaram a receber um aluno mais focado na aula e motivado com a nova realidade. Todos os professores e profissionais da educação continuarão responsáveis pelo trabalho didático-pedagógico. O professor terá a disposição um monitor militar para qualquer auxílio quando solicitado. Para a ECIM de Feira de Santana, foram selecionados pelo ministério da Defesa, oficiais e praças da reserva das Forças Armadas. Os militares atuarão no apoio à gestão escolar e à gestão educacional, cuidando dos aspectos extraclasse, de maneira que o aluno seja o foco de todo o trabalho.

A presença de militares não indica a militarização desses alunos. Esse não é o objetivo do modelo da Escola Cívico-Militar do MEC. O papel dos militares é servir de referência e exemplo de cidadão e profissional e colaborar com os professores e servidores da escola no desenvolvimento de valores e atitudes e na formação e no desenvolvimento humano global dos alunos.

Os militares, atuando como monitores vão contribuir para a sensação de segurança no ambiente escolar e para a redução da violência, dos casos de *bullying* e de outras formas de discriminação, além de proporcionar acolhimento e oportunidades de diálogo, estimulando a solidariedade e o respeito mútuo entre as pessoas. De modo algum o aluno terá suas iniciativas tolhidas, pelo contrário, terá segurança para explorar suas potencialidades e satisfazer suas curiosidades já que o ambiente será favorável a novas vivências no decorrer da vida escolar, lhe proporcionando uma formação qualitativa no seu meio social.

A ênfase na educação em valores é essencial na sociedade atual, que exige do profissional, além das competências cognitivas, uma formação mais humanista e comprometida com o social. Nesse sentido, é importante pensar no resgate dos valores primordiais para a formação humana e o desenvolvimento integral do aluno. Buscando uma gestão excelente e para atuar, nessa gestão que os militares se fazem presentes nas escolas. Acredita-se que o convívio harmônico e cooperativo dos civis com os militares pode preencher algumas lacunas deixadas na formação integral dos alunos, especialmente nas dimensões afetiva, ética, social, moral e simbólica. Portanto, em um momento em que há carência de professores e que esses devem atuar em diferentes dimensões da formação dos alunos, os militares podem ser grandes aliados, nesse primeiro momento, na educação integral dos discentes.

Os militares terão tarefas complementares às dos docentes e não concorrentes. Todos fazem parte da mesma equipe, liderados pelo Diretor Escolar. O diálogo entre eles é permanente, buscando sempre ações conjuntas que possam aprimorar as práticas educativas da escola na formação integral do aluno. Portanto, os professores e os demais profissionais da educação continuarão responsáveis pelo trabalho em sala de aula, não

havendo a substituição dos profissionais da educação e, tampouco, do corpo docente.

Desse modo, o modelo cívico-militar tem como importante característica a formação de valores e atitudes, tão necessários ao desenvolvimento pleno do cidadão brasileiro. Para isso, contará com a participação e a colaboração de militares nas escolas, sem diminuir a importância dos profissionais da educação e da gestão didático-pedagógica.

REFERÊNCIAS

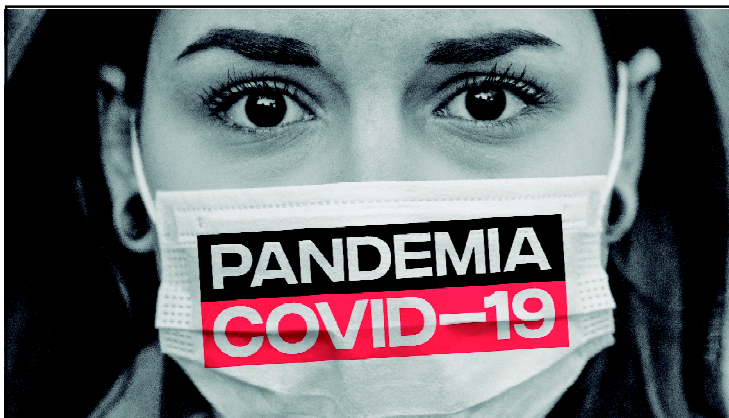
- AÇÃO EDUCATIVA: Unicef, Pnud, Inep e SEB/MEC (coordenadores). **Indicadores da Qualidade na Educação**. São Paulo: Ação Educativa, 2013, 4ª edição ampliada.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.
- BRASIL. **Decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019**. Institui o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024: Linha de Base**. Brasília, DF: Inep, 2015.
- BRASIL. **Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

JOSÉ ADERALDO DE MIRANDA SOUZA - Bacharelou-se em Administração e Ciências Navais; e Teologia; Pós-graduado em Marketing; Mestre em Educação e tem o Curso Superior da Escola de Guerra Naval na Marinha. Aposentado como Capitão de Fragata; escritor; membro do IHGFS.

DE REPENTE O MUNDO PAROU!

· José Angelo Leite Pinto

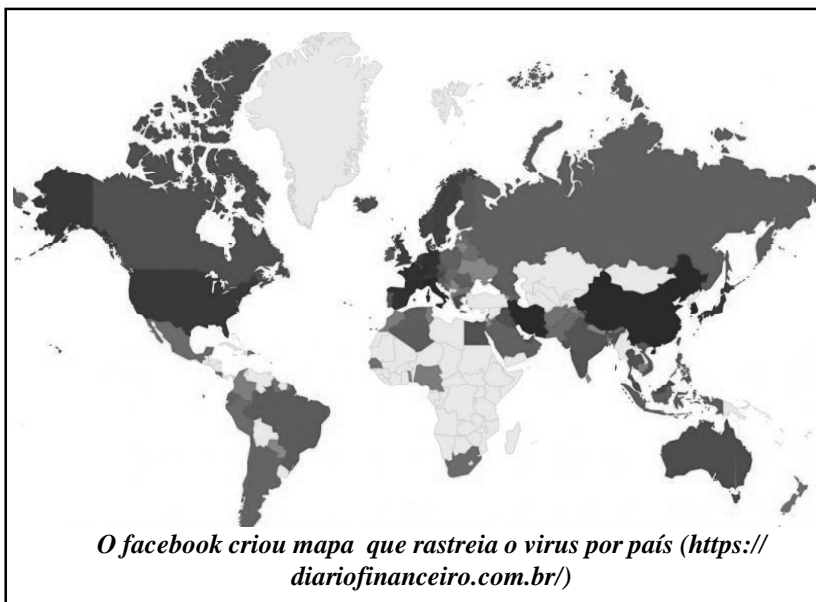
Parece que estamos fazendo parte de um filme de ficção científica tipo “Contágio”, “A Epidemia”, “Pandemia”, dentre tantos outros títulos do cinema. De uma hora para outra e numa velocidade sem precedentes, o mundo parou e percebemos que não se trata mais de ficção, mas que todos fazemos parte desta triste história da pandemia do COVID-19 a nível mundial. Uma doença infecciosa causada por um novo vírus e que causa problemas respiratórios semelhantes à gripe e sintomas como tosse, febre e em casos mais graves, dificuldade para respirar, na maioria das vezes levando à morte. Quarentena geral, isolamento social, “lockdown” (que significa confinamento e que o Brasil passou a usar este termo em inglês), evitar aglomerações, uso de máscara, lavar as mãos frequentemente, usar álcool em gel e higiene ambiental aumentada, são os recursos que todos estão utilizando, já que não existe cura.



Pandemia (acervo do autor)

Diferente das grandes epidemias do passado, atualmente nos deslocamos em algumas horas para qualquer parte do planeta e com isso, não existem fronteiras, nem países, nem partidos políticos, classes sociais, poder econômico, nem raça, cor ou credo que esteja imune. Momento para interiorizar e refletir o que realmente importa na vida e quais os valores que damos ênfase nela.

O nome coronavírus é resultante das características do vírus se assemelhar a uma coroa (em espanhol fala-se corona). O novo coronavírus (SARS-Cov-2) causa a doença denominada **COVID-19**, que teve seus primeiros casos apresentados na cidade de Wuhan (com população superior à cidade de São Paulo), capital da província de Hubei, na China, no final do ano de 2019. No dia 23 de janeiro de 2020, foi decretada quarentena na cidade de Wuhan, no entanto, a doença não ficou restrita àquela localidade e espalhou-se, inicialmente pela China, em seguida, Ásia e, assim, para muitos outros países numa velocidade muito grande.



No dia **11 de março de 2020**, a **Organização Mundial de Saúde (OMS)** decretou estado de **pandemia da COVID-19**. Naquela data, já havia mais de 118 mil casos da doença registrados em mais de 100 países e 4.291 mortes.

O termo **pandemia** refere-se a uma situação em que a ocorrência de uma determinada doença infecciosa não ocorre apenas em uma só localidade, espalhando-se por diversos países e em mais de um continente, com transmissão sustentada entre pessoas. Especialistas explicam que a **transmissão sustentada** é caracterizada pela transmissão da doença por um indivíduo infectado, que não esteve nos países com registro da doença a outro indivíduo que também não esteve em tais países.

O Ministério da Saúde confirmou em 26 de fevereiro, o primeiro caso de coronavírus no Brasil e mesmo já sendo identificado em outros países, no Brasil aconteceu o famoso Carnaval em todos os estados alguns dias antes, onde os Governadores de Estado afirmaram não haver nenhum tipo de risco para sua propagação. Inicialmente esta doença chegou ao Brasil através de pessoas que vieram do exterior e em 17 de março de 2020, o Ministério da Saúde confirmou a primeira morte por coronavírus no Brasil e até hoje 30 de setembro de 2020 no país, existem 4.780.317 casos confirmados, 143.010 mortes e 4.135.088 de pessoas recuperadas, segundo informações oficiais desse Ministério.

A Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Sesab), informou no dia 06 de março de 2020, o primeiro caso confirmado do novo coronavírus no estado da Bahia, que aconteceu em Feira de Santana de uma mulher de 34 anos, moradora da cidade, que retornou da Itália em 25 de fevereiro. Atualmente (08/06/2020) existem 1.025 casos confirmados no município, com 18 mortes, segundo informações da Secretaria Municipal de Saúde. Em virtude do rápido crescimento de casos positivos em Feira de Santana, o Prefeito Colbert Martins da Silva Filho, que também é Médico

Infectologista e Professor Universitário, tomou várias medidas buscando reduzir os casos no município, dentre eles o fechamento do comércio, permitindo apenas farmácias, supermercados, padarias, postos de combustível e clínicas, já as lojas de vestuário e restaurantes apenas na modalidade “delivery”.

No dia 19 de março, o Prefeito baixou o primeiro decreto municipal determinando o fechamento do comércio de Feira de Santana pelo período de uma semana (de 21 a 29 de março de 2020), como medida de prevenção à pandemia de Covid-19 e de lá para cá, já foram renovados vários decretos de fechamento do comércio a fim de reduzir o fluxo de pessoas nas lojas, transporte público e ruas da cidade. Segundo levantamento da Secretaria Municipal de Saúde, a população de alguns bairros continua circulando livremente, indiferentes à situação, tornando estas regiões do SIM, Tomba, Papagaio, Brasília, Jardim Cruzeiro, Calumbí, Mangabeira, Rua Nova, Santa Mônica e Conceição, bairros com maior incidência de casos, obrigando o Prefeito a determinar “lockdown” nos finais de semana.

Como nossa cidade possui apenas o Hospital Geral Clériston Andrade, para atender toda a região de Feira de Santana e possui apenas 24 leitos de UTI adulto, tão necessários para o atendimento dos casos mais graves da doença, o Prefeito Municipal requisitou administrativamente o imóvel do antigo Hospital privado Mater Day, desativado há seis meses e localizado no final da Av. João Durval Carneiro, bem como os bens móveis nele existentes para utilizá-lo como Hospital de Campanha. Após reforma e desinfecção foi equipado e inaugurado, no dia 05 de junho, com 10 leitos de UTI e 50 leitos clínicos, exclusivos para atendimentos a pacientes de Covid-19.

Durante esta terrível pandemia que assola todo o planeta e que até o momento já causou mais de 1.009.593 de mortes, vale destacar o desencontro de informações por parte da Organização Mundial da Saúde, as quais todos os países são obrigados a seguir

e muitas vezes causando uma descrença na população, por não saber como agir. No início de março foi orientado que máscaras só deveriam ser usadas por profissionais de saúde e que só as máscaras cirúrgicas industrializadas eram eficientes. Depois publicou nova orientação no início do mês de maio que as máscaras caseiras e artesanais também eram eficientes e que todas as pessoas deveriam usá-las.



*Hospital de Campanha - F. de Santana
(www.feiradesantana.ba.gov.br)*

A última orientação ocorrida no dia 07 de junho, informa que as máscaras caseiras e artesanais não são eficientes e que todos devem usar máscaras cirúrgicas e outros modelos industrializados. E não para por aí, também grandes desencontros de informações com relação a vários medicamentos que podem ser usados no início da contaminação para aliviar os sintomas, muitos desprezados pela OMS e que depois volta mais uma vez, autorizando o uso e pesquisas. No dia 08 de junho, a OMS divulgou pelas redes sociais e televisão que pacientes

assintomáticos do Covid-19 não transmitiam a doença, já no dia seguinte (09) voltou, dizendo ter sido mal interpretada. Percebe-se claramente que a Organização Mundial da Saúde está, infelizmente, completamente *perdida* nesta *pandemia* do coronavírus. Cada dia o órgão divulga uma declaração diferente, fazendo com que alguns países, a exemplo do Japão e EUA, peçam uma investigação sobre sua atuação na *pandemia*.

Acredito que se tivéssemos boas práticas, seriedade nas atitudes e orientações competentes através de um isolamento bem planejado, bem como a compreensão e participação efetiva da população, já estaríamos saindo dessa crise, como aconteceu inicialmente em outros países. Também não posso encerrar este artigo sem destacar a grande quantidade de pessoas, tanto em nossa cidade, quanto pelo país afora, que subestimam a doença, não respeitam o próximo, não se preocupam com a triste situação que estamos vivendo. Estamos observando uma quarentena que não sabemos quando acabará, num país que empobrece cada dia mais, desemprego em todos os lugares, falência de comerciantes e empresários, enquanto muitos políticos numa briga sem fim pelos seus interesses pessoais e partidários, além do desvio de recursos federais destinados exclusivamente à grave crise de saúde que o Brasil atravessa.

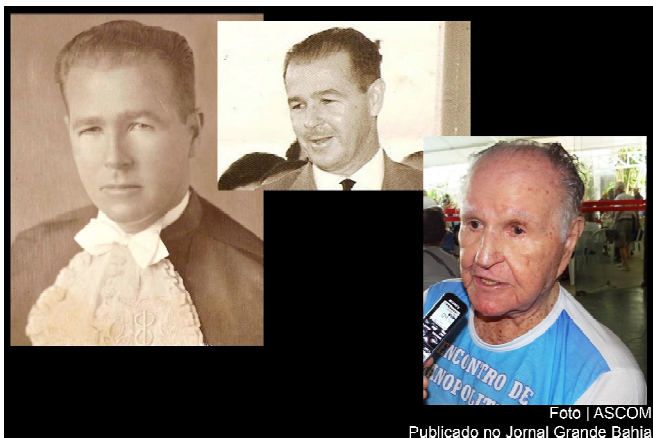
De acordo com os organismos internacionais de saúde, há mais de 120 vacinas propostas por cientistas ao redor do mundo, das quais seis estão na última fase de testes em humanos antes da aprovação. São elas: Sinovac (China), Instituto Biológico de Wuhan/Sinopharm (China), Instituto Biológico de Pequim/Sinopharm (China), Oxford/AstraZeneca (Reino Unido), Moderna/NIAID (EUA) e BioNTech/Pfizer. Os cientistas acreditam que até o início de 2021, uma delas seja aprovada para início de produção e vacinação em massa da população mundial.

Quais eram os nossos valores? Quais são os nossos valores? Quais serão os nossos valores? Será que no mundo pós pandemia, seremos pessoas e cidadãos melhores? Se não acontecer, infelizmente não teremos aprendido nada.

JOSÉ ANGELO LEITE PINTO - Professor Licenciado em Ciências, Fotógrafo Profissional, Membro do IHGFS, Membro da Fundação Senhor dos Passos, Ex-Presidente do Colegiado de Artes Visuais da Fundação Cultural do Estado da Bahia – FUNCEB, Articulista do Jornal Folha do Norte, Membro da Associação Brasileira dos Jornalistas – Brasília-DF e co-autor de 04 livros publicados

UM FILHO ILUSTRE DA PRINCESA

Josué da Silva Mello



O jornalista e escritor, Jailton Batista, narra com estilo e arte, a vida e o legado de Joselito Falcão de Amorim em romance, lançado em 22 de fevereiro de 2019, com o título de FILHO DA MADRE. Cujas história e razão do título estão resumidas, e bem contadas, no primeiro parágrafo das notas do autor, que transcrevo: "O Filho da Madre é um livro inteiramente baseado na vida de um personagem às vésperas de completar 100 anos de idade: o professor de Matemática e político baiano Joselito Falcão de Amorim, cujo enredo de vida se confunde com uma obra de ficção, tão fascinantes quanto inacreditáveis foram os episódios que se desdobraram em quase um século de existência. Fruto de uma única noite de amor de uma jovem descendente de uma sólida aristocracia com um alemão importador de tabaco, com poucos dias de nascido ele foi entregue a uma pobre lavadeira para que a ele desce um sumiço ou um destino. A vida, contudo, foi lhe bafejando com lances inacreditáveis de sorte, e ele se tornou um reconhecido professor de Matemática e um político vitorioso, amigo do General Castelo Branco, alcançando

o cargo de Prefeito da segunda maior cidade da Bahia, Feira de Santana, além de presidente do Tribunal de Contas do Estado, diretor de importante empresa estatal e um militar de carreira vertiginosa”.

O FILHO DA MADRE aborda a vida completa do biografado, trata do conjunto da obra em linguagem romântica e poética, mas foca seu enredo na narrativa das origens, das raízes familiares, ainda pouco conhecidas do público baiano e feirense.

Pretendo no presente artigo, evidenciar as relações do professor Joselito Falcão de Amorim com a sua cidade. Daí o título: O FILHO DA PRINCESA. Filho da “Princesa do Sertão”, filho ilustre da cidade altaneira de Feira de Santana. No “paraíso com o nome de Feira”, ele nasceu em 04 de setembro de 1919 e soube amar e honrar o seu berço querido até à morte, ocorrida na madrugada do dia 04 de outubro de 2020, aos 101 anos e um mês de vida. De vida bem vivida e dedicada à sua Princesa, atuando sempre com cumplicidade, prontidão e lealdade de um autêntico súdito. Construiu, ao longo dos anos bem vividos, uma linda e inspiradora história de vida, na terra que lhe serviu de berço e que lhe acolheu até a sepultura.

Estudou na Escola Técnica do Comércio do Ginásio Santanópolis, sendo orientado na língua portuguesa pela professora Edelvira Oliveira, a Catuca, famosa e admirada docente feirense, irmã do Dr Áureo de Oliveira Filho, fundador e proprietário do Colégio Santanópolis. Foi brilhante aluno em todas as disciplinas, especialmente em Matemática. Formou-se em Contador em 1947. Era também dedicado ao esporte. Integrou o time juvenil de basquete do Colégio, base da seleção esportista de Feira de Santana, e, nessa condição, participou dos jogos intercolegiais da Bahia. Dedicou-se ao esporte e com maior intensidade aos estudos. Destacou-se tanto como estudante que veio a ser, posteriormente, professor de Matemática do próprio

Colégio, diretor do internato, diretor do curso noturno e inspetor do MEC para o curso de Contabilidade. Talentos para o esporte e para a docência logo se evidenciaram. Mas gostava mesmo era de ensinar. A pedagogia que usava em sala de aula, cativava seus alunos e a imagem de professor comunicativo, competente, embora rigoroso e reprovador, conquistava a direção da Escola e se disseminava por toda a cidade. Não demorou muito, o jovem professor, bastante conceituado, passou a integrar o quadro docente do Colégio Estadual e da Escola Normal.

Consagrava-se, então, como professor de Matemática, título que jamais dele se afastou. Orgulhava-se de alistar entre seus alunos de sucesso, Eduardo Matos Portela, que veio a ser ministro da Educação; Washington Bolivar de Brito –que se tornou Presidente do Superior Tribunal de Justiça; Divaldo Franco – líder Espírita da América Latina; João Durval Carneiro – Prefeito de Feira de Santana, Senador da República e Governador da Bahia; José Raimundo de Azevedo – confrade da Academia, também Prefeito e Secretário Municipal de Educação de Feira de Santana; entre tantos outros. Na educação atuou como professor, gestor escolar e Inspetor Federal de Ensino. Portanto, sentia-se plenamente realizado na carreira de Professor. Aliás era, entre todos, o título de sua preferência. Desejou ser lembrado sempre como Professor, porque sempre considerou a educação como fundamental para a formação do ser humano e para o desenvolvimento da sociedade. Entra, pois, para a história, consagrado como Professor Joselito Falcão de Amorim.

Estudou e preparou-se para amar e servir à sua cidade, não só como esportista e professor de Matemática, mas nas diversas missões que desempenhou ao longo da existência, sempre com honradez, ética, competência e senso de responsabilidade.

O Filho da “Princesa do Sertão” fez carreira militar. Serviu ao Exército Brasileiro precisamente no período da Segunda

Guerra Mundial, nele ingressando na condição de soldado 164 do 2º Batalhão de Infantaria, instalado na antiga Escola Normal. Destaca-se como atirador de elite, não recusava missão e costumava dizer que a Pátria estava acima de tudo. Foram suficientes oito meses para ser elevado a Cabo e mais seis meses assumia a patente de Sargento do Exército, selecionado para embarcar para a Itália.

A Feira de Santana, cidade abençoada por Deus, tem em Joselito Amorim, um filho talentoso e de muita sorte. Destinado a elevar o seu nome e torná-la, com dignidade e trabalho, a “Princesa Altaneira”. Vejam só o que aconteceu. Na semana de embarcar para a Itália, fôra promovido a aspirante do CPOR – Centro de Preparação de Oficiais da Reserva – tornando-se oficial do Exército Brasileiro, o que lhe assegurava uma condição especial de coordenação nas trincheiras da guerra. Sorte maior ainda estava por vir; porquanto depois das malas prontas e despedidas em lágrimas, documentação toda revisada, quase na hora do embarque, chega a notícia de que a guerra acabou. O embarque para a Itália não aconteceu, mas isso não lhe tirou a condição de expedicionário, inclusive ocupou por muitos anos a presidência dos ex-combatentes de Feira de Santana.

Jovem cobiçado e namorador. Casou-se aos 33 anos de idade, com uma linda jovem, filha única, descoberta na sala de aula, que veio a ser professora do Colégio Santanópolis – Arlete Leão de Amorim – esposa dedicada, leal, paciente e cuidadosa, com quem conviveu até os últimos suspiros da vida e, com quem teve quatro filhos honrados. Construíram juntos uma família saudável, unida e feliz. Ela continuou como aluna do marido até se formar no Colégio Santanópolis. Depois, Licenciou-se em História e tornou-se professora de História do Colégio Estadual de Feira e do Centro Educacional Edgar Santos, em Salvador, entre outros, onde exerceu além da docência, cargos de

coordenação e de supervisão escolar. Todos que a conhecem consideram-na como pessoa carismática, sensata e muito estimada pela sociedade feirense. Como a experiência da vida indica que ninguém cresce sozinho, a professora Arlete e seus filhos, não só energizaram o lar, como muito contribuíram para o



*Joselito e a senhora Arlete
(acervo do autor)*

sucesso do marido e do pai. Todos, portanto, merecedores do reconhecimento e gratidão de seus conterrâneos. O professor Amorim, deixou todos os filhos bem encaminhados e plenamente consolidados na sociedade. O Arivaldo Amorim é

engenheiro, arquiteto e professor da Universidade Federal da Bahia; Ana Virgínia, engenheira química; Josete, médica e Jane, Geóloga. Ao longo dos anos a família cresceu e reúne 10 netos, 08 bisnetos e um tataraneto.

Ainda jovem, Joselito Amorim, estimulado por amigos, ingressou na vida pública. Começou como candidato a vereador pela UDN, contando com o patrocínio de Arnold Ferreira da Silva alcançou, de pronto, a primeira suplência e, desta forma, assumiu grande parte do mandato. Na eleição seguinte, elegeu-se vereador, vindo a ser líder da bancada e Presidente da Câmara Municipal (1963 e 1964). Participou da Administração Municipal como Secretário no governo de Arnold Ferreira da Silva (1959-1962). Com o movimento Militar que se instaurou no Brasil, o Prefeito eleito pelo povo, Francisco Pinto, conhecido popularmente como Chico Pinto, fôra deposto em maio de 1964. Declarada a vacância do cargo, o professor Joselito Amorim, da UDN

(posteriormente transformado em ARENA), que ocupava a presidência da Câmara, fôra indicado pelos militares, com anuência das lideranças locais, para assumir o cargo de Prefeito, tendo sido empossado em 08 de maio de 1964, permanecendo até 07/04/1967, quando foi substituído pelo feirense João Durval Carneiro.

A partir desse momento histórico de Feira de Santana, passo a escrever como testemunha ocular dos fatos e feitos que compõem a vida de nosso homenageado. Cheguei nesta cidade precisamente no dia 8 de janeiro de 1965, e já somam mais de 55 anos de feliz cidadania feirense. A administração Joselito Amorim comemorava seus primeiros oito meses, sendo-me possível, portanto, acompanhar a sua gestão, seus avanços e desdobramentos até o final de sua vida, passando pela comemoração histórica de seu centenário, no novo espaço do Cajueiro. Naquela oportunidade, participando da reflexão ecumênica, lembrei que homens como Joselito Amorim, com legado de vida ética, limpa, de dedicação ao seu povo e de realizações honestas e fundamentais para o desenvolvimento de sua comunidade e de sua gente, não morrem nunca, estarão sempre com a imagem viva no coração de seu povo e na memória da história. Brilharão como as estrelas do céu, com um brilho que nunca se apagará (Dan. 12.3).

Vale observar as razões de meu testemunho. Na gestão municipal, o professor Joselito Amorim deixa marcas permanentes e um legado que pavimenta os caminhos de Feira de Santana na construção de seu futuro, de seu almejado desenvolvimento. Prioriza a modernização da cidade. Em parceria com o Instituto Brasileiro de Administração Municipal – IBAM, promove a elaboração do primeiro Plano Integrado de Desenvolvimento Urbano, pioneiro no Brasil, concluído na gestão seguinte, em 1968. Coloca Feira de Santana à frente dos

Municípios brasileiros, pois foi a primeira cidade a ostentar um plano integrado de desenvolvimento urbano. Forma inteligente, sem dúvida, de se iniciar uma administração pública: com planejamento, fixação de metas, de prioridades, diretrizes, preocupações próprias de quem tem visão de futuro e de quem pretende fazer o melhor para a sua cidade e para o seu povo.

Priorizou a educação e a cultura. Construiu escolas na sede e nos distritos, sendo o de maior destaque o Colégio Municipal, que pela Resolução de nº 56/1966 da Câmara Municipal, recebeu a denominação de Ginásio Municipal Joselito Amorim, atualmente, transformado em Centro Integrado de Educação Municipal Professor Joselito Amorim. Instituições de ensino valiosas, pois demarcam um tempo em que a Escola Pública era vista pela população como centro de referência educacional e a figura do professor acatada com respeito e admiração. Construiu a Biblioteca Municipal Arnold Ferreira da Silva, inaugurada em 26 de abril de 1966. Quase um ano depois, em 26 de março de 1967, inaugurou o Museu Regional com um riquíssimo acervo, na sua maior parte doado por Assis Chateaubriand, incluindo mais de trinta obras de arte de autores ingleses. O Chateaubriand era um dos homens mais influentes do País naquela década da história, fundador dos Diários Associados, dono da maior rede de comunicação, criada com o objetivo de integrar o Brasil e levar o desenvolvimento a todas as regiões. A inauguração reuniu intelectuais e amantes da cultura como o próprio Chateaubriand, o pintor Di Cavalcanti, o embaixador da Inglaterra no Brasil, John Russel, o diretor dos Diários Associados na Bahia, Odorico Tavares, e tantas outras personalidades de destaque nacional e internacional. Uma festa cultural que engalanou a Princesa do Sertão. Eu também estive lá, na condição de Pastor da Igreja Presbiteriana e saudei o Assis Chateaubriand na cadeira de rodas. Posteriormente, o Museu

Regional de Artes passou a ser administrado pela UEFS e se encontra adequadamente instalado no antigo prédio da Escola Normal, integrante do CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte, espaço privilegiado para a cultura feirense, completamente reformado e ampliado em 1995, sob os auspícios da própria Universidade.

No transcurso do mandato, foi premiado com um convite da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Convite aceito, embarcou para a cidade de Washington, EUA, lá permanecendo os meses de agosto e setembro de 1966, em missão administrativa, com a finalidade de obter experiências na área da administração pública. Em verdade, isso lhe valeu como um curso preparatório para a gestão municipal, além de lhe abrir os horizontes ante os avanços administrativos e tecnológicos do primeiro mundo.

Fez, indubitavelmente, uma gestão desenvolvimentista. Construiu o Estádio Municipal Alberto Oliveira, o Joia da Princesa, inaugurado em 13 de novembro de 1966, com a realização de uma competição esportiva amistosa entre o Fluminense de Feira de Santana e o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Construiu, ainda, o Fórum Filinto Bastos, a Estação Rodoviária, concluída em 1966, o Parque de Exposição João Martins da Silva, inaugurado em 19 de fevereiro de 1967. A administração Joselito Amorim expressou preocupação com a economia do Município e com a ampliação da capacidade de emprego. Foi dele a proposta de implantação de um Polo Industrial em Feira de Santana, participando diretamente da criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana, fundado em 1965, que se constituíram nos embriões da criação do Centro Industrial do Subaé – o CIS, implementado no governo seguinte. Ainda na sua gestão, a Câmara Municipal aprovou a Lei nº 507,

por ele sancionada, de 19/12/1966 que criava a Bandeira e o Brasão da cidade de Feira de Santana.

Antes de terminar seu mandato, em 05/03/1967, com a cidade em festa, recebeu a visita do Presidente da República, General Humberto de Alencar Castelo Branco, acompanhado do chefe da Casa Civil e da Casa Militar, General Ernesto Geisel, do governador da Bahia Lomanto Júnior e do futuro governador Luiz Viana Filho, do Governador de Sergipe Lourival Baptista, dos Deputados feirenses Wilson Falcão, Áureo de Oliveira Filho e Hamilton Cohim, entre tantas outras autoridades.

O presidente Castelo Branco, cumpriu ampla programação em Feira de Santana. Visitou o Ginásio Municipal, o Museu, a grande feira livre, o campo do gado, o polo industrial. Daqui saiu impressionado com o dinamismo da administração Joselito, impactado pelo muito que foi feito em tão pouco tempo, que o recomendou ao governador da Bahia que não deixasse de aproveitá-lo em seu futuro governo. Permaneceu no cargo de Prefeito até 07 de abril de 1967, quando o transferiu para o feirense João Durval Carneiro, eleito no pleito de 1966.

Não deu outra. Foi nomeado pelo governador Luiz Viana Filho para o cargo de presidente da URBIS, equivalente a Secretário de Estado, órgão responsável pela construção de moradias populares na Bahia. Os seus olhares continuaram voltados para a sua cidade. Construiu aqui o primeiro conjunto habitacional, identificado como centro habitacional do trabalhador, onde as casas seriam humanizadas, levantadas em terreno isolado, com quintal, água, luz e instalações elétricas. Inicialmente chamado de Conjunto Habitacional Feira I; em seguida, Conjunto Cidade Nova, atualmente conhecido como Bairro da Cidade Nova, status de classe média, cuja inauguração ocorreu em 28 de julho de 1969.

Em 1971 foi nomeado pelo Governado Luíz Viana Filho para o recém-criado Conselho de Contas dos Municípios do Estado da Bahia, sendo escolhido pelos seus pares como o primeiro Presidente, cargo que exerceu até 1973. Atualmente, o Conselho foi transformado no Tribunal de Contas dos Municípios do Estado da Bahia (TCM). Ocupou, ainda, o cargo de Secretário de Administração e Serviços Públicos da Prefeitura Municipal de Salvador, entre 1977 e 1978, na gestão do Prefeito Fernando Wilson Magalhães.

Em verdade, o seu elenco de obras e os cargos públicos que exerceu não dão conta da relação do Professor Joselito Amorim com a sua cidade. A sua conexão vai além das obras fundamentais e relevantes que realizou. Pois ele nunca se desconectou de sua gente e de sua cidade, mesmo quando precisou transferir sua residência para Salvador, a Capital do Estado. Integrou o Rotary Club de Feira de Santana, sendo o seu presidente nos anos rotários de 1952 e 1953. Presidiu a diretoria dos ex-combatentes por alguns anos. Fundou e presidiu a Associação Comunitária dos Amigos de Feira de Santana, tornou-



O professor Joselito recebe homenagem da UNIFTC (acervo de Lélia Fernandes)

se, por mérito, membro titular da Academia de Letras e Artes, do Instituto Histórico e Geográfico e ocupou a Cadeira nº 14 da Academia de Educação de Feira de Santana. Marcou presença até os últimos dias de sua existência em todos as organizações, eventos ou movimentos que implicassem na

melhoria da educação e no desenvolvimento de Feira de Santana.

Foi um filho ilustre que tratou a sua cidade como Princesa. Amou-a como se ama uma mãe querida, serviu como súdito, viveu para vê-la sempre “elevada e cheia de vida”. Apresentava-se sempre agradecido. Disse nas comemorações de seus 101 anos: “Agradeço individualmente a todos que colaboraram para que eu chegasse aos 101 anos, com saúde e em paz. Devo à Feira de Santana tudo que sou, terra que eu amo. Se pudesse fazer mais pelo seu progresso e desenvolvimento faria”.

A “Princesa” da qual foi súdito servidor, soube, por outro lado, reconhecer o seu valor, a dimensão de sua devoção e a relevância de seu legado de honradez, de líder ético, gestor de obras fundamentais ao desenvolvimento do Município, outorgando-lhe a Comenda Grã Cruz da Ordem Municipal do Mérito, em solenidade realizada em 18/09/2005. A Câmara Municipal lhe homenageou com a Comenda Maria Quitéria. O Senai – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - de Feira de Santana, nominou o seu mais novo prédio, inaugurado em 16/10/2015, de Prédio Professor Joselito Falcão de Amorim. Em 22 de fevereiro/2020, prestes a celebrar seu centenário, foi homenageado com o lançamento de sua biografia, escrita por Jailton Batista, já referida, em momento bastante prestigiado por seus amigos feirenses.

No seu falecimento, as homenagens foram expressivas, não obstante a quarentena da Pandemia do coronavírus 19. A Prefeitura Municipal decretou luto oficial por três dias, a Câmara Municipal lhe rendeu homenagens, bem como a Associação Comercial, o Senai, Rotary, o Centro Integrado de Educação Municipal Joselito Amorim, e seu mais novo amor – a Academia de Educação de Feira de Santana - com Nota Pública e anúncio da sua escolha como Patrono de uma de suas novas Cadeiras.

Homenagens justas e merecidas a quem tudo fez com disciplina, trabalho, cumplicidade e moralidade. Acreditava na democracia. Costumava dizer que o “Brasil precisa de homens

dotados de hombridade, dignos, que amem sua pátria e sejam capazes de retirá-la da miséria moral e da lástima política em que se encontra". Sempre considerava a educação como a "única forma eficaz de se conseguir uma Nação verdadeiramente justa e evoluída". Lamentava que os tempos modernos não estão valorizando a educação intelectual e moral como deve ser. Por isso questionava os educadores: "Vocês estão satisfeitos com o cenário da educação hoje em nosso País?" Vale lembrar sempre desses questionamentos e provocações de um professor apaixonado por sua missão, verdadeiramente comprometido com a educação, com sua cidade e com o seu País.

Urge concluir. E o faço com uma constatação óbvia, de que as pessoas são iguais ao nascer e ao morrer. O que ocorre entre os dois extremos é que faz a diferenças entre elas. O destino é moldado, construído, aprimorado pelo que cada um é capaz de optar e de fazer. Os que simplesmente se acomodam, por mais dotados que sejam, desaparecem com a morte. Os que lutam, trabalham pela coletividade e dedicam-se no serviço ao próximo, à sociedade, com honradez e dignidade, não perecerão, pois serão sempre lembrados pelas gerações posteriores. São assim, como a música, conforme nos lembra o poema de José Oliva. A música ruim desaparece logo, a boa música se eterniza. O professor Joselito Amorim, é como uma música boa, afinada, clássica, perene, que nunca envelhece, que nos faz sempre vibrar em todas as notas e magias, causando prazer, emoção, e tocando fundo em nossos corações.

JOSUÉ DA SILVA MELLO - *Ex-Diretor Geral da FTC e da Faculdade 2 de Julho; ex-membro e vice-Presidente do Conselho Estadual de Educação e membro da Academia Feirense de Letras, da Academia de Educação e do IHGFS, da Academia de Cultura, da Academia de Educação da Bahia e da Academia Nacional de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais. Fundador e atual presidente do INED – Instituto de Educação e Desenvolvimento - (antigo SIM).*

A cana-de-açúcar em São José das Itapororocas só produzia para o consumo local (1817) com três engenhos em atividade e produzia rapadura e cachaça.

Além do cultivo de produtos alimentares, plantados pelos escravos e pelos homens livres, novas culturas apareceram, como as do fumo e do algodão, sendo as mais importantes.

A pecuária foi uma atividade que se desenvolveu bastante e, até os dias de hoje com a criação de animais: bovinos, suínos, equinos, ovinos e muares.

Na época da Independência do Brasil na Bahia surgiram criadores de gado e agricultores de algodão e entre eles se destacou o Sr. Gonçalves Alves, o pai da nossa heroína Maria Quitéria.



*Antigo Campo do Gado feirense
(porsimas.blogspot.com)*

Em 1828, a feira do gado se firmara como a mais importante da província e o gado era vendido em maior proporção.

As boiadas vindas do Piauí, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais, passando por

Feira de Santana, aproveitando as águas e pastagens próprias para o gado, então as tropas descansavam. Em consequência disto, surgiu a feira do gado que se constituiu a principal fonte de renda da região, naquela época.

Em 1833, o gado não poderia mais negociar dentro da vila, mas no campo do gado ou Campo da Gameleira. Em 1838,

a Câmara designou oficialmente o Campo da Gameleira como localização para a feira de gado e cavalos.

Em 1838, um dos primeiros empórios foi o de Abraão e Isaque Sabag (hebreus) uma loja de quinquilharias, molhados e gêneros estrangeiros.

O comércio se expandiu em torno da feira de gado, que para atender à população flutuante, de compra e venda e com a instalação de armazéns, boticas, drogarias e casas de pouso, hoje tornando-se o 2º maior município em expansão comercial do Estado.

Com o crescimento populacional e comercial da cidade a indústria foi sendo implantada paulatinamente.

As olarias na construção de adobes e telhas.

Em 1875, o fabrico de dormentes para a estrada de ferro. Eram preparados sem o emprego de máquinas. As árvores eram abatidas e os dormentes eram serrados à mão.

O carvão vegetal era bastante utilizado, porque não possuía outros tipos de combustível.

As fábricas de sabão foi um dos primeiros artigos de uso doméstico, antes de 1860. Em 1881, uma fábrica operava no município. Em 1894, uma fábrica usava máquinas a vapor.

Uma das principais indústrias domésticas do município a partir de 1860 era a preparação da farinha de mandioca em moinhos localizados nas fazendas, no preparo de beijus, tapioca, goma, puba, etc. Também o fubá de milho era produzido em larga escala nesta época.

A indústria do fumo no manufaturamento do cigarro e do charuto, em 1860.

Segundo historiadores afirmam que a industrialização começou com o artesanato, com fabricação de material de couro: arreios, selas, sapatos e outros acessórios: roupas como gibão,

botas, jaleco, luvas, chapéus, etc. (Manoel Ribeiro de Macedo & Irmão – 1877), outros materiais como: sabão, panelas de barro, meringas, potes, cestas de palha, sacos, tapetes, cordas de caroá, colchões, vassouras, utensílios de madeira, carvão vegetal.

Também se fabricava carros de boi, transporte usado nas fazendas, para carregar mercadorias e até passageiros, nas cidades onde a civilização ainda não tinha chegado.

Surgiram os alambiques para fabricação de cachaça. Em 1877, já existia o Alambique do Vallado, onde havia tanoeiros encarregados de consertar as pipas e barris. Ainda nesta mesma data já se fazia propaganda da Padaria da Fé, com fabricos de pães, bolachas, broas, queijadinhas, bolos “Pão de Ló”, etc. Já existia a Photographia Nacional de Pedro Gonçalves da Silva.

Em 1880, surgiu a indústria gráfica “Typographia do Motor” (ortografia da época), onde eram impressos convites, jornais, recibos, cartazes, avisos, cartas para convites, folhetos, cartão de visita, etc.; Typographia do Jornal da Feira (1884)

Em 1882, foram surgindo pequenas fabriquetas como a MEURON & C.^a que fabricava o rapé Areia Preta, proveniente do fumo (O Progresso – 18 de agosto de 1882).

Pharmacia Costa (1882).

Café Moído de João Henrique d’ Oliveira.

As fábricas de beneficiamento de fumo, com a Criação do Instituto Baiano de Fumo, instaladas na BR-116 e no distrito de Bonfim de Feira, onde exportava o fumo para a Europa, destacando-se a Alemanha.

Os Currais Modelo na Rua Geminiano Costa na década de 30.

No início do século 20 já se destacavam as seguintes fábricas, armazéns e indústrias de pequeno e médio porte:

- Café Aromático de Aguinaldo Soares (1921);

- Fábrica Trindade de vinhos e vinagre de Emygdio Chrisóstomo Trindade;
- Fábrica Floresta de Gabriel Correia Ramos de vinho e vinagres;
- Móveis Celta indústria e comércio de móveis;
- Fábrica Leão do Norte do químico Paulo Costa Lima, criador do Depurativo 43 e Vinho Jurubeba Composto, instalada em 1920, em Feira de Santana. Em 1927, recebeu o Diploma de Bronze, no Rio de Janeiro; o Diploma de Honra do Instituto Agrícola Brasileiro, no Rio de Janeiro. Transferiu-se para Simões Filho, como Indústria Leão do Norte, que até hoje a família administra;
- Os maiores comerciantes do fumo eram: Cel. Agostinho Fróes da Motta, Heráclito Dias de Carvalho, João Mamona. Exportadores e armazéns de fumo: Francisco Maia, Bartolomeu Santos, Alexandre Falcão Farias, Estefânio Souza, Zelito e Raimundo Maia, Adalberto Pereira;
- Usina de Algodão – 1938 - no Governo de Landulfo Alves. O maior plantio de algodão era em São José das Itaporocas, seu diretor era Dr. Asclepiades Negrito de Barros. Criou o Instituto do Fumo da Bahia e a Fazenda Mocó de raças bovinas.

Na década de 50 surgiram muitas fabriquetas, indústrias de grande porte tais como:

- A extração e o tratamento de óleos vegetais. O preparo do óleo de dendê; óleo de oliva, óleo de rícino, óleo do caroço do algodão (1950);
- Destilarias e alambiques. Eram mais de dez: Boa Esperança, Água Fria, São Pedro, Itamar, Alambique

da Barrigada, Jurema, Ibicaraí, Destilaria de Genésio Alves Moreira, Leolindo, Destilaria Rio Seco, Cachoeirinha e Cruzeiro;

- Materiais de cerâmicas: as olarias era a quarta indústria de Feira de Santana, em 1950 com o fabrico de telhas e tijolos;
- A arte de cantaria – extração de pedras de corte para os edifícios e pavimentação (1920). Em 1949, uma empresa desenvolveu esta arte;
- Fotógrafos – Foto Vieira de Naftalino e Nestor Vieira, Foto G. Borges;
- Fábrica de sabão em pedra, situada na Praça 2 de Julho, outra no Sobradinho, de Genésio Romão de Souza;
- A indústria madeireira em 1950, uma carpintaria com serraria movida a eletricidade que atendia a inúmeras carpintarias e marcenarias;
- Fábrica de Macarrão e Biscoito Riviera, de propriedade de Manoel da Costa Falcão, fundador do CIS, na gestão de Prof. Amorim (1955);
- Café São Paulo, Café Real, Café Tabajara;
- Cal Sublime – a caieira de Bernardino Menezes;
- Fábrica de doces: Fábrica Guanabara – balas e caramelos de Marivaldo Pereira Franco e Carlos Simões de Oliveira, produziu o bombom “Café com Leite”, sua especialidade; Fábrica de Balas Cometa de Dazio Brasileiro; Fábrica Iracema dos Irmãos Bantim , caramelos, balas recheadas (1956);
- Serraria União – Camas União;
- Água Sanitária Cloralva;

- Indústria de Refrigerantes ANGYL – suco de laranja citra e gasosas – Guaraná Mirim;
- Artesanato de couro – camas feitas de tira de couro, cadeiras, malas (baús) – Ciclo do couro; Casas de Couro e Movelaria Aliada Bahiana – artigos para sapateiro, malas, etc. Exportadores do couro: Miguel Dórea, curtidor de couro, Elmano Portugal, exportador; Raul Lopes (artesão do couro);
- Fábrica São João – ladrilhos, pias, mesas, tanques, marmorite de Josias Mendes Freitas.

Instituições criadas para dar apoio ao comércio e indústria de Feira de Santana:

- **ACEFS** (Associação Comercial e Empresarial de Feira de Santana) – criada em 17 de junho de 1945, sendo o primeiro presidente, Cel. Álvaro Simões Ferreira, com a finalidade de apoiar a quantos se dedicam às atividades comerciais;
- **CIFS** (Centro das Indústrias de Feira de Santana) – fundada em 12 de maio de 1965, pelo Sr. José da Costa Falcão, o primeiro presidente, objetiva apoiar e

incentivar a implantação de novas indústrias em Feira de Santana e região;

- **CDL** (Câmara de Dirigentes Lojistas) – fundada em 09 de maio de 1962;

- **CIS** (Centro Industrial do Subaé) – Possui dois módulos: um no Tomba e outro na BR-324;

- **SENAI** (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) –



Portal de entrada do C.I.S.
(pt.wikipedia.org/wiki/C.I.S.)

inaugurado em 1968, tendo como missão preparar jovens para o mercado de trabalho. O primeiro presidente em Feira de Santana foi o Ten. José Alves;

- **SESC** (Serviço Social do Comércio) – destinado ao lazer e cursos de aperfeiçoamento para os trabalhadores do comércio;
- **SESI** – (Serviço Social da Indústria) – destina-se ao atendimento dos operários ligados às indústrias. As indústrias implantadas segundo um Plano Diretor, a partir de 1964, principalmente em 1967, com o governo de Dr. João Durval Carneiro foram: INCOVEG (óleo de mamona); METUSA (tubos); Química Geral do Nordeste, PHEBO e outras.

O Parque Industrial tem o apoio técnico do CIFS e do CEDIC.

O Parque Agropecuário João Martins da Silva – inaugurado em 1966, na gestão de Prof. Joselito Falcão de Amorim e o Governador Lomanto Junior.



Sala da Presidência, na foto o fundador Sr. Vicente de Paula Moraes

Fabrica de Capas Luxotex
(Foto do acervo do sr. Francisco Moraes)

O matadouro era no Tanque do Urubu a céu aberto, depois na Rua Santos Dumont, esquina com a Rua Visconde do Rio Branco, a Mafrisa e o Campo do Gado Novo o Mercado Municipal e Mercado do Fato.

Atualmente o comércio e a indústria tomaram proporções muito grandes, sendo impossível descrevê-las e enumerá-las, no entanto, destacaremos a Luxotex - fábrica de

tapetes, capas, capotas e acessórios para veículos, fundada em 10 de agosto de 1966, situada na Rua Barão de Cotegipe, 198, tendo como proprietário o Sr. Vicente de Paula Moraes.

Vicente nasceu em Santo Amaro-BA, morou em Rio de Contas, onde casou-se com Maria Carmen Pinto. Veio para Feira Santana, em 1948, onde fundou a primeira loja para vender capotas de veículos da cidade. Seu sonho era ter uma indústria e conseguiu fazer a primeira fábrica de capotas em Feira de Santana, a Luxotex. Vicente também foi um dos fundadores do CIFS - Centro das Indústrias de Feira de Santana.

O comércio informal e os equipamentos municipais construídos para abrigar comerciantes, como: o Centro de Abastecimento, o Feiragui, o Shopping da Cidade, etc.

Feira de Santana, a cidade “Princesa do Sertão” é um dos entrepostos comerciais e industriais mais importante do estado da Bahia – orgulho de todo feirense.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Oscar Damião de.- *Dicionário da Feira de Santana*. 2006
- CERQUEIRA, João Batista de - *Assistência e Caridade* - 2007
- FERREIRA, Antônio Moreira - *A Feira no Século XX*. 2002.
- FERREIRA, Antônio Moreira - *A Feira na Década de 30*. 2004
- Histórias e Estórias dos Séculos XIX e XX (Escritos a cinquenta mãos)*. Feira de Sant'Anna. IGHFS – 2015
- OLIVEIRA, Arcênio Jose / BRITO, Carlos Alberto Oliveira. *Memórias Periódicos 1877/1888* - 2007
- MELLO, Carlos Alberto Almeida, (Organizador) - *Memórias Periódicos Feirenses – Santanópolis (1954-1955) O Coruja (1955-1957)*

Jornal O Motor – 30/06/1877

POPPINO, Rollie E, Feira de Santana - 1968

Revista Renascença – 1950

Revista Comemorativa – 70 anos da ACEFS -2015

LÉLIA VITOR FERNANDES DE OLIVEIRA, licenciada em Letras e Pedagogia. Professora aposentada. Escritora com 25 livros publicados, poetisa, dramaturga, biógrafa. Membro da Academia de Letras e Artes, da Academia de Educação, do Instituto Histórico e Geográfico, todos em Feira de Santana, da Academia de Cultura da Bahia, da Academia Internacional de Letras, Ciências e Artes da Argentina e da Academia Superiori da Itália.

A HISTÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO POLÍTICA DE FEIRA DE SANTANA: OS INTENDENTES

Liacélia Pires Leal

Na história administrativa e política do Município de Feira de Santana, um município que alguns estudiosos consideram como de origem recente, pois outras localidades já existiam bem antes, séculos atrás.

Começamos com a criação das Comarcas, onde um Juiz Municipal exercia o poder. Em 13 de novembro de 1832, o povoado de Feira de Santana foi elevado à categoria de Vila, por decreto imperial, e desmembrado de Cachoeira. Em 18 de maio de 1833, o Presidente da Província, Joaquim José Pinheiro de Vasconcelos estabeleceu os limites da nova Vila. Em 14 de agosto de 1833 a Câmara de Cachoeira empossa os primeiros vereadores, que foram eleitos pelos moradores da nova Vila. A composição era de sete vereadores que obtiveram mais votos e com um mandato de quatro anos, sem direito à remuneração. E em 18 de setembro de 1833, foi instalada oficialmente a primeira Câmara Municipal de Feira, emancipada de Cachoeira.

Foram os seus primeiros vereadores: Capitão Manuel da Paixão Bacelar, Vicente Ferreira de Araújo Campos, Padre Luiz Pinto da Silva Sampaio, Antônio Honorato da Silva Rêgo, Francisco Caribé Morotova, Antônio Manuel Vitória e Padre Manuel Paulino Maciel. Como secretário ficou José Pedreira Mangueira que assumiu a vaga deixada pelo vereador Vicente Ferreira de Araújo Campos.

Em 1873, a então "Villa de Feira de Sanct'Anna" passou a cidade com o nome de "Cidade Commercial de Feira de Sanct'Anna" que continuou governada por uma Câmara de Vereadores, sendo o último presidente Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro (1887-1890).

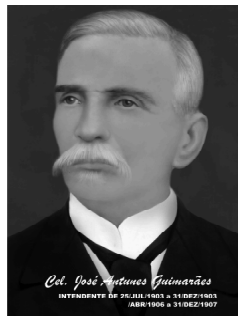
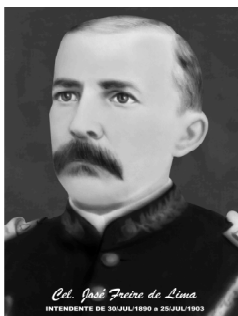
Conta-nos o historiador Rollie Poppino:

" Na Bahia, tôdas as Câmaras Municipais foram dissolvidas em 18 de janeiro de 1890 e substituídas por Conselhos pelo governador, Dr. Manuel Vitorino Pereira. Pelo mesmo decreto, um funcionário administrativo, o intendente, também nomeado pelo governador,

foi colocado à frente do município. Em Feira de Santana, o primeiro intendente Joaquim de Melo Sampaio e um Conselho de seis membros entraram em função a 1º de fevereiro de 1890.”

(POPPINO, Rollie E., p.123, Atas do Conselho, 1883 – 1893, sessão de 1º de fevereiro de 1890, MS em AMF).

Assim, com a dissolução das Câmaras Municipais é que surgiu a figura dos INTENDENTES MUNICIPAIS, nomeados pelo Governador do Estado. Foram intendentes:



-CORONEL JOAQUIM DE MELO SAMPAIO – Português, foi nomeado em 1890 e governou poucos meses, entre janeiro e julho do mesmo ano, afastando-se por motivo de saúde. Realizou duas grandes obras: mandou fabricar na França uma estátua do Padre Ovídio de São Boaventura e inaugurou a primeira Biblioteca Municipal. Uma das principais ruas da cidade, a Avenida Sampaio, é assim chamada em sua homenagem.

-CORONEL JOSÉ FREIRE DE LIMA – Nomeado e, depois, eleito (primeiro a ser eleito), seu mandato durou 13 anos (1890 – 1903), vindo a falecer no poder. Durante sua gestão mandou instalar a estátua de Padre Ovídio (adquirida na gestão anterior) na praça com o mesmo nome do religioso; fez o calçamento da Praça João Pedreira; criou a Guarda Municipal e colaborou com os participantes da Guerra de Canudos.

-CORONEL JOSÉ ANTUNES GUIMARÃES – Com falecimento do Coronel José Freire de Lima, assumiu o cargo por apenas seis meses, de julho a dezembro de 1903.

-TITO RUY BACELAR – Feirense, governou de 1º de janeiro de 1904 a abril de 1906, ocasião em que renunciou ao cargo para candidatar-se a deputado estadual, conseguindo se eleger. Foi jornalista, fundou o “Jornal Folha do Norte”. Fez doação de uma área de terra para a construção do Asilo Nossa Senhora de Lourdes, criou a primeira Liga de Futebol, o primeiro grupo teatral e o Grêmio Taborda, promovendo, assim, o desenvolvimento das artes teatrais e o esporte.

-CORONEL JOSÉ ANTUNES GUIMARÃES – Substituindo a Tito Ruy, mais uma vez retornou à Intendência, no período de abril de 1906 a dezembro de 1907.

Um parêntese: Havia vencido as eleições municipais o Coronel Bernardino Bahia, porém o seu adversário nas urnas, o Coronel

Abdon Alves de Abreu conseguiu também ser empossado. Ambos tomaram posse com a anuência do governador e foi feito um acordo entre os dois: O Coronel Abdon governaria de 1908 a 1912 e o Coronel Bernardino de 1912 a 1915 (o documento deste acordo está arquivado na Biblioteca Municipal).

- **CORONEL ABDON ALVES DE ABREU (1908-1912)** - O Coronel Abdon foi Juiz de Paz, suplente de Juiz Federal, Conselheiro e Presidente do Conselho Municipal. Participou da Guerra do Paraguai e comandou os soldados que participaram da Guerra de Canudos. Possuía uma tipografia que editava o jornal "O Comercial". Poucas foram as suas realizações, apenas fez a abertura da Avenida Senhor dos Passos com o nome de Araújo Pinho.

- **CORONEL BERNARDINO BAHIA** – O Coronel Bernardino Bahia foi intendente por 3 mandatos: o que dividiu com o Coronel Abdon (1912 - 1915), mais dois como citaremos adiante. Suas realizações foram importantes para o município feirense, tais como o calçamento da atual Rua Desembargador Filinto Bastos, reforma da Praça Dr. Remédios Monteiro, instalação de luz elétrica, construção do Mercado Municipal, o início da construção do atual prédio da Prefeitura Municipal e da Ponte Rio Branco, o Coreto da Praça Bernardino Bahia. Diversas estradas foram abertas para os distritos de Tanquinho, Santa Bárbara, Bonfim de Feira e presidiu a comissão para construção da Estrada Feira – Camisão (atual Ipirá). Foi um grande idealizador, homem de iniciativas. Presidiu o Conselho Municipal, a Sociedade Filarmônica 25 de Março e a Santa Casa de Misericórdia. Fundou a Euterpe Feirense.

- **CORONEL AGOSTINHO FRÓES DA MOTTA** -- Nomeado, comandou os destinos de Feira de Santana entre 1916 e 1919. Presidiu a Sociedade Montepio dos Artistas Feirenses e o Conselho Municipal, Provedor da Santa Casa de Misericórdia.

Era um grande admirador da Sociedade Filarmônica 25 de Março. Várias foram suas obras e realizações: fez o calçamento das ruas Conselheiro Franco e Cônego Tertuliano Carneiro, urbanizou a Praça de Santana (atual Praça da Catedral) e a Praça General Argolo (hoje Praça Coronel Agostinho Frões da Motta). Concluiu as obras da Ponte do Rio Branco, sobre o Rio Jacuipe (atualmente em ruínas), trouxe para Feira a primeira agência do Banco do Brasil (em 1º de março de 1917). Construiu a Escola Maria Quitéria, destinada às moças, na época e a João Florêncio para os rapazes e que, quando desativada, funcionou como Delegacia, Escola, Coordenadoria de Educação e atualmente abriga o Arquivo Público Municipal e onde funcionava até há pouco o Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana. Criou o Grupo Escolar J.J. Seabra, que depois passou a abrigar a Escola Normal e a Faculdade de Educação. Hoje ali funcionam o CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte. Recebeu em seu governo a visita do ilustre jurista baiano Ruy Barbosa, que fez a conferência Feira de Santana, no Teatro Santana, chamando a cidade de “Princesa do Sertão”.

- **CORONEL BERNARDINO BAHIA** – Nomeado pelo Estado, assumiu um segundo mandato (1920 – 1921)

- **CORONEL BERNARDINO BAHIA** – Desta vez, eleito pelo voto popular, o Coronel Bernardino assumiu pela terceira (1922 – 1923).

- **CORONEL ARNOLD FERREIRA DA SILVA** – O mais jovem dos intendentess. Com 29 anos ingressou na vida política. Governou a cidade nos períodos 1924 – 1925 e 1926-1927. Como intendente fez uma administração de realizações importantes como a conclusão do prédio do Paço Municipal iniciado pelo seu antecessor e sogro Coronel Bernardino Bahia. A inauguração contou com a presença do Governador Góes Calmon. Instalou a rede de energia elétrica; importou da América do Norte uma

balança para pesar o gado bovino; inaugurou a primeira estrada ligando Feira de Santana a Salvador e criou a Escola Normal Rural de Feira de Santana. Também foi um dos fundadores do Jornal Folha do Norte. Ocupou cargos importantes como: Presidente da Sociedade Montepio dos Artistas Feirenses e da Filarmônica 25 de Março; Provedor da Santa Casa de Misericórdia; Gerente do Banco de Crédito Popular. Após o seu mandato de intendente, retornou à política como prefeito, em 1958, mas não chegou a concluir seu mandato por questões de saúde, sendo substituído pelo Presidente da Câmara, Dr. José Sisnando Lima.

- DOUTOR ELPÍDIO RAIMUNDO DA NOVA – Advogado e professor, foi o último intendente. Governou, como intendente, de 1º de janeiro de 1928 a 24 de julho de 1929. Durante seu governo houve uma mudança na lei que regia intendentes e conselheiros e isto alterou os anos em que iria governar, passando o Intendente a chamar-se Prefeito, permanecendo no cargo o mesmo dirigente. Assim, Doutor Elpídio tornou-se o último Intendente (janeiro de 1928 a 23 de julho de 1929) e primeiro Prefeito (de 24 de julho de 1929 a 31 de dezembro de 1930). Afastado pela Revolução de 1930, participou da Velha República até 1929 e da Nova República até 1930. Foram suas realizações: construção da segunda Cadeia Pública, na Rua Visconde do Rio Branco, em 1930 (esta Cadeia foi desativada em 1982 pelo então prefeito João Durval que transferiu os presos para o Presídio Municipal). O prédio hoje abriga a Câmara de Vereadores do Município. Na sua gestão ocorreu a primeira Formatura da Turma de Professores da Escola Normal, onde foi cantado pela primeira vez o Hino à Feira de Santana composto por Georgina Erismann. Foi instalado o serviço telefônico e a segunda rede elétrica recebendo energia da Hidrelétrica de Bananeiras. Nomeado como Prefeito, entre 1933 e 1935, pelo Governador, o então Capitão, Juracy Montenegro Magalhães, Doutor Elpídio voltaria a governar Feira.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Oscar Damião de. Dicionário da Feira de Santana. Feira de Santana. Santa Rita Editora Gráfica Ltda e Editora Talentos. 2006. 259 pág.
- GAMA, Raimundo. Intendentes e Prefeitos de Feira de Santana. Feira de Santana. Empresarial Gráfica Feirense Ltda- EMGRAF. 2017. 211 pág.
- MELLO, Carlos Alberto . Memórias : fragmentos da história de Feira de Santana: volume I - SAMP - Gráfica Editora.2014. 124 pág.
- MELLO, Carlos Alberto Almeida e BRITO, Carlos Alberto Oliveira. Memórias : Arnold Ferreira da Silva. FUNDAÇÃO SENHOR DOS PASSOS. Núcleo de Preservação da Memória Feirense.2018. 141 pág.
- POPPINO, ROLLIE E. Feira de Santana. Salvador. Editora Itapuã. 1968. 328 pág.
- ginasiosantanopolis.blogspot.com. [Governantes de Feira de Santana de 1890 a 1929 - santanópolis.](#)
- www.jornalgrandebahia.com.br. [Memória: os 10 intendentes de Feira de Santana - Jornal Grande Bahia.](#)
- www.memorialdafeira.ba.gov.br. [Memorial da Feira.](#)

LIACÉLIA PIRES LEAL. Professora de história e membro do IHGFS.

FEIRA DE SANTANA NA HISTÓRIA - 1949

Milton Pereira de Britto

Feira de Santana, cognominada “Princesa do Sertão”, pelo ilustre jurista Ruy Barbosa, teve registro, dentre os diversos Municípios do Estado da Bahia, no Álbum Comemorativo do 4º Centenário da Cidade de Salvador, com os seguintes dados informativos: “lugar de clima adorável distando poucas horas de automóvel, da Capital do Estado”.

Consta como sendo um local repleto de belas páginas do seu passado, destacando-se a figura de Maria Quitéria de Jesus Medeiros, a grande heroína da nossa história.

Município criado pelo Decreto de 13 de dezembro de 1832 e instalado em 18 de setembro do ano seguinte, pela Lei Provincial nº 320 de 16 de julho de 1873, elevada à categoria de cidade, e com a denominação atual pelo Decreto nº 7.479 de 08 de julho de 1831.

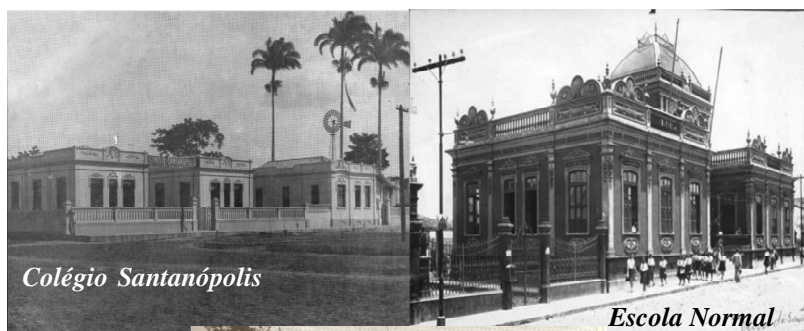
Destaca o seu progresso pelo dinamismo do seu povo e de seus administradores, sendo naquela oportunidade um dos mais importantes Municípios baianos, contribuindo extraordinariamente para o soerguimento econômico do Estado da Bahia. Diz ainda que, pelo seu aspecto urbanístico de cidade moderna e pelo movimentadíssimo comércio, oferece ao visitante excelente clima de prosperidade, com ruas e avenidas largas, retas e extensas, cortando-se perpendicularmente.

Na administração municipal, tece-se elogio à administração eficiente do Sr. Agnaldo Soares Boaventura, Prefeito de então, que vem executando um grande programa de

realizações, a par de uma administração honesta e equilibrada e no que se refere às finanças, teve uma arrecadação municipal em 1948 de Cr.\$ 2.473.255,00(dois milhões quatrocentos e setenta e três mil e duzentos e cinquenta e cinco cruzeiros), uma das maiores receitas dos municípios baianos.

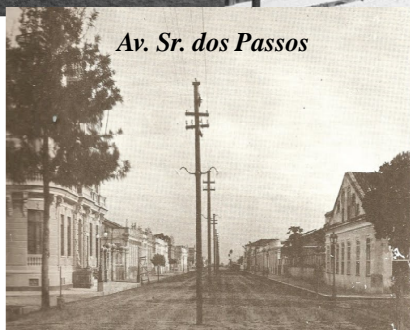
Na oportunidade, registrou-se o município com uma área de 2.087 km², com uma população de quase 100 mil habitantes, sendo os seus principais produtos, o fumo, milho, feijão, mandioca, algodão, e uma notável criação de gado bovino, equino, ovino e suíno.

Em todo Município existem 150 escolas, sendo 68 Estaduais, 33 Municipais e 49 Supletivas, além de grandes estabelecimentos de ensino da cidade de Feira de Santana, como a Escola Normal, o Ginásio Santanópolis e a Escola Técnica de Comércio.



Colégio Santanópolis

Escola Normal



Av. Sr. dos Passos

**FEIRA
ANTIGA**

**(Fotos:
Acervo do autor)**

Neste ano de 1949, tinha o País como Presidente o Gal. Eurico Gaspar Dutra, Governador do Estado o Eng. Otávio Mangabeira, Prefeito Municipal Agnaldo Soares Boaventura.

FONTE BIBLIOGRÁFICA

Quatro Séculos de História da Bahia – Revista Fiscal da Bahia.

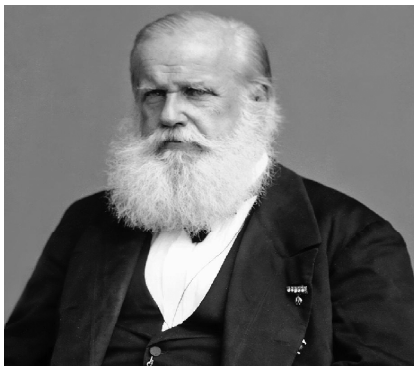
MILTON PEREIRA DE BRITTO, Membro do IHGFS, da AFL, ACAFS, ARLJ, Comendador da Ordem do Mérito de Feira de Santana - Bahia.

A QUEDA DA MONARQUIA, O EXÍLIO E A MORTE DE D. PEDRO II

Neide Almeida da Cruz

Após uma fase de apogeu, iniciada por volta de 1850, assinala-se a partir de 1870, no Brasil, após o término da Guerra do Paraguai, o começo da decadência do Segundo Reinado. As campanhas abolicionistas e republicanas, bem como as questões religiosas e militares, constituiriam fatores decisivos do que viria a culminar a queda da monarquia, em 1889.

Os anos 1880, marcariam, então, a morte de dois maiores sustentáculos do Império: O Duque de Caxias e o Visconde do Rio Branco, além de outros vinculados a D. Pedro II, como Bernardo de Vasconcelos, Aureliano, Pedro Souza, Euzébio, Zacarias e Nabuco. Esses fatos tornaram maior o



*D. Pedro II, Imperador do Brasil
(Foto recuperada por José Ângelo
Pinto, fotógrafo profissional.)*

afastamento de D. Pedro do público e ele cada vez mais se dedicaria ao estudo das línguas e a viagens ao exterior, para tratamento de saúde. Ao consultar os médicos brasileiros e decidir-se por mais uma viagem, o imperador deveria descansar na França, aproveitando para se consultar com o Dr. Jean Martin Charcot e outros especialistas. Com um novo empréstimo pessoal de 50 mil libras, concedido pela Casa

Knowles & Foster da Inglaterra, o Imperador embarcou para a Europa, no dia 30 de junho de 1887. A bordo do Vapor francês La

Gironde, viajava em companhia da Imperatriz Thereza Christina e de uma pequena comitiva, incluindo o príncipe Pedro Augusto, filho da falecida Leopoldina e o neto preferido do Imperador, um médico particular, o Visconde da Mata Maia.

Pela primeira vez, D. Pedro viajava sem seu fiel escudeiro, o Visconde do Bom Retiro, que morrera um ano antes dessa viagem. Perda maior para o Imperador foi a morte de Vitor Hugo, no dia 22 de maio de 1885, exatamente oito anos após ter tido a surpresa de receber o Imperador do Brasil em sua casa.

A viagem correu bem. O Imperador aportou em Portugal, em 19 de julho de 1887 e já no dia 22 se encontrava em Paris. A comitiva do Imperador chegou à Gare d'Austerlitz, sendo recebida por representantes do governo francês e uma multidão de brasileiros ali radicada, como a Condessa de Barral, ansiosa para rever o amigo Pedro. Passou as duas primeiras noites hospedado no apartamento de Nioac. Era um outro Pedro que voltava à Europa. Tudo havia mudado. Até a sua "era romântica", representada por Gobineau, Vitor Hugo e Wagner, parecia morta.

Já no Grande Hotel, recebeu as primeiras visitas da junta médica: o neurologista Jean Martin Charcot e o seu colega Charles Édouard Brawn Séquard, entre outros especialistas. Diagnosticaram estresse e anemia. Recomendaram-lhe uma temporada na estância de águas termais em Baden-Baden, na Alemanha. Mas, antes, o Imperador quis ver e viver Paris. Se, por um lado envelhecia precocemente, por outro mantinha a mesma curiosidade da juventude.

Em Baden-Baden, o Imperador fez tratamento com duchas. Depois de dois meses, já se sentindo bem-disposto e antes de voltar a Paris foi a Coburgo, na Baviera, visitar o túmulo da filha Leopoldina e também a Bruxelas. D. Pedro não parava. Tentava agir como antes, como se não tivesse nenhum problema. Aproveitando que estava na Europa, quis atravessar o Mediterrâneo até o Egito, mas os médicos o proibiram. Ele, então,

foi a Marseille e a Cannes.

A caminho de Cannes, conversou com o Grão- Rabino de Avignon, Ben Mosseè, o primeiro estrangeiro a escrever-lhe biografia: “D. Pedro empereu du Brésil”, publicada em 1889, com D. Pedro II ainda vivo. Escrita em francês, a língua universal dos intelectuais, de então, a obra foi ideia do Conde de Nioac. Mosseé era escritor razoavelmente conhecido na França. No entanto, o verdadeiro autor da obra, a quem Mosseé emprestou o nome, foi o Barão do Rio Branco, José da Silva Paranhos Junior.

Na beira do mar, o Imperador D. Pedro II conversou com diversos poetas, escritores e nobres e fez passeios pelas praias. Uma pessoa que não se esqueceria de sua figura seria Franklin Delano Roosevelt, futuro presidente dos Estados Unidos. Franklin, que na ocasião passeava com seus pais num parque do sul da França viu surgir um casal vestidos distintamente, D. Pedro II e a Imperatriz. Segundo o presidente norte-americano, aquela seria o seu primeiro contato com o Brasil.

Sem poder ir ao Egito começou a explorar a Itália, aproveitando para consultar-se com o Dr. Semnola. Subiu o Vesúvio mais uma vez. Passou por Gênova, Florença, Nápoles, Bolonha e Veneza. Em Florença, em março de 1888, o rei Humberto da Itália, em temporada no Palácio Pititi, convidou-o para um almoço onde havia várias cabeças coroadas, entre elas, a rainha Vitória da Inglaterra.

O Dr. Mota Maia sempre preocupado com a saúde do Imperador, em carta para o Conde D’Eu, informava as peripécias do Imperador. Voltou para Florença e visitou o atelier de Pedro Américo, que pintava, então, a hoje famosa tela “Independência ou Morte”. Em Milão, encontrou-se com Carlos Gomes e assistiu à Ópera Carmosina. Ainda em Milão, sua saúde piorou. Teve febre e não pode sair do hotel. Mota Maia mandou chamar Charcot, em Paris. Enquanto o médico francês não chegava, D. Pedro foi atendido por dois médicos italianos, que concordaram com o

primeiro diagnóstico de Mata Maia: Pleurite seca (inflamação da pleura).

Quando Charcot chegou, o quadro clínico de D. Pedro II já apresentava leve melhora, e tão rápida que, depois de um período em Aix-les-Bains, o Visconde de Nioac, seu camarista começou a organizar a viagem de volta ao Brasil, no navio Congo. Os médicos Charcot e Mota Maia recomendaram-lhe, apenas, leitura. Alguns amigos vieram a Bordeaux, como Rio Branco, Frederico Santana Nery, a Condessa de Barral, entre outros, para a despedida do Imperador. No Brasil, o casal imperial recebeu uma acolhida calorosíssima, em 02 de agosto de 1888. Mas, ainda assim, a saúde do Imperador estava comprometida e o destino da Monarquia, definitivamente traçado. Da chegada do Imperador até à Proclamação da República, passaram-se quinze meses.

O melhoramento do abastecimento da capital não era a única obra de engenharia da ocasião. Em, 27 de abril de 1889, na presença do Imperador foi inaugurada e entregue a Ilha do Fiscal. Esse novo prédio da guarda fiscal alfandegária do Porto do Rio de Janeiro foi projetado pelo engenheiro Adolfo José Del Vecchio, no estilo gótico inglês. A construção foi iniciada em 06 de novembro de 1881 e durou mais de 7 anos.

O edifício é um trabalho minucioso em cantaria, madeiras e vitral. O brasão imperial é o elemento decorativo mais presente na construção, um verdadeiro “documento”. O brasão imperial em Cantaria ainda pode ser visto na fachada do edifício. Só foi salvo da destruição, porque Del Vecchio pediu a Rui Barbosa, depois da queda da monarquia, que o trabalho artístico fosse conservado. Apesar da arquitetura de Del Vecchio ter sido inspirada nos projetos de Violete Leduc, amigo de D. Pedro II, lembra um castelo medieval, nesse edifício onde o mais moderno existia de tecnologia no mundo.

Um grande espetáculo estava para ser encenado: a hora de D. Pedro descer da calma Petrópolis. Na manhã do dia 09

de novembro de 1889, o imperador retornava ao Rio de Janeiro para inaugurar, no Caju, o Hospital São Sebastião, presidir o Conselho de Ministros, e, à noite ir ao baile que o governo ofereceria à Marinha do Chile, o famoso Baile da Ilha do Fiscal.



Logo cedo, uma multidão de curiosos começou a reunir-se na região portuária com o intuito de apreciar, mesmo distante, um baile que o presidente dos Conselhos de Ministros, Visconde de Ouro Preto realizaria em homenagem aos oficiais e marinheiros do encouraçado chileno Almirante Cochrane. As relações do Brasil com o Chile sempre foram as mais cordiais possíveis. Entre os países sul-americanos eram o que tinham menos conflitos e mais interesses comuns. No final do século XIX os dois países politicamente eram os mais estáveis, diferentes dos demais, sempre envolvidos em golpes militares e lutas entre caudilhos locais.

Ao desembarcar na ilha, fraco das pernas e amparado por seu médico Mota Maia, D. Pedro teria tropeçado no tapete e perdido o equilíbrio por alguns segundos. Várias pessoas correram para socorrê-lo. Sem perder a altivez, ele teria dito: " *A Monarquia*

tropeça, mas não cai". Mal sabia o Imperador que aquele baile da Ilha do Fiscal, como ficou conhecido, seria a despedida dos Imperadores à sociedade brasileira. É que, naqueles dias um grupo de militares, guiados pelo positivista Benjamin Constant, reunia-se para decidir quando e como dar o golpe.

Num clima de grande confusão, o golpe foi realizado seis dias depois do baile da Ilha do Fiscal, em 15 de novembro de 1889. Em reunião, Benjamin Constant, mostrando-se preocupado com o destino do Imperador, perguntou: "*O que devemos fazer com o Imperador?*" Fez-se um silêncio, logo quebrado pelo Alferes Joaquim Inácio, ao propor: "*Exila-se*". Mas se resistir? Insistiu Benjamin. "*Fuzila-se*" sentenciou Inácio (avô de Fernando Henrique Cardoso) disse então Benjamin Constant: "*Oh, o senhor é sanguinário! Ao contrário, devemos rodeá-lo de todas as garantias e considerações, porque é um patricio muito digno.*" Sem derramamento de sangue, a República foi proclamada, depois de um golpe militar, com muitos erros e mal-entendidos. O Marechal Deodoro da Fonseca depôs o Visconde de Ouro Preto, então Presidente do Conselho de Ministros, na convicção de que estava derrubando um gabinete, não a Monarquia. Amigo e fiel aliado de D. Pedro deixara-se manipular por alguns republicanos, entre eles, Rui Barbosa, Quintino Bocaiuva, Aristides Lobo e pelo positivista Benjamin Constant. Quando o Marechal Deodoro se deu conta do ocorrido, era tarde demais. José do Patrocínio já proclamara a República, na Câmara, recebendo o endosso de Benjamin Constant.

Imediatamente, organizaram um governo provisório, cujo primeiro ato foi comunicar a D. Pedro o fim da Monarquia, a sua deposição, e que o soberano estava intimado a deixar o Brasil dentro de vinte e quatro horas. A operação foi tão constrangedora que nenhum líder republicano ou militar teve a coragem de encarar o Imperador. Foi mandado um recado por um Tenente-Coronel, que comunicara o ocorrido.



A Família Imperial na varanda da residência da princesa Isabel e do Conde D'Eu, hoje Casa da Princesa. Da esquerda para Direita: D. Theresa Christina, sentada; a Princesa Isabel, dom Pedro II, o neto Pedro Augusto, o Conde d'Eu, D. Luis e D. Pedro, Príncipe do Grão-Pará, todos em pé. No degrau da escada, D. Antonio, aos pés de sua avó (acervo da autora).

Com postura serena, o Imperador mudaria às 1h30m da madrugada do dia 17, quando recebeu outra determinação de que o prazo inicial, de 24 horas, fora revisto. A família imperial deveria partir imediatamente para o exílio. Quando o Senhor Mallet anunciou a partida, D. Pedro apenas falou: *"não sou nenhum fugido, para sair assim..."* Embarcaram no navio Paraíba até à Ilha Grande, daí pegaram o vapor Alagoas até Portugal. O navio Riachuelo de perto fez a escolta até que deixassem águas brasileiras. No dia 24

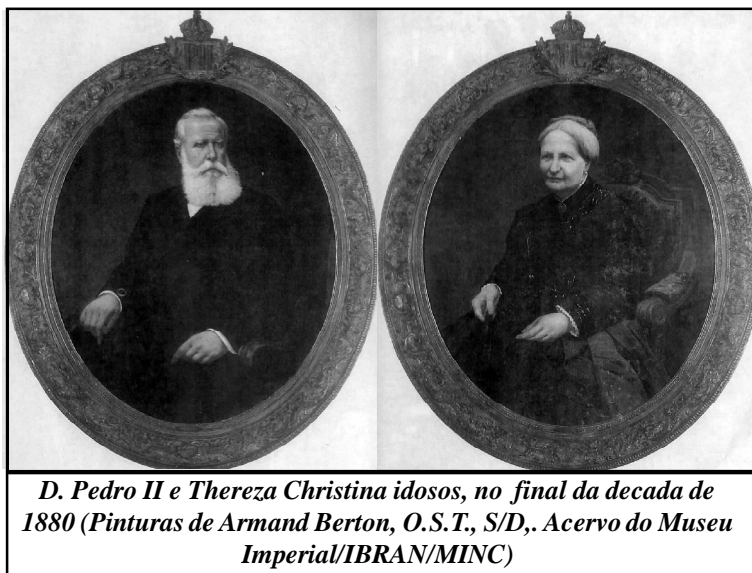
de novembro, o navio passou pela Ilha de Fernando de Noronha, onde o Imperador alongou bem a vista para a última terra brasileira.

Ao desembarcar em Lisboa, após três semanas na travessia do Atlântico, D. Pedro recusou o palácio que lhe foi oferecido pelo sobrinho-rei, preferindo hospedar-se em hotel. Os soberanos se transferiram para o Porto. Inesperadamente, em 28 de dezembro, a Imperatriz Thereza Christina faleceu em decorrência de um ataque cardíaco, enquanto o marido visitava a Escola de Belas Artes. Suas últimas palavras, segundo a baronesa de Japura, que não saíra do pé do leito de D. Thereza Christina: “*Maria Isabel, não morro de moléstia, morro de dor e de desgosto.*” O corpo da Imperatriz foi sepultado na Igreja de São Vicente de Fora, em Lisboa, onde fica o panteão da dinastia dos Bragança. As despesas do funeral foram pagas graças a um empréstimo do Visconde Alves Machado, um comerciante português que havia enriquecido no Brasil.

A família imperial partiu para a França. O imperador se fixou em Cannes, no Hotel Beau Sejour, onde recebia a visita da Condessa de Barral, dos amigos brasileiros que moravam na França e da nobreza europeia que também se refugiava na Côte d’Azul, durante o inverno. Esse inverno foi muito rigoroso. Em Paris, a temperatura caía a nove graus negativos, congelando o Rio Sena. Pior: uma epidemia de gripe varria a Europa, atingindo 50 % da população. Mais de 1 milhão de pessoas morreram em todo o mundo da gripe russa, considerada a primeira cientificamente registrada, uma pequena amostra do que seria a gripe espanhola, entre 1918 e 1920. Valia ficar em Cannes, longe do frio e das multidões.

Por recomendação de Dr. Charcot, que fora a Cannes checar a saúde do seu nobre paciente, D. Pedro deveria voltar a Baden- Baden, para fazer terapia de águas termais. Na viagem de 800 quilômetros, D. Pedro planejou uma parada estratégica a meio caminho. Entre julho e agosto, passou duas semanas no Castelo da Condessa de Barral, em Voiron, ao lado da velha

amiga. Antes de partir para Essen, a convite de Friedich Alfred Krupp, herdeiro do império industrial, o magnata conheceu D. Pedro através dos Nioac da majestosa Vila Hugel de Essen, em 30 de novembro de 1890. Sem ajuda financeira do governo brasileiro, que ele havia recusado sua situação era difícil e ele se mantinha com o auxílio dos amigos mais abastados, como Eduardo Prado, Penedo e Nioac. Em Paris, ficou em Versailles, perto da filha Isabel que tinha alugado uma casa na região, mas ele se instalou num modesto hotel. Depois se hospedou na casa de Nioac que, como a “Cidade Luz” fervilhava nos saraus, jantares e pequenas recepções, vez que a nata dos brasileiros exilados ou não, corria para lá. Eduardo Prado, Ouro Preto, Lafaiete, Rio Branco, Barão de Estrela, Ferreira Viana por ali passaram em visita ao ex-monarca. Também franceses, como a célebre atriz Sarah Bernhardt, reviram o Imperador na casa de Nioac, além do cônsul português Eça de Queiroz.



No dia 14 de janeiro de 1891, morreu a Condessa de Barral. No seu diário, D. Pedro escreveu: " *Morreu a Condessa de Barral,*

minha amiga, desde 1848 e de ver todos os dias quando educava minhas filhas, desde 1851. O mérito dela só o aquilatou quem a conheceu como eu." No final de outubro, D. Pedro hospedou-se no Hotel Bedford, na Rua Arcade, 17, onde já ficara a família Mota Maia e hoje existe uma placa que celebra a estadia do ex-imperador. Na época era um modesto hotel; hoje, depois da reforma, é um bem arrumado quatro estrelas.

No dia 25 de novembro de 1891, assistiu, sem saber, à sua última reunião da Academia das Ciências. No dia seguinte, com tempo frio e céu nublado fez um imprudente passeio de carruagem pelo Parc de Saint Cloud. Naquela mesma noite começou a tossir. Dr. Charcot foi chamado, D. Pedro contraíra uma gripe, uma pneumonia.

O falecimento de D. Pedro ocorreu sem dor, como se ele dormisse. Partiu à meia-noite do dia 05 de dezembro de 1891.

Sadi Carnot, presidente da França, que estava fora de Paris, mandou todos os membros da Casa Militar em trajes de gala levar pêsames para a Princesa Isabel. Os nomes mais importantes da França, republicanos, monarquistas, sábios, literatos, a monarquia europeia, casas reinantes compareceram em peso ao velório, além de embaixadores de diversas nações.

O Conde d'Eu, seu genro, encontrou o pequeno embrulho com terras que, sigilosamente, havia mandado vir do Brasil. "*É a terra do meu país, desejo que seja posta no meu caixão*", serviu-lhe de travesseiro eterno.

A vida de D. Pedro em Paris nunca gerou tanta reunião de divergentes quanto a sua morte. O presidente francês, Sadi Carnot determinou que se organizasse um funeral imperial para o ex-monarca. Para desconforto para não dizer ira do governo brasileiro, D. Pedro recebeu tratamento e honras de Chefe de Estado. A Igreja da Madeleine foi preparada para as exéquias e o governo francês colaborou com os preparativos. No dia 09 de dezembro de 1891, uma missa foi celebrada pelo abade Le

Rébours, o coro da Igreja foi regido por Babriél Fauré, cantou o Kyrie de Beethoven e o Agnus Dei de Cherubini. No final da missa, o caixão do Imperador, coberto com a bandeira imperial foi levado para o coche fúnebre puxado por oito cavalos pretos, uma divisão do exército francês em continência, aguardava o féretro. Três generais de brigada chefiavam as tropas que perfilavam da Rue Royale até o Boulevard Sant-Germain. Guardado por 80 mil soldados das guarnições de Paris e arredores, o cortejo passou em frente à Assembleia Nacional da França de onde ouviu salvas de canhões, do Hotel des Invalides, em homenagem ao ex- imperador.



A Autora em frente ao Hotel Bedford, em Paris, onde D. Pedro II passou seus últimos dias. Na fachada, duas placas comemoram as estadias de dois brasileiros ilustres: D. Pedro II e Heitor Villa-Lobos.

Às três horas da tarde, já em frente à Gare de Austerlitz, as tropas desfilaram perante o corpo de D. Pedro. Às 20h30m, o trem especial que levava o corpo de D. Pedro partiu para Portugal.

Chegou em Madri às 6 horas da manhã, onde esperavam pessoas da nobreza, o Ministro da Guerra e demais membros do governo.

Em Lisboa, o rei e a corte reunida esperavam o corpo de D. Pedro na Estação Ferroviária de Santa Apolônia. De lá até à Igreja de São Vicente de Fora, a guarnição militar da cidade formou alas. Os navios de guerra, ancorados no Tejo, salvavam de 15 em 15 minutos. A Rainha, suas damas e todo o corpo diplomático, novamente com exceção do representante brasileiro, aguardaram o cortejo na escadaria da Igreja, onde o cardeal patriarca de Lisboa e todos os bispos do país cantaram a missa Laberame.

Assim, o rei exilado é enterrado como imperador brasileiro, adornado com os símbolos de sua terra. *"Rei que é rei, jamais perde a realeza."* D. Pedro não foi propriamente um estadista; faltava-lhe a visão de conjunto, o gosto pela política, a coragem de ousar. Honesto, fiel cumpridor de deveres, patriota sincero. Era intangível a dignidade da sua vida privada, extremamente espontâneo o seu desprezo pelo dinheiro; instrutiva repugnância pela desonestidade e falta de compostura moral. Era justo, sincero e zeloso pelo povo brasileiro. Com renda assegurada pelo cargo, ele fizera de tudo para nunca elevá-la, mesmo se endividando em viagens ao exterior. No ângulo da inteligência e da cultura, nenhum teria sido superior a D. Pedro II. É imperdoável a maneira como ele foi expulso da Pátria onde nascera e que amava, sem a menor resistência. D. Pedro II, o maior injustiçado dos dirigentes que o Brasil já conheceu e mártir da Nação.

REFERÊNCIAS

- ASSUNÇÃO, Torres Maurício. A História do Brasil nas ruas de Paris. RJ: Casa da Palavra, 2014.
- AVELLA, Aniello Angelo. Tereza Cristina: Uma imperatriz napolitana nos trópicos. RJ: Ed. da Universidade do Rio de

Janeiro, 2014.

- GOMES, Laurentino. 1889. 1ª edição, SP Globo – 2013.
- PRIORE, Del Maria. Condessa de Barral : SP Lis Gráfica, 2008
- REZZUTTI, Paulo. D. Pedro II. A história não contada. SP: Casa da Palavra, 2015
- SCHWREZ, Moritz Lília. As Barbas do Imperador. 2ª edição, SP, Companhia das Letras, 2018
- JTRESPACH, Rodrigo. Histórias Não (ou mal) Contadas. 1ª edição, SP: Harper Collins, 2017.

NEIDE ALMEIDA DA CRUZ – Professora de História, pesquisadora, membro do IHGFS e da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana, membro Titulaire Societé des Amis des Universités de Paris – Sorbone.

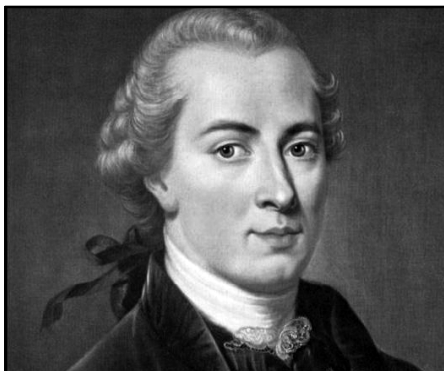
OS GRANDES VULTOS DA HISTÓRIA UNIVERSAL (PARTE 1)

Nilton Bellas Vieira

Ao emitirmos opinião sobre o elenco dos Grandes Vultos da História Universal ora colocados cronologicamente, por mim, por merecimento pessoal, de cada qual, por certo, não pretendo obter o consenso geral entre os leitores, não é isto que estou a almejar. É que pela lógica e bom senso, minha opinião não pode marcar o fim, por exemplo, de uma discussão acadêmica, em torno desses valores.

Todo grande vulto da história apresenta, sempre, o rótulo de um grande interprete da história, de um grande pensador, capaz de incitar discussões acaloradas entre seus pares. Os conflitos, as divergências, as controvérsias, fazem parte desse caldeirão da história, uma vez que os conteúdos, usos, significados do conhecimento, não deixem de ser a grande faceta da ciência histórica.

Historiadores que mudam o rumo da história, que contam



Immanuel Kant

(<https://www.todamateria.com.br/>)

a história da história, apresentam uma historiografia crível, séria, no bojo de uma documentação que emerge, num trabalho investigativo, democrático, esclarecedor. É como diz Cabral de Melo Neto, que a história deva ser recontada sempre para ter uma maior credibilidade de leitura.

Por exemplo, Immanuel Kant, Heidegger, através da mensagem de que os feitos podem mudar, o modo como vemos todo o passado, numa forma de investigação histórica. Os estudos Kantianos sobre a mente mudaram essencialmente a maneira pela qual vemos hoje, o empenho dos historiadores.

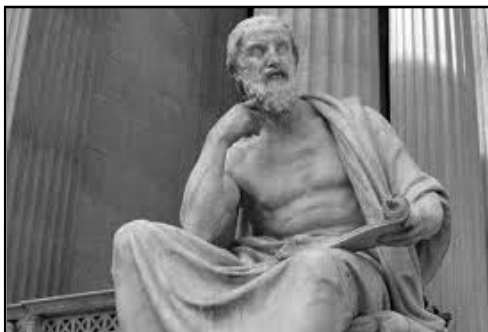
Sobre a escrita da história, tem-se a acreditar que jamais a historiografia teria fôlego, se por trás disso tudo, não houvesse uma outra história, com base da nova escrita. O exemplo tornar-se-á fácil de assimilar e de se apreender: sobre nossos antepassados, aqueles que vivem a.C. e mesmo d.C. bastando situar Heródoto que é considerado o “pai da história”, Tucídides, Tácito, para nos darmos cientes de como toda a historiografia depende deles, para dar conta do nosso conhecimento sobre a história antiga.

Vultos, portanto, de um passado bastante remoto, deixaram valiosas contribuições, para a historiografia: as obras do historiador chinês antigo Sima Qian, mais adiante, na Idade Média do historiador medieval francês Froissart levantam questões que são muito ligadas aos historiadores pós-modernos.

Um ponto de vista estabelecido e bem distinto sobre a história, suas fases que dividiram costumes, entre civilizações, antiga, média, moderna e contemporânea, como os apresentados, a partir de Tito Lívio, Políbio, Beda, indo a Maxwell, Shakespeare, Burns, em estudos históricos, por analogia, conceito de opiniões, sem dúvida, pode igualmente, nos ajudar a ganhar uma distância crítica em relação à nossa própria opinião.

Remontando aos tempos antigos, vamos focalizar o primeiro grande vulto da história universal: Heródoto de Halicarnasso (484-C. 424 a.C). Seria ele, considerado, pai da história ou pai das mentiras? É que em sua única, mas vasta obra, a história, é dividida em nove livros.

Em História, ele relata suas viagens e suas investigações, são registrados para preservar a memória do passado, assentando as surpreendentes conquistas, tanto na Grécia, Roma, quanto de outros povos e, mais particularmente, para mostrar como elas entraram em conflito.



Heródoto, o primeiro historiador
<https://amenteemaravilhosa.com.br/>

Heródoto, em seu livro, História, inicia uma demonstração da sua investigação (apodexis histories) a fim de preservar os fatos e as causas essenciais dos eventos recentes, em paralelos ao mundo antigo. Outros relatos de

viagens foram feitos a título de investigação, como o de Dionísio de Halicarnasso, que, por sinal, viveu depois do próprio Heródoto.

A história propõe e Heródoto mostra padrões de desenvolvimento e declínio:

Darei continuidade à minha história, narrando o enredo à medida que prossigo, pelas cidades pequenas, porém nada menos que notáveis. A maioria daquelas que algum dia se destacaram, hoje é sem importância; e as que costumavam ser pequenas eram excelentes na minha época. Contudo, por saber que a prosperidade humana nunca perdure no mesmo lugar, devo dar atenção a ambos, igualmente.

Para Heródoto as fases de desenvolvimento e declínio, podem ser explicadas de duas maneiras: Primeira, a felicidade contínua gera arrogância. Pessoas arrogantes, diz ele, são propensas a ignorar conselhos. Uma vez que elas ultrapassam

seus limites morais, uma punição lhes inflige na forma de Justiça (Dike) ou castigo (Nemesis). Essa questão, por exemplo, pode ser vista no relato sobre a ascensão e queda de Ciro (Pérsia) no livro I – *Histories*.

Ele explica o que é ascensão: são seus sustentáculos, as chamadas culturas inflexíveis que são aquelas independentes, que não têm governo central. Já as flexíveis são opulentas governadas por monarquias absolutas e são suscetíveis de conquistas por estranhos. As inflexíveis tendem a conquistar as flexíveis. Quando o fazem ficam à mercê de invasão. Foi o caso de Ciro, rei da Pérsia e mais tarde Xerxes ao confrontar os gregos, estes que foram a cultura inflexível “firmes e afáveis” chaves do sucesso.

Em *História*, Heródoto cita apenas um predecessor, Hecateo de Mileto, que escreveu um livro sobre geografia histórica. Ele cita poetas, tais como Homero e Hesíodo, não obstante os censurasse, por preferirem a conveniência, à precisão; mas, no entanto, a poesia exerceu, influência direta tanto na estrutura da obra (*Histories*) como na escolha de determinadas frases.

Grande parte de *Histories* de Heródoto teve, como base, testemunhos verbais reunidos em suas viagens, daí dizer: “dizem os espartanos” – “dizem os gregos” – “dizem os persas”. Algumas vezes ele lança dúvida sobre o relato de um incidente, mostra seu ceticismo sobre certas afirmações, e repudia francamente alguns. Usou informações orais para construir os discursos em *História* e disso se pode diferenciar em “*Oratio Recta*” dos discursos em “*Oratio Oblíqua*”. Por exemplo, formas de governo em *Oratio Recta* na discussão, no livro 3 entre Otanes, Megabiro e Dario, e numa montagem do próprio Heródoto, ele se refere à

divisão grega em três tipos de forma de governo: democracia, oligarquia e monarquia.

A obra de Heródoto, *Histórias*, há muito tempo é considerada ambivalente. Essa ambivalência foi exemplificada pela proposição de Cícero de que, na história:

Tudo se destina a alcançarmos a verdade, porém na poesia, muitos se dispõem ao prazer - embora em Heródoto, o pai da História(...) haja inúmeras lendas.

A partir do séc. XX as “narrativas maravilhosas” de Heródoto passaram a ter mais fundamento, deu-se o respeito entre os eruditos, pelas tentativas de chegar às causas dos eventos, por reconhecer a fiabilidade e, por sua aptidão de atrair leitores.

NILTON BELLAS VIEIRA - Professor de História, Procurador Jurídico da UEFS (Aposentado), Patrono da Fundação Cultural Egberto Costa.

PASSADO À CEM POR HORA

Robson Silva Torres

Para o indivíduo moderno e urbano, as marcas do passado, provas indeléveis de nossa herança cultural, costumam repousar nas sombras de uma memória quase sempre esquecida. Sua materialização só se torna possível, quando a frenética rotina vacila, rompendo o automatismo e permitindo aflorar o olhar descompromissado da curiosa criança que habita em nós.

A vida à “cem por hora” esconde-nos cenários e lugares que nos surpreenderiam e despertariam interesse, principalmente quando fazem parte de um paisagem já em muito familiarizada. Exemplo disto é o imenso acervo histórico e cultural presente em um dos corredores rodoviários mais utilizados pelos feirenses.

A rodovia BR-324, em seu trecho entre Feira de Santana e Salvador, cruza com seu intenso tráfego um dos mais importantes corredores agrícolas do passado brasileiro. Os campos canavieiros do Recôncavo Baiano foram por muito tempo, juntamente com a extração do pau brasil, os principais mananciais econômicos desta colônia para a metrópole lusitana. A produção de açúcar nesta região foi o berço das primeiras grandes fortunas baianas e do nefasto processo de escravização humana, fomentado pelo comércio intercontinental.

Principais produtos de exportação do Brasil nos 1^{os} séculos do regime colonial:

Século XVI	Pau brasil, açúcar e algodão
Século XVII	Açúcar, algodão, pau brasil e fumo
Século XVIII	Açúcar, fumo, algodão, ouro, sola, aguardente e farinha mandioca

Tabela 1 - Principais produtos brasileiros nos séculos XVI, XVII e XVIII

O ouro branco - Foi nesta terra rica em massapê, entre o Litoral e o Sertão, que a *Saccharum officinarum*, a cana-de-açúcar, se firmou, trazida do sul asiático para mudar a paisagem, a história e os costumes de nossa gente.

Os engenhos, eram os núcleos agroindustriais de processamento da cana e demarcavam a região como suas estruturas habitacionais e de produção semelhantes a uma pequena vila em meio à uma extensa área de cultivo. Para que se tenha uma idéia, já em 1575, o Recôncavo Baiano contava com 36 grandes engenhos. A maioria no litoral ou próximos à “braços de mar” como o Engenho Sergipe, apelidado de “Rainha do Recôncavo” por ser considerado o mais produtivo e o Engenho Velho em Santiago do Iguape, distrito que hoje pertence à cidade de Cachoeira.

Número de engenhos na Bahia ao longo da história:

Período	Quant.
Século XVI	25
Século XVII (1612)	50
Século XVII(1629)	80
Século XVII (1676)	130
Século XVIII (1710)	146
Século XVIII (1750)	172
Século XVIII (1790)	200
Século XVIII (1799)	400
Século XIX (1834)	603
Século XIX (final)	855

Tabela 2 - Número de engenhos na Bahia

Com as exportações crescendo, amplia-se o território para novos engenhos , fenômeno este que ocorreu no sentido litoral - continente, chegando em áreas dos atuais municípios de Candeias, Santo Amaro, Terra Nova e Amélia Rodrigues.



Tempos mais tarde, a cultura açucareira brasileira entra em crise, decorrente da forte concorrência internacional, fazendo com que o complexo de engenhos do Recôncavo fossem desativados paulatinamente. Muitos mudaram de ramo para tentar sobreviver, mas a grande maioria foi vendida, repartida entre herdeiros ou até mesmo abandonados.

Passados vários séculos, o canavial ainda está lá. Em diminuta parcela do que antes havia. Tocado modestamente por uma única usina da região que desafia os novos tempos de economia global. Seu “verdume” sumindo no horizonte, visto da janela de um carro moderno, dá um tom poético e bucólico a quem o aprecia. Em suma, ainda nos chama a atenção.

Quanto aos resquícios materiais daquela época, restam menos ainda. Um dos poucos, pode ser visto por quem trafega naquela pista, são as ruínas do Engenho Brotas.

O Engenho Brotas - Escondido na vegetação, a alguns metros da rodovia, no limite final de um pequena mata do município de Amélia Rodrigues estão duas estruturas feitas pelo homem. São parte de duas chaminés que outrora ativas, jazem ignotas, como quem conformado, espera pacientemente seu inexorável destino.

Era ali, aos pés da antiga “Ladeira de Brotas”, hoje conhecida como “ladeira da embira”, que estava um dos maiores engenhos da região, o Engenho Nossa Senhora das Brotas.

Juntamente com seus vizinhos: Engenho da Mata (atual Aliança) e Engenho de São Bento de Inhatá (jesuítas), formavam os mais importantes e antigos da região que hoje compõe o município de Amélia Rodrigues.

No século XVIII, o engenho Nossa Senhora de Brotas pertencia à D. Isabel Joaquina de Aragão, passando no século XIX ao Dr. Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, o Barão de Vila Viçosa, sobrinho do Visconde da Torre de Garcia d’Ávila e descendente do Morgado da Casa da Torre.

Em 1834, era um dos poucos do Recôncavo a operar com motor a vapor diferente da maioria que ainda usava tração animal. Seu ocaso veio em duas fases, primeiro com a crise açucareira na segunda metade do século XIX e finalmente com convalescência e morte do santamarense Barão.

Para melhor localização, está na margem direita da BR-324 (sentido Feira - Salvador), após a cidade de Amélia Rodrigues, após algumas curvas, haverá uma grande e reta ladeira que descera tendo à sua lateral direita uma área de Mata Atlântica remanescente. No final dela haverá uma série de palmeiras imperiais e um bambuzal, onde estarão duas chaminés de alvenaria, distantes cerca de dois quilômetros antes da primeira praça de pedágio.

Com descendentes ainda vivos, o Barão era afamado por ser homem de grande cultura e bom gosto, sua biblioteca particular era conhecida pela riqueza do acervo.

Segundo consta, a “casa grande” ficava do outro lado da pista em terreno mais elevado onde hoje há uma tubulação e um grande charco com um aglomerado de palmeiras imperiais (foto 3).

No local onde estão as chaminés (foto 4) ficava toda estrutura do engenho e posteriormente da usina. Alguns metros além, há indicativos de outras habitações, possivelmente senzalas e acomodações de trabalhadores livres e mais à direita, pequena capela, certamente dedicada à Nossa Senhora de Brotas.



Foto 1, ladeira da “Embira”



Foto 2, chaminé.

(Fotos - acervo do autor)



Foto 3, o outro lado da pista



Foto 4, chaminé

BIBLIOGRAFIA

- Wikipedia;
- Site do IPHAN;
- <http://www.banque.com.br/portal/>

ROBSON SILVA TORRES - *Professor, pesquisador e editor do canal @feirareliquias.*

A FEIRA QUE VIVI

Roque Aras

Esta urbe *formosa e bendita* do louvor da poetisa expressa mesmo a dádiva que a natureza nos legou. Erguida em suave altiplano para melhor perscrutar seus horizontes, nossa Feira espalha sua abundante seiva pluvial e de seu rico aquífero pelos mais distantes campos e por inúmeras comunidades, através de emissários naturais, os rios Jacuípe, Pojuca e Subaé, este nela nascendo.

Esta rica, acolhedora e solidária hidrografia expressa a índole de um povo generoso, que sempre se renova e cresce, altaneiro, forte e empreendedor.

Feirenses dedicados já fizeram valiosos registros para a historiografia de Feira (Lélia Fernandes, Oscar Damião, André Pamponet, Adilson Simas, cujo início no jornalismo incentivei, Joaquim Gouveia, o incansável e um dos pioneiros, além de outros), sua mídia, especialmente a Folha do Norte nos últimos cem anos, e a Fundação Egberto Costa através de seu notável presidente Antônio Carlos Coelho, mas, há sempre fatos e vultos que ainda não integram o acervo cultural da cidade.

Ao relembrar episódios e pessoas, conclamamos outros feirenses para que nos tragam suas vivências, enriquecendo nossa historiografia.

Relembro 1948. Em caminhões que transportavam cargas e passageiros, e por precaríssimas estradas de rodagem, nossa cidade se comunicava com o norte e o sul do País, pela Transnordestina, com Ipirá, e com Salvador, tendo com esta, também, uma ligação ferroviária através de São Gonçalo,

Conceição da Feira (de onde provinha um ramal da VFF da Leste Brasileiro), passando também por Santo Amaro.



Primeiras marinetes (www.feiradesantana.ba.gov.br-memorialdafeira)

Algumas *marinets* (tipo ônibus) da Empresa Santana, de Pedro Falcão, conduziam pessoas diariamente e em poucos horários, de Feira para a Capital, tendo como *ponto* um abrigo que existia na confluência da Avenida Senhor dos Passos com a Praça João Pedreira. O percurso era feito em quatro horas e o passageiro quando desembarcava precisava ir logo para casa tomar banho e trocar de roupa, pois chegava coberto por camada de pó avermelhado. Os que podiam pagar a passagem mais cara, preferiam o *motriz*, um vagão ferroviário autônomo com algum luxo que, saindo às 5 horas da manhã de Feira, demorava apenas duas horas, chegando-se limpo e a tempo de resolver negócios. A estação ficava onde hoje é o *Feiraguai*, e cuja área, de propriedade da extinta Rede Ferroviária Federal, foi batizada por Newton Falcão com o nome do *presidente* da época, General Médici, pois somente assim o prefeito poderia

viabilizar sua transferência para o Município, como me confessou. Urge que o nome do logradouro seja alterado para o do excelente gestor (71/72).



Antiga Estação Ferroviária de Feira de Santana- 1876 a 1958
(www.estacoesferroviarias.com.br)

Quem fosse em direção a Ipirá ou a outras cidades dessa região (Itaberaba, Mundo Novo, Irecê, etc.) passava pela bela ponte do Rio Branco, construída na década de 20 sobre o rio Jacuípe, nas imediações da Fazenda Mocó, que era um campo experimental do Estado, de equinos e bovinos. E quem se dirigisse para o sul do país, enfrentava, em grande parte do ano, conhecidos e longos atoleiros. Nesses lamaçais quem mais sofria eram os nordestinos que fugiam da seca em demanda de São Paulo, viajando em *paus de arara* (caminhões com carroceria coberta de lona e tábuas transversais como bancos, sobre as quais viajavam dia e noite os retirantes com mulheres e crianças), suas malas e surrões, tudo misturado, consumindo as limitadas matalotagens (*matrutages*, como diziam), que eram as provisões de comida que mal davam para uma semana... tempo previsto para a viagem. Difícil encontrar um restaurante ou *rancharia* no percurso.

Até hoje me emociono quando ouço *A Triste Partida*, de Patativa do Assaré, cantada e tocada por Luiz Gonzaga.



Foto: Carlos Augusto
Publicado no Jornal Grande Bahia

O belo Coreto da Praça da Matriz
(www.jornalgrandebahia.com.br)

Em 1948, a cidade não chegava aos 30 mil habitantes na sede, e o dobro na zona rural. Ainda era (em imperfeito traçado) uma estreita e longa faixa de terra habitada do Tomba às Baraúnas, muitíssimo bem alargada na sua área central, e com alguns espaços vazios ao sul e ao norte.

Se fôssemos traçar o perímetro urbano de então, haveríamos de excluir (salvo melhor memória ou os arquivos da Prefeitura) a área depois do Emec (o chamado Ponto Central), ocupada por chácaras que abasteciam a cidade com água potável. O serviço era feito através de jumentos ou carroças com pequenos barris (carotes) e rodas emborrachadas. Não incluiríamos a Kalilândia (chácara de Elias Kalile); a Queimadinha (chácara de Lili (Leolindo Silva) e sua esposa, a bondosa D. Maria Pinto); deixaríamos de fora toda a baixada (de ambos os lados) da atual Avenida José Falcão, repleta de emersões de seu lençol freático; incluiríamos no perímetro urbano o Minadouro, o Najé, parte das Baraúnas, os inícios do Sobradinho, do Jardim Cruzeiro e da Rua Nova (Chácara da benemérita Dona Pomba, Ernestina Carneiro); a Praça Padre Ovídio, os Olhos d'Água, deixando de fora os bairros do Jardim Acácia, Feira X, Aviário (estrada velha

de Salvador) e, ainda, Serraria Brasil, Brasília, Adnil Falcão, Capuchinhos e Santa Mônica.

A economia de Feira, naquela época, se baseava na criação de gado, na exportação de fardos de folhas de fumo e no comércio, independentemente de sua agricultura de subsistência.

Sua elite (e aqui são citados os personagens mais destacados) era formada por abastados criadores de gado (Arnold Silva, Eduardo Fróes da Mota, Carlito Bahia, João Carneiro (pai de João Durval) e Heráclito Carvalho, este também exportador de folhas de tabaco, como o eram Donga Falcão, os irmãos Fraga Maia e Galeno Fraga. Empregavam mulheres em seus armazéns de fumo onde eram selecionadas as folhas perfeitas, compradas de lavradores da região (ou entregues pelos financiamentos recebidos), após o que, devidamente prensadas e amarradas em grandes fardos, eram embarcados por via férrea para Salvador. Na Capital ou em São Félix, famosas indústrias fabricavam cigarrilhas e charutos consagradas mundialmente (Suerdieck, Talvis e Dannemann); esta chegou a produzir um dos dez melhores charutos do mundo (Corona escuro); destaque também para alguns donos de alambiques (Genésio Moreira, líder em Humildes, Cel. José Pinto, pai de Chico Pinto); e os prósperos comerciantes (João Marinho também produtor de açúcar (Usina Itapetingui), Hermínio Santos (ferragens), João Pires (tecidos), Hermógenes Santana (louças), Cícero Carvalho (joias) Armando Oliveira (o alfaiate da elite); alguns advogados (Edelvito Campelo também político, o criminalista polêmico Jorge Watt); os médicos (Augusto Matias, Renato Santos Silva, Renato Sá, o humanitário Gastão Guimarães, Waldir Pitombo e Augusto Freitas, que também eram criadores, e Dival Pitombo, notável educador.)

Não sou e não desejo ser historiador, sequer simples pesquisador; nem pretendo sê-los (lembrando

Jânio, o ex-presidente), embora tenham por essas pessoas reconhecimento pelo importante papel que exercem na memória e na educação do povo. A Feira tem doutores e leigos que já se ocuparam e se ocupam dessas funções. Podem perfeitamente me dispensar de tais misteres.

Valho-me fundamentalmente da memória, com as falhas naturais, provocado pelo isolamento imposto pelo Corona Vírus, que já visitou dois filhos e uma neta, felizmente em breve hospedagem, expulso de pronto por outro filho, profissional da área, com medicação objeto de controvérsias...

Voltemos às tais reminiscências. Em 1948, o município era dividido em 10 distritos: Sede, Bomfim de Feira, Humildes, Pacatu (Sta. Bárbara), Tanquinho, Tiquaruçu (São Vicente), Maria Quitéria, Jaguara, Anguera e Ipuçu.

Os mais influentes “coronéis” eram, pela ordem dos feudos acima nominados, Teódulo Carvalho, Genésio Moreira, Antônio Cunha, Abílio Santa Fé e José Gregório (PSD), Godofredo Leite, Juvêncio Braga, Artur Vieira e João Carneiro (UDN). O prefeito, Agnaldo Boaventura (PTB), e na Câmara eram treze edis, com destaque para Áureo Filho, Augusto Matias, Abílio Santa Fé e Edelvito Campelo. Seu deputado estadual, Carlos Valadares e juiz, Alibert Batista.

Sua política sofria grande influência dos líderes distritais, vez que a população rural era o dobro daquela que residia na cidade, com predominância da UDN/Arena. Em 1972, a balança pendeu para o lado do MDB, em razão do trabalho promovido por um vereador da oposição.

As reuniões políticas eram realizadas nas residências dos chefes de partidos. Compareci a algumas em casa do vereador Leopoldo Cabral (PTB), com a presença do deputado Joel Presídio. Fizeram- me secretário de sua ala jovem. Claudemiro Suzart, ferrenho getulista, reiterado candidato à vereança e dono da popular Farmácia Campos, era conhecido por seus discursos

folclóricos. Revoltado por andarem espalhando que ele não era feirense, Claudemiro, em comício, dizendo que nascera em Feira, bem ali na Rua do Meio, perguntou do palanque o que ele era então? E entre a multidão alguém gritou, encerrando o discurso do orador: “filho de p...”. A Rua do Meio, atual Sales Barbosa, era a artéria do meretrício...

A Prefeitura abrigava no térreo o gabinete do Prefeito e secretarias, e no andar superior Justiça/salão do júri/Câmara de Vereadores. O prédio da Cadeia Pública hoje abriga a Casa da Cidadania.

A cidade contava com o Feira Tênis Clube como centro social da elite. Altaneira, a Euterpe Feirense conseguiu sobreviver às centenárias Vitória e 25 de Março como clube da classe média, devido ao seu abnegado patrocinador Hermínio Santos. As outras, embora ainda vivas, são mantidas por alguns idealistas, continuando a 25 de Março até pouco tempo (?) a receber aqueles que não podem passar sem seu pocker, dama, dominó ou xadrez. Tais sociedades conhecidas como filarmônicas, tiveram importante papel na vida social, cultural e até beneficente de Feira de Santana, alegrando, educando e ajudando seus sócios como órgãos assistenciais.



Filarmônica 25 de Março (www. vivasustentavel.eco.br)

Participavam de desfiles, procissões, tocatas em fins de semana e feriados nos belos coretos das praças da Matriz, Bernardino Bahia, Fróes da Mota e 2 de julho, que para elas eram construídos; abrilhantavam os comícios; tocavam em datas comemorativas; na recepção de visitantes ilustres; em bailes sociais e festas residenciais, além de manterem escola para a formação de músicos e para a alfabetização de jovens, depois aulas de datilografia.



Vizinho, funcionava o prédio do Monte Pio dos Artistas, assistindo aos artesãos nas doenças ou às famílias quando morriam, mantendo uma tradição que vinha das corporações da Idade Média na Itália, e que, passando pela Inglaterra e Alemanha, deu origem, a partir de 1932 e de Getúlio/Lindolfo Collor, aos IAPs, hoje INSS.

O Cine Íris substituíra, anos antes, o Cine Teatro Santana localizado em frente ao Beco do Mocó de ricas lembranças, cujos

filmes do cinema mudo encantara os mais velhos, fosse com Chaplin ou Greta Garbo, fosse com os cowboys John Wayne, Tom Mix e Roy Rogers; ou com as trapalhadas da dupla Stan e Laurel (o Gordo e o Magro). O velho cinema teve o mérito de também projetar a dramaturgia na sociedade, de cujos grupos participou o saudoso e persistente delegado Gilberto Costa.

Em setembro de 1948, Pedro Matos, sócio de meu pai em caieiras no município de Araci, inaugurou sua Rádio Sociedade, com 250w de potência, quando estávamos cansados de ouvir os pernambucanos (nossos desafetos do então Campeonato Brasileiro de futebol e da antiga Confederação do Equador), invadirem nossas casas com a sua Rádio Jornal do Comércio de 100kWa de potência e seu presunçoso bordão, Pernambuco falando para o mundo.

ROQUE ARAS - Advogado, foi Juiz do Trabalho, Chefe de Gabinete do Prefeito Francisco Pinto, Vereador de Feira de Santana, Deputado Estadual, Deputado Federal. Hoje aposentado como advogado da União.

O CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA

Vitor Batista dos Santos



*Casarão em 2. reforma feita pela prefeitura
(www.feiradesantana.ba.gov.br)*

O casarão dos Olhos D'água, como é conhecido, está situado a rua Dr. Araújo Pinho, que acreditamos ser a mais antiga estrada de rodagem da cidade. Sendo a estrada de ligação ao Recôncavo Baiano, por onde passaram, por diversos anos, tropas de mulas e rebanhos de gado. Possui uma arquitetura colonial, tipicamente do século XVIII, telhado de alpendre, com quatro águas. O casarão foi adquirido por Francisco José da Costa e Almeida, no ano de 1888, onde morou com familiares por muitos anos, neste casarão nasceram seus filhos e netos. Segundo Pedra:

"O Senhor Francisco José da Costa e Almeida, maior, brasileiro, requereu, em sessão ordinária em 24 de Novembro de 1888, o título de aforamento perpétuo do termo municipal ocupado por sua roça, onde existia um antigo casarão com uma cruz na frente no lugar denominado fazenda Olhos D'Água, subúrbio desta cidade de Feira de Santana." (PEDRA, 2005, s.p).

Anos passaram, e o casarão não serviria mais de moradia para a referida família, ficando abandonado. Por longos anos o casarão sofreu com as ações do tempo, por falta de manutenção, sofrendo depredações por vândalos. Na primeira década do ano 2000, por meio de acordo firmado entre a fundação Alfredo Pedra e a empresa Pirelli, foi executada uma reforma, evitando assim o seu desaparecimento.

Existem contradições sobre o Casarão dos Olhos D´água, os pesquisadores não são unânimes sobre sua história, uns o descreve como sendo pertencentes a fazenda adquirida por Domingos Barbosa de Araújo e sua esposa Ana Brandoa, outros ainda, relatam que o casarão não estava nas propriedades do casal, corroborando então para o desmonte da confusão histórica sobre o referido.

Entre os herdeiros e antigos moradores desse casarão o Sr. José de Almeida Pedra, conhecido na comunidade feirense como Zeca Pedra, afirma que o casarão pertenceu a Domingos e Ana, e que ainda foi residência dos padres Jesuítas, servido de pouso para os vaqueiros que transitavam em direção ao Recôncavo. Segundo Pedra:

“ Dizem os mais velhos que neste casarão já moraram jesuítas e como também um casal de portugueses, Domingos Araújo e Ana Brandoa. Dizem também que Feira de Santana nasceu desta fazenda Olhos D´Água; era uma porta de entrada de todo tipo de comércio que vendiam para o centro da cidade negociar, inclusive vaqueiros com boiada e cargas de rapadura, onde aos domingos colocavam o gado nos pastos e se arranchavam no casarão, e na 2a [sic] feira cedo iam para o campo do gado, que era onde hoje é a Biblioteca Municipal, e os rapadureiros iam para o Mercado Municipal vender suas rapaduras.” (PEDRA, 2005, s.p).

Diferentemente do que relata Pedra (2005), conforme matéria do pesquisador Carlos Mello, publicada no Jornal Folha do Norte, o Casarão é uma farsa Histórica, na Cidade de Feira de Santana.[1] (MELLO, 2017).

A área que abrangia o encapelado de Sant'Ana dos Olhos d'Água, pertencente a Domingos e Ana, tinha por medição mil e quinhentas braças de frente e duas mil seiscentas e setenta braças de fundo. Os limites do encapelado eram demarcados nas grandes e antigas lagoas, que desde outrora proporcionou o povoamento da região. Segundo Mello, C.,:

“ O encapelado, denominado Sant'Ana dos Olhos d'Água tinha sua medição de mil e quinhentas braças de frente, e de fundo duas mil seiscentas e setenta braças. Principia o terreno de um marco de pedra cravado na altura da lagoa Queimadinha, que se acha mística, o outro denominado Prato Raso até onde nasce o riacho Cipriano Barbosa, (Avenida Padre José de Anchieta – Avenida do Canal) que divide as terras deste encapelado até fazer barra com o rio Jacuípe, segue até o marco que existe encravado na estrada que vai para Cachoeira (Rua Araujo Pinho), contendo oitocentas braças de frente, tendo os fundo para o dito rio e os Três Riachos, conforme registro existente na Secretaria da Fazenda e Delegacia Fiscal da Bahia, às folhas cinqüenta e três do livro nº. 1” . (MELLO, C., 2017, p. 8)

O território no qual está inserido o casarão, não abrangia a área da fazenda Santana dos Olhos D'Água de propriedade de Domingos Barbosa e Ana Brandoa, é inexistente documento algum que comprove que o referido casarão tenha pertencido a fazenda do casal, o único documento existente, é do pedido de aforamento, mas já no final do século XIX, por Francisco José

da Costa e Almeida. Neste sentido Mello, C.:

“ O casarão pertence a Fundação Alfredo da Costa e Almeida Pedra conforme documentos, jamais fez parte das terras da fazenda Santana dos Olhos D’água, muito menos limite com a propriedade de Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa. Até o momento, não foi encontrado qualquer documento histórico do município de Feira de Santana, que fizesse referência ao casarão da família Pedra. Único documento que se encontra em mãos da família Pedra é sobre um aforamento de terras adquirido pelo senhor Francisco José da Costa e Almeida, obrigado que foi a pagar, anualmente, a título de foro, a quantidade de quinze mil reais em virtude da deliberação, em seção ordinária, através da Câmara, em 17 de março de 1887, conforme consta em Ata. A transcrição deste documento é assinado pelo presidente da Comarca Municipal da Cidade de Feira de Santana, Doutor Joaquim dos Remédios Monteiro, e o secretário, Francisco Batista Pedreira, em 20 de abril de 1888.” (cópia se encontra anexada à parede no casarão).” (MELLO, C., 2017, p. 8).

Toda criança feirense aprende na escola que o casarão pertenceu ao casal Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa, sendo esta reprodução uma farsa que teve início no ano de 1973. Neste contexto, Mello, C., assinala que:

“ A farsa histórica sobre o casarão da Fundação Alfredo da Costa e Almeida Pedra, que fica no bairro Areal, teve início em 1973 quando da primeira publicação em fotografia para ilustrar matéria no extinto Jornal Feira Hoje. Não corresponde a verdade que o citado casarão da Rua Araujo Pinho nº 1331, pertencera a Domingos Barbosa de Araujo e sua esposa Ana

Brandoa.” (MELLO, C., 2017, p. 8).

Na área do encapelado Sant'Ana dos Olhos d'Água, que pertenceu a Domingos Barbosa e Ana Brandoa, mais precisamente aos fundos da antiga usina de algodão, existiu uma casa até o século XX, serviu como escola que, segundo alguns historiadores é a casa de Domingos e Ana. No guia turístico da Feira de Santana, Helder Alencar, traz uma fotografia desta casa, informando que pertenceu ao casal e que estava servindo como escola, e homenageando o fundador da cidade.



Casa onde pode ter morado o casal Domingos e Ana, no início da atual Rua Araujo Pinho (acervo do jornalista Helder Alencar)

Como já foi dito anteriormente, existem controvérsias sobre a morada deste casal na cidade de Feira de Santana. Segundo Carlos Mello e mais uma gama de autores, o casarão não pertenceu a Domingos e Ana, afirmando que nem na área do dito encapelado estava inserido o casarão. O casarão dos Olhos d'Água é uma referência do início do povoamento desta cidade, onde ao longo dos anos testemunhou o desenvolvimento comercial, político e cultural de Feira de Santana.

REFERÊNCIA

- PEDRA, José de Almeida. **Memórias e vida da família Pedra**. Feira de Santana, 2005. Gráfica PRINT Folha Salvador.
- PEDREIRA, Pedro Tomás. **Município de Feira de Santana (das origens as instalações)**. Bahia – 1983.
- MELLO, Carlos. **CASARÃO DOS OLHOS D'ÁGUA UMA FARSA HISTÓRICA**. In: Jornal Folha do Norte. Edição especial: Feira de Santana, 2017. Disponível em: <http://folhadonortejornal.com.br/portal/wp-content/uploads/2015/12/ESPECIAL-CAD-I-e-II.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2017 às 15h35min.

VITOR BATISTA DOS SANTOS - Arqueólogo e Restaurador Documental. Como ativista cultural, coordena o Reisado Estrela de Belém. Pesquisador da História local e Religiosa, e da cultura material atrelada as sociedades tradicionais. Destacando que é Feirense e amante do colecionismo.

2020: UM ANO DESAFIADOR

Em março, quando estávamos nos preparando para dar início às nossas atividades acadêmicas, apareceu para o mundo uma doença terrível, a COVID - 19, doença esta provocada pela disseminação do CORONAVÍRUS que havia se espalhado pelo mundo e que chegou para o Brasil, naquele mês.

Foram paralisadas todas atividades do nosso município desde as Universidades, Escolas, Comércio de uma maneira geral, Igrejas, deslocamento das pessoas de uma cidade para outras, praticamente tudo...

O isolamento foi total, com a permanência das famílias em suas residências. Nunca ouvimos falar em uma Pandemia tão avassaladora como esta. No século passado existiram outras como a gripe espanhola, a peste negra, a gripe asiática e outras, mas esta doença, a COVID - 19, veio abalar nossas estruturas.

Vale ressaltar que, nossas atividades que deveriam ser iniciadas na primeira quinzena do mês de março, foram adiadas esperando que tudo fosse passar rápido. Não houve o desfile do Dois de Julho, no Distrito de Maria Quitéria, a comemoração dos dezessete anos de criação do IHGFS (21 de agosto de 2003), nossas reuniões mensais, o lançamento de nossos boletins, palestras previstas, relatos históricos de nossos confrades e congreiras e homenagens. Perdermos confrades importantes como o Sr. José Alexandrino Souza (faleceu em 05 de abril), Prof. Joselito Amorim (04 de outubro) e outros amigos e conterrâneos.

Em setembro, nos transferimos para a nossa nova sede, no Casarão dos Olhos D'Água. Depois de dezessete anos lutando por uma sede própria, conseguimos a nova que só irá funcionar quando essa Pandemia passar para todos nós que estamos esperando por uma vacina para voltarmos às nossas atividades

normais com segurança. O antigo endereço, o Arquivo Público Municipal, na Avenida Sr. dos Passos, foi de grande importância para o IHGFS. Lá fazíamos nossas reuniões e palestras, era o nosso endereço. Temos que agradecer aos governantes municipais pelo espaço que ocupamos durante dezessete anos, agradecimento que estendemos aos diretores e funcionários do Arquivo. Em igual situação de inércia, ficaram as nossas Academias.

Estamos estarecidos com tudo isso. Nossas correspondências estão paralisadas, embora estejamos lançando esta revista número 17.

Até quando tudo isso vai continuar? Precisamos voltar a ter uma vida normal, com garantia de tempos melhores (com uma vacina).

Esperamos com resiliência e fé em Deus...

LIACÉLIA PIRES LEAL

Presidente do IHGFS

NECROLÓGIO

JOSÉ ALEXANDRINO DE SOUZA

Lélia Vitor Fernandes de Oliveira



Nasceu em Feira de Santana/BA, no dia 29 de agosto de 1923. Filho de Manoel Alexandrino Souza e D. Augusta Rosa de Souza cursou o primário na Escola João Florêncio Gomes, o Ginásio e Contabilidade no Colégio Santanópolis. Formado em Contabilidade exerceu a profissão, como Contador da Firma Marinho Falcão S/ A, durante 18 anos. Instalou a casa comercial “Imperatriz” no ramo de roupas e sapatos. Sócio fundador da firma Alexandrino e Cia. e da Indústria e Confecções de Roupas Samir Ltda.

Foi presidente da Associação Comercial e sócio da mesma durante 30 anos; Presidente do Centro das Indústrias de Feira de Santana; membro do Conselho Diretor do Centro Industrial do Subaé; Procurador Geral da Santa Casa de Misericórdia, durante dois períodos; fundador do Grêmio Estudantil Honorato Bonfim; articulista do jornal “Santanópolis”, órgão estudantil, num período de dez anos; Diretor do SIM (Serviço de Integração do Migrante).; Idealizador do Projeto de construção do Velório da Santa Casa de Misericórdia.

Na presidência do Rotary Clube Feira Leste e um dos seus fundadores, elaborou o Estatuto e o Regimento Interno do Clube; deu apoio à Fundação Rotária, sendo a 1ª contribuição, deixando o Clube com 100% com a Fundação; indicou como

sócios honorários os rotarianos: Newton da Costa Falcão, Antônio Manoel de Araújo e Jonathas Teles de Carvalho; coordenou a “Semana da Paz”, após guerra - Companheiro Paul Harris do Rotary International; participou do Interclube de Alagoinhas e Cachoeira/São Félix; encetou campanhas de aquisição de material de construção, para a edificação da Escola Rotary; campanha de vacinação contra a Paralisia Infantil; organizou o cadastro geral do Clube; instituiu a entrega do escudo “Past-President” a todos os ex-presidentes; criou no Clube o Concurso e o Troféu Comerciarío Padrão.

Participou ativamente do movimento da ADESG, (Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra) em Feira de Santana, na função de coordenador e diretor de cursos, em nível de Pós- graduação do 1º ao 5º Ciclo de Estudos de Política e Estratégia; Autor do Projeto para a outorga do Título de Cidadão Feirense, ao Gal. Oswaldo Ferraro de Carvalho, que comandou o 18º Regimento de Infantaria.

Presidiu o Grupo de Escoteiros Domingos Barbosa.

Professor da Escola Primária Leonídio Rocha, criada pela Loja Maçônica Harmonia Luz e Sigilo, onde foi Venerável; Ex- presidente do Centro das Indústrias de Feira de Santana.

Coordenador da Semana da Paz, quando se comemorou 50 anos do fim da 2ª Guerra Mundial; Diretor da 1ª FEIRAM (Feira de Indústria e Comércio) realizada no Edifício Mandacaru.

Sócio Remido da Associação dos Ex-Combatentes e Coordenador dos Pracinhas; Conselheiro da Universidade Estadual de Feira de Santana; ex-Diretor do Montepio dos Artistas Feirenses; Sócio Benemérito da Associação Comercial de Feira de Santana; Sócio Fundador da Associação Comunitária Amigos de Feira de Santana (extinta); Sócio Honorário do Rotary Club Novo Horizonte; membro do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana.

Recebeu as seguintes homenagens: Diploma de Amigo

do 35º B.I.; Diploma de Amigos dos Ex-Combatentes; Medalha Amigos da Universidade Estadual de Feira de Santana; Companheiro Paul Harris; Medalha de Honra ao Mérito pela Associação Comercial de Feira de Santana; Comenda João Marinho Falcão do Centro das Indústrias de Feira de Santana; Medalha de Mérito Maçônico, pela Loja Maçônica Harmonia, Luz e Sigilo; Grau 33, pelo Supremo Conselho da Maçonaria para a República Federativa do Brasil, no Rio de Janeiro; Ordem Municipal do Mérito pela Prefeitura de Feira de Santana, no Grau de Comendador; batiza a sede da Associação Comercial, como Casa do Empresário José Alexandrino de Souza; Certificado de Reconhecimento do Diploma da Escola Superior de Guerra.

Casado com a Prof.^a Ariedalva Araújo Souza com quem tem cinco filhos: Marcos Manoel, Engenheiro Civil; José Alexandrino Souza Filho, Licenciado em Letras, com Francês, com Doutorado e Pós-doutorado, pela Universidade de Bordeaux, na França; Liliâne Maria, Arquiteta; Marcelo Augusto, Licenciado em Eletrônica e Maurício, Advogado.

Depois de ser acometido por um AVC, veio a óbito no dia 05 de abril de 2020. A sociedade feirense lamenta o falecimento de um cidadão probo e participativo.

LELIA VITOR FERNANDES DE OLIVEIRA – Professora, pesquisadora, poetisa e escritora. Tem vários livros publicados, é Membro do IHGFS, da Academia de Educação de F. de Santana e Presidente da Academia de Letras e Artes de Feira de Santana.

JOSÉ OLYMPIO MASCARENHAS

André Mascarenhas



Nasceu no dia 14 de agosto de 1939, em Salvador-BA, filho de Anacleto Figueiredo Mascarenhas e Aurelina da Silva Mascarenhas.

Exerceu vários cargos na área comercial de Feira de Santana. Foi proprietário, em sociedade com seu mano, Antônio Mascarenhas, o “Tonheiro”, da Visão Moda Masculina, loja que marcou época no comércio da cidade pela qualidade, arrojo e ideias criativas, como a criação do primeiro sistema de crédito próprio. A Visão se estendeu com sete lojas em Feira de Santana e uma em Salvador.

Foi presidente da CDL (Câmara de Dirigentes Lojistas) e, entre outras realizações fez a I Convenção Lojista da Bahia. Em reconhecimento à sua trajetória como lojista, dirigente da entidade e fundador do Sindicato do Comércio de Feira de Santana, a CDL concedeu a José Olympio o Título de “Lojista de Sempre”.

Ainda na área empresarial foi fundador da Rota Turismo, a primeira agência de viagens em Feira de Santana e também na MCar, primeira revendedora de automóveis multimarcas da cidade. No setor imobiliário, onde atuou durante décadas ajudou na expansão da cidade, investindo e implantando loteamentos em novas áreas do município.

A contribuição e o pioneirismo de José Olympio no setor da comunicação em Feira de Santana e na Bahia também são significativos. Foi um dos sócios do “Feira Hoje”, um dos principais jornais da história da cidade, que na sua gestão deixou de ser semanal para tornar-se o primeiro diário de Feira de Santana. No início dos anos 1980, quando as rádios FMs estavam começando a surgir no Brasil, Feira de Santana entrou para a história como a cidade a ter a primeira FM do interior do Nordeste, a Princesa FM, implantada por José Olympio Mascarenhas, que com muita criatividade, coragem e inovação conseguiu construir um transmissor próprio, ao lado do cientista feirense Drance Amorim e colocou a rádio no ar.

Outro ponto importante: mesmo com um jornal e rádio nas mãos, José Olympio nunca fez política, ocupou cargo público ou teve sequer filiação partidária durante toda a sua vida.

O Observatório Antares, hoje administrado pela UEFS e um dos motivos de orgulho de Feira de Santana foi idealizado e viabilizado pelo trabalho de um grupo de sonhadores, liderados por José Olympio.

Sua contribuição para a vida cultural da cidade inclui a participação da criação da Fundação Cultural de Feira de Santana, que editou o livro “Memórias Fotográficas de Feira de Santana”, obra de referência para a historiografia da cidade. Foi presidente e diretor social do Clube de Campo Cajueiro, onde criou o tradicional “Caju de Ouro”, grande baile pré-micaretesco que nos anos de 1970, trouxe grandes artistas para Feira de Santana e atraiu a atenção da mídia nacional para a cidade e sua principal festa.

José Olympio faleceu no dia 30 de novembro de 2019, deixando viúva a Sr^a Iara Jaciene Mascarenhas e dois filhos: André e Victor Mascarenhas.

ANDRÉ MASCARENHAS - publicitário e filho do biografado.

ANTONIO RAMOS DA SILVA (RAMOS FEIRENSE)

HOMEM DE CULTURA E FÉ

Vitor Batista dos Santos



Antônio Ramos da Silva nasceu em 20 de novembro de 1928, na cidade de Feira de Santana, na Chácara Ramos, localizada na antiga estrada de rodagem, que fazia a ligação Feira a Salvador, hoje denominada Rua Senador Quintino, no Bairro dos Eucaliptos. Filho primogênito do Sr. Leôncio Ramos Gomes e Sra. Hilda Ramos da Silva. Ramos iniciou seus estudos tardiamente, tendo um fato interessante ocorrido em sua infância, quando rasga a cartilha de ABC em uma estaca do curral, onde seu pai negociava gado. Mas, o desejo pela educação é despertado, e torna-se aluno exemplar na Escola General Osório, no ano de 1944, cursa o Primário. A referida escola tinha como fundadora e diretora a Professora Edna Laureana de Oliveira, a qual Ramos muito estimava. Nesta escola, Ramos ingressa no grupo de escoteiro, criado pela professora Edna. Em 1947, após os estudos primários, Ramos inicia seus estudos ginasiais no Colégio Santanópolis. Em 1953, ingressa na antiga Escola Normal de Feira de Santana, para efetuar os estudos pedagógicos.

Como professor, assume a cadeira de Professor primário, indo lecionar na localidade de Boa Hora, do município de Ribeira

do Amparo. Passa por diversos locais como professor, levando sempre a punho a bandeira da educação. Anos depois presta vestibular na Universidade Estadual de Feira de Santana, para Estudos Sociais. Lecionou diversas disciplinas, entre elas História e Educação, Moral e Cívica. Nas proximidades de sua aposentadoria, pede remoção para o Colégio Polivalente de Feira de Santana, a fim de retribuir com sua terra natal as conquistas da educação.

Fundou diversas associações culturais e religiosas, entre elas o Centro Cultural Récreo Educativo Monsenhor Amílcar Marques – CECREMAM, e a Biblioteca Sra. Lindomar Lima dos Santos, em Nova Redenção- Bahia. Como Jornalista atuou em A Tarde, como revisor e titular da coluna Charadismo; no Diário de Notícias, como revisor e repórter; no Folha do Norte, como titular da coluna o CECREMAM na FN.

Antônio Ramos é autor do hino de diversas cidades baianas. Além disso, ainda é o criador de brasões e bandeiras de algumas dessas cidades e de várias instituições. As cidades de Nova Soure, Amélia Rodrigues, Araci, Candeias, Ichu, Itaparica, Lagoa das Pedras, Monte Santo, Nova Itarana, Nova Redenção, Ubatã e Xique-Xique e São Gonçalo dos Campos foram transcritas nas letras do poeta, que fazia questão de exaltar as qualidades artísticas, históricas, culturais e religiosas. Idealizou e construiu o marco comemorativo do primeiro Centenário de Feira de Santana em 1973, e o Templo - Escola Santa Rita de Cássia em 1978.

No município de São Gonçalo dos Campos, idealizou e coordenou as comemorações do primeiro Centenário da Cidade, que teve vasta programação cívica, cultural e religiosa. Entre elas uma exposição com objetos que traduziam a vida do povo São-gonçalense. Livretos e canções foram escritos, e visitas foram realizadas. A imagem do Padroeiro da cidade visitou Feira de Santana.

Antônio Ramos foi condecorado com vários Títulos e honrarias em diversos municípios da Bahia. Em Nova Redenção, Ichu, Nova Soure, Candeias e Itaparica, foi laureado com o Título de Cidadão. Em Feira de Santana, recebeu a Comenda Godofredo Filho, e Maria Quitéria, na Câmara Municipal de Vereadores. Na Europa, foi certificado com o título de Comendador da Cultura e da Educação em Portugal. Foi casado com a Senhora Tereza Lurdes, desta união nasceram três filhos e três netos. Antônio Ramos da Silva faleceu aos 20 de fevereiro de 2016, com 87 anos, deixando grande legado de cultura, civismo e religiosidade.

VITOR BATISTA DOS SANTOS- Membro do IHGFS,
Arqueólogo e afilhado de Antônio Ramos da Silva (Ramos Feirense).

RECOMENDAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA DO IHGFS



A Revista do IHGFS – Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana é uma publicação anual que visa divulgar e disseminar assuntos das Ciências História e Geografia, principalmente de Feira de Santana e sua macrorregião, além de promover cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico. Os trabalhos enviados para publicação deverão ser submetidos à Comissão de Publicação da Revista para análise da viabilidade de publicação. Antes de remeter o texto, observe:

- 1. Escreva naturalmente sem a preocupação de formatar o texto, tal como contar espaços, etc. Esta tarefa é de responsabilidade do diagramador.**
- 2. Evite assuntos que envolvam política, religião ou temas outros que possam gerar polêmicas**

- 3. Use programa WORD, fonte Calibri, Arial ou Times New Roman, tamanho 12, espaço entre linhas de 1,15 ou 1,50 mm.**
- 4. Evite escrever mais de 8 a 10 laudas, lembrando-se que precisamos ceder espaço para os que querem colaborar. Trabalhos maiores que isto deverão ser submetidos à Comissão. No tocante a biografias, as mesmas regras, sendo o máximo de 4 laudas, acompanhadas da foto do biografado.**
- 5. Após revisá-lo, entregue o trabalho através de e-mail ou pen driver. Remeta junto as figuras que quer incluir (pedimos fotos ou gravuras de boa qualidade). Lembramos, ainda, que o texto é de responsabilidade de quem o escreve. Ao diagramador caberá, apenas, mudar a formatação básica como tipo de letra, tamanho, etc., sem alterar a redação do trabalho, sejam palavras, pontuação ou coisas da espécie. Siglas devem ser evitadas. Se colocá-las tenha o cuidado de explicá-las. Exemplo: ABL – Academia Brasileira de Letras.**
- 6. Os textos digitalizados, em forma de arquivo, deverão ser enviados para a Diretoria de Publicações, contendo dados pessoais e pequeno currículo, entre 01 de janeiro e 30 de junho para publicação. Findo o prazo, não mais acataremos novos trabalhos.**
- 7. Os textos publicados não serão remunerados sob nenhum pretexto e os originais, porventura remetidos, não serão devolvidos.**

Agradecida,
A COMISSÃO EDITORIAL

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A Diretoria do IHGFS agradece penhoradamente às entidades abaixo que, dotadas de alto espírito social, tornaram possível a edição desta Revista.



CENTRO DAS INDÚSTRIAS DE FEIRA DE SANTANA



SINDIPLASF

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE ARTEFATOS PLÁSTICOS, BORRACHAS, TÊXTEIS, PRODUTOS MÉDICOS HOSPITALARES, ODONTO, VETERINÁRIOS, LINHA DE MONTAGEM DE PRODUTOS AFINS DE FEIRA DE SANTANA E REGIÃO;



SIMMEFS

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DO MATERIAL ELÉTRICO DE FEIRA DE SANTANA E REGIÃO



SINDICATO DA INDÚSTRIA DO VESTUÁRIO DA REGIÃO DE FEIRA DE SANTANA



SINDICATO INTERMUNICIPAL DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO E CONFEITARIA DO ESTADO DA BAHIA

MARIA JOSÉ NEGRÃO



Maria Quitéria de Jesus
Óleo sobre tela - 1,48 m. x 1,00 m.

Diplomada em Magistério, Bel^a e Mestre em Teologia. Membro da Academia de Letras e Artes e do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana e pertence a diversas Academias Nacionais e Internacionais. Nas Artes Plásticas participou de exposições nacionais e internacionais. Detentora de diversos troféus, medalhas e títulos honoríficos em Artes Plásticas e Literatura. Publicou o livro “A menina que falava com o beija-flor”.